



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

XI Legislatura

Número: 119

IV Sessão Legislativa

Horta, quarta-feira, 15 de janeiro de 2020

**Presidente:** *Deputada Ana Luís (substituída no decorrer da sessão pelo Deputado Dionísio Faria e Maia)*

**Secretários:** *Deputado Manuel Pereira e Deputado Bruno Belo (substituído no decorrer da sessão pelo Deputado Jorge Jorge)*

### Sumário

*Eram 10 horas e 07 minutos.*

Após a chamada dos Srs. Deputados, passou-se para o Período de Tratamento de Assuntos Políticos, onde foram apresentados vários Votos:

- **Voto de Congratulação pelos 25 anos de existência da Aurora Social.**

Feita a apresentação pela Sra. Deputada Sónia Nicolau (PS) e tendo usado da palavra o Sr. Deputado Luís Maurício (PSD), o mesmo foi aprovado por unanimidade;

- **Voto de Pesar pelo falecimento de Serge Viallelle.**

O voto supracitado foi aprovado por unanimidade após ter sido apresentado pelo Sr. Deputado Mário Tomé (PS);

- **Voto de Pesar pelo falecimento de Serge Viallelle.**

Feita a apresentação pelo Sr. Deputado Jorge Jorge (*PSD*), o mesmo foi aprovado por unanimidade;

**- Voto de Pesar pelo falecimento de Frank Monteiro.**

Apresentado o voto pelo Sr. Deputado João Vasco Costa (*PS*) e depois de ter usado da palavra a Sra. Deputada Elisa Sousa (*PSD*), o mesmo foi aprovado por unanimidade;

**- Voto de Pesar pelo falecimento do Sr. António Pedro Borba da Rocha.**

O referido voto foi aprovado por unanimidade, após ter sido apresentado pela Sra. Deputada Maria de Fátima Ferreira (*PS*) e de terem usado da palavra a Sra. Deputada Mónica Seidi (*PSD*) e o Sr. Deputado Alonso Miguel (*CDS-PP*);

**- Voto de Pesar pelo falecimento de Laurindo Ventura.**

Apresentado o voto pelo Sr. Deputado Carlos Silva (*PS*) e tendo posteriormente usado da palavra o Sr. Deputado Jaime Vieira (*PSD*), o mesmo foi aprovado por unanimidade.

De seguida, foram ainda apresentadas duas Declarações Políticas, a primeira pela Sra. Deputada Mónica Seidi (*PSD*), seguindo-se o Sr. Deputado António Lima (*BE*).

Sobre a primeira, pediram a palavra para intervir no debate os Deputados Dionísio Faria Maia (*PS*), Paulo Mendes (*BE*), Artur Lima (*CDS-PP*), Paulo Estêvão (*PPM*), João Paulo Corvelo (*PCP*), a Sra. Deputada Graça Silveira (*Independente*), bem como a Sra. Secretária Regional da Saúde (*Maria Luciano*).

No seguimento da intervenção do Sr. Deputado Paulo Estêvão (*PPM*), pediu a palavra para um protesto o Sr. Deputado Francisco César (*PS*).

Sobre a segunda, intervieram os Srs. Deputados Artur Lima (*CDS-PP*), José San-Bento (*PS*), Luís Garcia (*PSD*), Paulo Estêvão (*PPM*), João Paulo Corvelo (*PCP*), a Sra. Deputada Graça Silveira (*Independente*) e ainda o Sr. Presidente do Governo Regional (*Vasco Cordeiro*).

Posteriormente, passou-se para a Agenda da Reunião com o [Projeto de Resolução n.º 158/XI – “Implementação de uma Rede de Creches e de CATL entre as freguesias de São Bartolomeu e Altares, no concelho de Angra do Heroísmo”](#), apresentado pelo Grupo Parlamentar do BE.

Após a apresentação pelo Sr. Deputado Paulo Mendes, participaram no debate as Sras. Deputadas Maria Isabel Quinto (*PS*), Graça Silveira (*Independente*), os Srs. Deputados César Toste (*PSD*), Artur Lima (*CDS-PP*), João Paulo Corvelo (*PCP*), Paulo Estêvão (*PPM*), bem como a Sra. Secretária Regional da Solidariedade Social (*Andreia Costa*).

Submetido à votação, o diploma foi aprovado por maioria, tendo pedido a palavra para declarações de voto os Srs. Deputados Paulo Estêvão (*PPM*) e Paulo Mendes (*BE*).

Posteriormente, foi apresentado o relatório sobre a [Petição n.º 38/XI – “Pelo livre acesso à zona comercial do Porto das Velas quando não estiverem embarcações a operar”](#), apresentada por Armando de Jesus Dutra da Silveira, na qualidade de primeiro subscritor, pelo Sr. Deputado Carlos Silva (*PS*).

Usaram da palavra os Srs. Deputados Alonso Miguel (*CDS-PP*), António Lima (*BE*), João Paulo Corvelo (*PCP*), António Pedroso (*PSD*), André Rodrigues (*PS*) e a Sra. Deputada Graça Silveira (*Independente*).

Por fim, foi discutido o [Projeto de Resolução n.º 143/XI – “Recomenda ao Governo da República que dê início às negociações do Acordo Laboral para a defesa dos postos de trabalho e dos direitos dos trabalhadores da Base das Lajes”](#), apresentado pela Representação Parlamentar do PCP.

Após a apresentação do diploma pelo Sr. Deputado João Paulo Corvelo (*PCP*), participaram no debate os Deputados Francisco Coelho (*PS*), Artur Lima (*CDS-PP*), César Toste (*PSD*), Paulo Mendes (*BE*), Paulo Estêvão (*PPM*), a Sra. Deputada Graça Silveira (*Independente*), bem como o Sr. Presidente do Governo Regional (*Vasco Cordeiro*).

Após a rejeição do diploma por maioria, pediram a palavra para declarações de voto os Srs. Deputados César Toste (*PSD*), Francisco Coelho (*PS*), Paulo Estêvão (*PPM*) e a Sra. Deputada Graça Silveira (*Independente*).

*Eram 19 horas e 30 minutos.*

**Presidente:** Bom dia.

Agradeço que ocupem os vossos lugares. Vou pedir ao Sr. Secretário da Mesa o favor de fazer a chamada.

*Eram 10 horas e 07 minutos*

**Secretário:** Bom dia.

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os/as seguintes Deputados/as:*

***Partido Socialista (PS)***

**Ana Luísa Pereira Luís**

**Bárbara Pereira Torres de Medeiros Chaves**

**Carlos Emanuel Rego Silva**

**Dionísio Medeiros Faria e Maia**

**Domingos Manuel Cristiano Oliveira da Cunha**

**Francisco Miguel Vital Gomes do Vale César**

**Iasalde Fraga Nunes**

**João Vasco Pereira da Costa**

**José António Vieira da Silva Contente**

**José Carlos Gomes San-Bento** de Sousa

**Manuel** Alberto da Silva **Pereira**

**Manuel** José da Silva **Ramos**

Maria da **Graça** Oliveira **Silva**

**Maria de Fátima** Soares Fernandes Rocha **Ferreira**

**Maria Eduarda** Silva Moniz **Pimenta**

**Maria Isabel** da Silveira Costa Rosa **Quinto**

**Mário** José Diniz **Tomé**

**Marta** Ávila de **Matos**

**Marta** Cristina Moniz do **Couto**

**Mónica** Gomes Oliveira **Rocha**

**Renata** **Correia** **Botelho**

**Ricardo** Bettencourt **Ramalho**

**Sónia** Cristina Franco **Nicolau**

**Tiago** Dutra da Costa Rodrigues **Branco**

*Partido Social Democrata (PSD)*

**António** Augusto Batista Soares **Marinho**

**António** Manuel Silva **Almeida**

**António** Vasco Vieira Neto de **Viveiros**

**Bruno** Filipe de Freitas **Belo**

**Carlos** Manuel da Silveira **Ferreira**

**Catarina** Goulart **Chamacame** **Furtado**

**César** Leandro Costa **Toste**

**Elisa** Lima **Sousa**

**Jaime** Luís Melo **Vieira**

**João** Luís Bruto da Costa Machado da **Costa**

**Jorge** Alexandre Alves Moniz **Jorge**

**Luís Carlos Correia Garcia**

**Luís Maurício Mendonça Santos**

**Luís Miguel Forjaz Rendeiro**

**Marco José Freitas da Costa**

**Mónica Reis Simões Seidi**

*Partido Popular (CDS/PP)*

**Alonso Teixeira Miguel**

**Artur Manuel Leal de Lima**

*Bloco de Esquerda (BE)*

**António Manuel Raposo Lima**

**Paulo José Maio Sousa Mendes**

*Coligação Democrática Unitária (PCP-PEV)*

**João Paulo Valadão Corvelo**

*Partido Popular Monárquico (PPM)*

**Paulo Jorge Abraços Estêvão**

*Independente*

**Maria da Graça Amaral da Silveira**

**Presidente:** Obrigada, Sr. Secretário.

Estão presentes 46 Sras. e Srs. Deputados, temos quórum.

Declaro aberto a sessão.

Pode entrar o público.

A nossa manhã de hoje está reservada ao PTAP.

Vamos iniciar com a apresentação dos votos. O primeiro é de congratulação pelos 25 anos de existência da Associação Aurora Social. É apresentado pelo Partido Socialista e tem a palavra a Sra. Deputada Sónia Nicolau.

**Deputada Sónia Nicolau (PS):** Sra. Presidente, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

### **VOTO DE CONGRATULAÇÃO**

#### **25 anos de existência da Associação Aurora Social**

Em abril de 1994 foi fundada a Aurora Social como associação de promoção de emprego apoiado, na ilha de São Miguel, que tem como missão promover a ocupação, reabilitação e valorização pessoal, social e profissional de jovens e adultos com deficiência mental ligeira e moderada.

O movimento de pessoas pela criação de uma instituição que respondesse a jovens e adultos com deficiência foi desencadeado pelos pais e mães fundadores João Maria Cardoso Silva, Margarida Jácome Correia Hintze Rodrigues, Donaria Moniz, Manuela Ribeiro e Helena Cosme Cardoso Silva e na qualidade de técnicos fundadores Artur Martins, Leonor Barbosa e como tantas outras pessoas dedicadas a esta nobre causa nestes 25 anos. Referenciar estas pessoas é da mais legítima oportunidade, por terem tido a coragem e a preocupação comum para integrar social e profissionalmente as crianças e jovens. É de registar e de, por intermédio deste voto, saudar.

A Aurora Social durante os 25 anos de existência imprimiu e fortaleceu a premência de atender o cidadão deficiente como alguém com direitos plenos, desde logo, ao de uma ocupação, ao de um emprego. E por este desígnio, desde logo para apoiar a sua sustentabilidade e garantir postos de trabalho para pessoas com necessidades especiais, atua no mercado da economia solidária.

Perante o confronto com uma realidade difícil, mas que deve ter sempre o valor da dignidade da pessoa humana e a autonomização do indivíduo, o trazer a pessoa com deficiência para fora dos seus espaços naturais, como a sua casa, para um mundo onde a sua identificação luta-se para que seja plena, foi um desafio nos primórdios da criação da associação e que hoje ainda é um caminho de contínuas conquistas.

Este voto de congratulação atesta a resiliência de quem acredita, e são muitos, dos funcionários aos pais e a todos aqueles que cooperam para uma sociedade plena onde todos contam, tendo atualmente como presidente da direção Cristina Amaral.

E este é um enorme desafio, de peso e relevância humanista, de que muito mais do que incluir é assumir que cada um dos cidadãos com deficiência contam para melhorar não apenas o individual, mas a nossa consciência e ação coletivas.

Assim, ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista propõe que a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores emita um Voto de Congratulação pelos 25 anos de existência da Aurora Social, dando conhecimento aos órgãos sociais da associação, e quando possível, às pessoas indicadas no presente voto.

Muito obrigada.

Horta, Sala de Sessões, 15 de janeiro de 2020.

*Os Deputados*, Francisco César, Sónia Nicolau, José Contente, Eduarda Pimenta e Marta Couto

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Pergunto se há inscrições?

Sr. Deputado Luís Maurício tem a palavra.

(\*) **Deputado Luís Maurício (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:



Queria, em nome da bancada do PSD, associar-me a este voto apresentado pelo Partido Socialista de congratulação pela passagem do 25.º aniversário da Aurora Social.

Queria, em nome do PSD, apresentar a congratulação a todos os seus corpos sociais, aos seus fundadores e aos colaboradores que trabalham nesta instituição, que lutam desde há muitos anos por instalações condignas e que finalmente as vão ter proximamente, embora segundo os próprios, não numa situação ideal, mas por vezes o ideal é o inimigo do bom e certamente ficarão em melhores condições do que aquelas que atualmente possuem.

Mas queria, aproveitando esta oportunidade e se me permitem, enaltecer na figura institucional da Aurora Social todos aqueles que de forma voluntária se encontram à frente das nossas instituições particulares de solidariedade social e em particular na área da deficiência. É uma tarefa muitíssimo dura, que exige a todos uma disponibilidade quase total, no sentido de servirem o próximo e servirem particularmente aqueles que não têm, por via da sua deficiência, quem os defenda.

**Deputada Mónica Seidi (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Em nome do PSD um agradecimento ao todos aqueles que de forma voluntária servem os outros nesta Região.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Não havendo, vamos passar à votação:

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam, façam o favor de se manter como estão.

**Secretário:** O voto anunciado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Passamos agora aos votos de pesar, o primeiro é apresentado pelo PS, refere-se ao falecimento de Serge Viallelle. Tem a palavra o Sr. Deputado Mário Tomé.

**Deputado Mário Tomé (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

## VOTO DE PESAR

### Pelo falecimento de Serge Viallelle

Faleceu no passado dia 10 de dezembro, de forma prematura, em França, Serge Viallelle, o pioneiro do *Whale Whatching* nas Lajes do Pico e nos Açores.

Serge Viallelle, velejador, descobriu os Açores em 1987, ano em que foi capturado o último cachalote nas Lajes do Pico. Em parceria com um antigo vigia de baleia, João *Vigia*, fundou, em 1989, o Espaço Talassa. Em 1991 criou o primeiro projeto açoriano de proteção do meio marinho e de educação do público: *Golfinhos, Baleias e Homens*. A Base de Observação dos Cetáceos dos Açores (BOCA) abre as suas portas em 1995, junto ao Porto das Lajes do Pico, ao lado do Museu dos Baleeiros.

Foi o primeiro e o grande responsável pela passagem da caça à baleia para o uso sustentável e pacífico dos cetáceos nos Açores. Conforme referiu Sidónio Bettencourt, no programa da Antena 1, *Inter-Ilhas*, de 11 de dezembro de 2019, Serge Viallelle é o primeiro baleeiro moderno dos nossos tempos.

Serge Viallelle foi fundamental para a atividade marítimo-turística de observação de cetáceos nos Açores, nomeadamente no que diz respeito à regulamentação e legislação em torno desta nova atividade, assumindo-se como uma referência histórica e incontornável neste domínio. O seu contributo foi decisivo aquando da extinção da atividade baleeira nos Açores, convertendo-a

em novos usos sociais, culturais, desportivos, ambientais e, conseqüentemente, económicos que, hoje em dia, se praticam em toda a Região.

Em 2010, o Turismo de Portugal atribuiu a Serge Viallelle uma medalha de prata de mérito turístico.

Serge Viallelle deixa um legado notável. Trouxe aos Açores, à ilha do Pico, e à Vila das Lajes do Pico, em particular, novas rotas e novos meios de comunicação, permitindo que a imagem da nossa Região, e do nosso santuário de baleias e golfinhos, se tornasse universal.

Assim e ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis, o Grupo Parlamentar do Partido Socialista propõe que a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, aprove este Voto de Pesar, do qual deve ser dado conhecimento à sua esposa e filhos, à Assembleia e Câmara Municipal das Lajes do Pico e ao Museu do Pico.

Disse.

Horta, Sala de Sessões 15 de janeiro de 2020

*Os Deputados*, Francisco César, Mário Tomé, Marta Matos, Maria Isabel Quinto e José Ávila.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há inscrições?

Julgo não haver.

Vamos então passar à votação:

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam, façam o favor de se manter como estão.

**Secretário:** O voto apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** O próximo voto de pesar refere-se também ao falecimento de Serge Viallelle, desta feita é apresentado pelo PSD. Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Jorge.

**Deputado Jorge Jorge (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

**Voto de Pesar**

**falecimento de Serge Viallelle**

Faleceu, vítima de doença prolongada, Serge Viallelle, precursor do whale watching nos Açores, co-fundador da primeira empresa a oferecer este produto no Arquipélago, em 1989, o Espaço Talassa. Em 1991, foi da sua autoria o primeiro projeto açoriano de proteção do meio marinho e de educação do público “Golfinhos, Baleias e Homens” Fundou a Base de Observação de Cetáceos dos Açores, com a ajuda do João “Vigia” nas Lajes do Pico, local onde se fixou, por amor, aos Açores, às Lajes e a uma açoriana.

Sérge Viallelle foi o primeiro, e como tal travou longas batalhas, principalmente de mentalidade, ao propor-se dar a conhecer as baleias no seu habitat natural, onde até bem pouco tempo antes eram caçadas, e quando a atividade do whale watching era ainda um total vazio legal.

Sérge foi o primeiro e o grande responsável pela passagem da caça à baleia para o uso sustentável e pacífico dos cetáceos nos Açores. Não foi apenas importante para as Lajes do Pico, e não foi apenas importante para a observação de cetáceos nos Açores, o Sérge foi crucial para a mudança pacífica e entusiasta da caça à baleia para todos os usos sociais, culturais, desportivos, ambientais e, evidentemente, económicos que, hoje em dia, nos proporcionam os cetáceos nos Açores. Houve outras pessoas importantes, mas o Sérge foi o primeiro. Ele mostrou o caminho que depois trilhámos em todos os Açores. Outros se seguiram e hoje os Açores assumem-se como um santuário de baleias e golfinhos, sendo o whale watching uma das atividades turísticas mais mediáticas da Região

Em 2010, o turismo de Portugal atribuiu a Serge uma medalha de prata de mérito turístico.

Serge Viallelle foi um visionário, um mestre no ambiente e um parceiro para os jovens e as atividades da escola. Nunca disse que não aos nossos alunos, sempre teve total disponibilidade para receber as crianças e jovens no seu espaço ou ir ao seu encontro até à escola. Ajudou de forma marcante a moldar a consciência dos nossos alunos para as questões ambientais. As Lajes ficam para sempre gratas ao "francês" que escolheu esta vila para se fixar e desenvolver as suas ideias de turismo.

Assim, nos termos das disposições regimentais aplicáveis, o Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata propõe à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, que seja aprovado um Voto de Pesar pelo falecimento de Serge Viallelle, dando conhecimento dele à sua família.

Horta, Sala das Sessões, 15 de janeiro de 2020.

*Os Deputados*, Luís Maurício, João Bruto da Costa, Jorge Jorge, Mónica Seidi e Bruno Belo.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há inscrições?

Não havendo, vamos passar à votação:

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam, façam o favor de se manter como estão.

**Secretário:** O voto apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** O próximo voto é de pesar pelo falecimento do mariense Frank Monteiro.

Tem a palavra pelo Partido Socialista o Sr. Deputado João Vasco Costa.

**Deputado João Vasco Costa (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

### **Voto de Pesar**

#### **Pelo falecimento do mariense Frank Monteiro**

Francisco Monteiro, também conhecido por Frank Monteiro, um de quatro filhos de uma família tradicional da Freguesia de Santo Espírito em Santa Maria, faleceu no passado dia 15 de outubro de 2019, no Canadá, com 67 anos de idade, deixando mulher, dois filhos e dois netos.

Emigrou para o Canadá com 14 anos de idade e, após o 25 de abril de 1974, nunca deixou de anualmente visitar os Açores, com paragem obrigatória na sua terra natal. Foi, ao longo dos anos, um verdadeiro embaixador da sua terra, promovendo-a com orgulho no seu país de acolhimento e trazendo imensos amigos canadianos para visitar os Açores.

Sempre bem-disposto e muitas vezes brincalhão, revelou uma afabilidade de trato e generosidade ímpar, pelo que granjeou a simpatia generalizada dos seus conterrâneos estendendo-se igualmente este sentimento na comunidade onde residiu.

Tinha sempre uma palavra amiga e de otimismo para todos, mesmo durante a doença que acabaria por lhe antecipar a última viagem.

Residente em *Cambridge*, na província de Ontário no Canadá desde 1966, foi um pai orgulhoso de dois filhos e avô extremoso de dois netos.

A sua firmeza de carácter fez com que fosse imensamente respeitado enquanto polícia na região de Waterloo, como agente em patrulha, agente infiltrado, e detetive. Frank Monteiro atingiu o topo de carreira com 35 anos de serviço, tendo sido o primeiro polícia português da sua região.

A sua personalidade e feitio levaram a que fosse eleito “Council” (Vereador) desde 2010 na Câmara de Cambridge, onde cumpria o seu terceiro mandato. Foi igualmente o primeiro Português a ser eleito “Council” na sua região e, também, na atividade política pautou a sua atuação por determinação e paixão

inquebrantáveis, ao ponto da Presidente da Câmara de *Cambridge*, *Kathryn Mc Garry* ter escrito a propósito do seu falecimento que: “Frank Monteiro era um defensor acérrimo de *Cambridge* e dos seus eleitores, abordava cada questão com empatia, paixão e bom senso. O seu trabalho ao longo dos anos fez da cidade de *Cambridge* um lugar melhor e mais forte, ele fará muita falta nesta comunidade.”

Igual falta fará a toda a sua família e amigos, sendo por via disso também uma importante perda para Santa Maria e para o reconhecimento dos Açores na comunidade onde residia.

Assim sendo, nos termos regimentais e estatutários aplicáveis, os Deputados do Grupo Parlamentar do Partido Socialista propõem à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores a aprovação de um Voto de Pesar pelo Falecimento de Frank Monteiro e que deste voto seja dado conhecimento à sua mulher e filhos, à Assembleia Municipal da cidade *Cambridge* em Ontário, Canadá e à Assembleia Municipal de Vila do Porto.

Horta, sala das sessões, 15 de janeiro de 2020.

*Os Deputados*, Francisco César, João Vasco Costa e Bárbara Chaves.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há inscrições?

Sra. Deputada Elisa Sousa tem a palavra.

(\*) **Deputada Elisa Sousa (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs.

Membros do Governo:

O PSD associa-se com pesar a este voto apresentado pelo PS pelo falecimento de Francisco Monteiro.

Era conhecido por ser amigo do seu amigo e ter muita determinação e tinha muito orgulho em ser mariense e em divulgar a cultura açoriana por todos os lugares por onde passava.

Portanto, o PSD lamenta assim a sua partida prematura.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Julgo não haver mais inscrições?

Vamos então passar à votação:

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam, façam o favor de se manter como estão.

**Secretário:** O voto apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** O próximo voto de pesar refere-se ao falecimento de António Pedro Borba da Rocha.

É apresentado pelo PS, tem a palavra a Sra. Deputada Fátima Ferreira.

**Deputada Maria de Fátima Ferreira (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

### VOTO DE PESAR

#### António Pedro Borba da Rocha

No passado dia 9 de dezembro, faleceu em Angra do Heroísmo, António Pedro Borba da Rocha, aos 66 anos de idade.

O terceirense António Rocha começou a colaborar com o Rádio Clube de Angra em 1979, ocupando-se da componente técnica e envolvendo-se na construção da nova sede da estação radiofónica angrense, inaugurada a 25 de junho de 1987.

Após um interregno na sua colaboração com o Rádio Clube de Angra, António Rocha regressou à “Voz da Terceira” em 2003, ascendendo à vice-presidência da estação e ao comando de várias equipas diretivas.

António Rocha, que teve um papel fundamental na modernização tecnológica do Rádio Clube de Angra, acabou por assumir o cargo de Presidente da Direção do RCA em 2005, tendo-se mantido durante dez anos à frente da estação de radiodifusão angrense.



A sua ligação à rádio levou-o a ser delegado para os Açores da ARIC— Associação das Rádios de Inspiração Cristã e, posteriormente, diretor nacional da mesma.

Foi sócio fundador da Açormega, uma empresa que prestava serviços de informática na Terceira e em São Miguel e, em 1999, fundou a firma Açorlógica, em parceria com Roberto Aguiar.

A empresa Açorlógica, sediada na Ilha Terceira e representada em todas as ilhas dos Açores pelos seus Parceiros, à exceção de Flores e Corvo, é uma empresa centrada na comercialização das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicações), dedicada essencialmente à área empresarial, dando especial destaque à modernização e inovação tecnológica e prestando serviços informáticos, instalação de sistemas de segurança e serviços de reparação, manutenção e outsourcing sendo, também, a patrocinadora oficial do Club Championship Açorlógica, o torneio que atribui os títulos de campeões do Clube de Golfe da Ilha Terceira.

Aliás, esse patrocínio deveu-se à paixão de António da Rocha pelo golfe, modalidade que praticava com gosto, como sócio do Clube de Golfe da Ilha Terceira, instituição que sempre contou com a sua colaboração e de cujos órgãos sociais fez parte.

António Rocha era um homem e cidadão empenhado, dedicado e inspirado e que sempre teve o desejo de ajudar as instituições locais, sendo lembrado pela entrega e profissionalismo com que desempenhava as suas funções.

Assim, ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis, o grupo Parlamentar do Partido Socialista propõe à Assembleia Legislativa Regional da Região Autónoma dos Açores, reunida em sessão Plenária no período legislativo de janeiro de 2020, a aprovação de um Voto de Pesar pelo falecimento do Sr. António Pedro Borba da Rocha.

Do presente Voto de Pesar deve ser dado conhecimento à sua família, à Direção do Rádio Clube de Angra e à empresa Açorlógica.

Tenho dito.

Horta, Sala das Sessões, 15 de janeiro de 2020

*Os Deputados*, Francisco César, Fátima Ferreira, António Parreira, Domingos Cunha, Francisco Coelho, Maria Isabel Quinto e José Ávila.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Pergunto se há inscrições?

Sra. Deputada Mónica Seidi tem a palavra.

(\* **Deputada Mónica Seidi (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O grupo parlamentar do Partido Social Democrata associa-se com enorme sentido de pesar a este voto em memória de António Borba Rocha relevando desde já, o papel fundamental que teve numa instituição que é por todos nós reconhecida, o Radio Clube de Angra e por tudo aquilo que fez em prol da sua terra.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

O último voto desta manhã é de pesar pelo falecimento ...

Peço desculpa e para mais, para além de lhe dar a palavra também teríamos que votar por isso, Sr. Deputado Alonso Miguel tem a palavra.

(\* **Deputado Alonso Miguel (CDS-PP):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O grupo parlamentar do CDS-PP associa-se com grande pesar a este voto pelo falecimento do Sr. António Rocha, um grande homem, que deu um grande contributo durante muitas décadas ao Rádio Clube de Angra pelo seu grande desempenho, pela sua competência técnica e também pela isenção com que sempre liderou os destinos do Rádio Clube de Angra.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Julgo não haver mais inscrições?

Vamos então passar à votação:

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam, façam o favor de se manter como estão.

**Secretário:** O voto apresentado foi aprovado por unanimidade.

*(Neste momento o Deputado Jorge Jorge ocupou o seu lugar na Mesa)*

**Presidente:** O próximo voto de pesar refere-se ao falecimento de Laurindo Ventura. É apresentado pelo PS. Tem a palavra o Sr. Deputado Carlos Silva.

**Deputado Carlos Silva (PS):** Muito obrigado.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

### **Voto de Pesar pelo falecimento de Laurindo Ventura**

Laurindo Ventura faleceu no passado dia 5 de dezembro, na cidade de La Prairie, na província de Quebec no Canadá.

Laurindo Ventura foi um atleta de eleição e um distinto jogador de futebol do clube Benfica Águia do concelho da Ribeira Grande, na ilha de São Miguel, de onde era natural. Juntamente com Manuel Rita, formou uma das mais famosas duplas do Benfica Águia e do futebol Açoriano. Fez ainda parte de várias seleções regionais.

No Canadá, para onde emigrou em 1975, jogou nos clubes Luso Stars, o mais representativo, no Pimentel Sport Club e no La Prairie, juntamente com outros Açorianos, onde deixou a sua marca de excelente jogador e grande Homem.

Desempenhou um papel importante no desenvolvimento da comunidade Açoriana no Canadá, sendo uma pessoa reconhecida e respeitada.

Foi casado com Maria de Jesus Silva, durante 44 anos, era pai de dois filhos, Sónia e Marc André e avô de Melissa.

Na sua cerimónia fúnebre, foi relembrado, pelos seus amigos e familiares, como um “homem bom, apaixonado e muito generoso, um homem de caráter e sentimentos”.

Laurindo Ventura foi um atleta de eleição, que levou a áurea de grande jogador Açoriano para o Canadá e aí viveu até à sua morte.

Assim ao abrigo das disposições regimentais, os deputados do Grupo Parlamentar do Partido Socialista propõem à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, reunida em sessão plenária de janeiro de 2020, que aprove o voto de pesar pelo falecimento de Laurindo Ventura.

Do presente voto deve ser dado conhecimento à sua família, à Associação de Futebol de Ponta Delgada, aos clubes Benfica Águia, da Ribeira Grande, ao Luso Stars, ao Pimentel Sport Club e ao La Prairie, no Canadá. Deve ainda ser dado conhecimento à comunidade Açoriana em Montreal e em La Prairie e à Assembleia Municipal da Ribeira Grande.

Muito obrigado.

Horta, Sala das Sessões, 15 de janeiro de 2020

*Os Deputados,*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Jaime Vieira tem a palavra.

(\*) **Deputado Jaime Vieira (PSD):** Obrigada, Sra. Presidente.

Exma. Sra. Presidente, Exmas. Sras. e Srs. Deputados, Exmos. Srs. Membros do Governo:

O grupo parlamentar do PSD associa-se a este voto de pesar pelo falecimento de Laurindo Ventura pois Laurindo Ventura foi realmente uma referência no desporto açoriano no seu geral, mas em particular também no concelho da Ribeira Grande e quem vive no concelho da Ribeira Grande, falar do Laurindo

Ventura é falar de uma referência desportiva, pelo que representou com grande mestria o grande Benfica Águia da altura, que era um dos maiores clubes regionais.

O seu papel ativo na comunidade açoriana, quer a nível desportivo, quer também a nível social, fizeram dele realmente uma referência açoriana pelo que não podíamos também deixar de nos associar a este voto por tudo aquilo que Laurindo Ventura representou para os açorianos, quer ao nível do desporto, quer ao nível açoriano.

Disse.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Julgo não haver mais inscrições.

Vamos então passar à votação:

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam, façam o favor de se manter como estão.

**Secretário:** O voto apresentado foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Encerramos a apresentação dos votos.

Vamos passar agora para as declarações políticas. A primeira cabe ao PSD, tem a palavra a Sra. Deputada Mónica Seidi.

**Deputada Mónica Seidi (PSD):** Exma. Sra. Presidente da Assembleia, Exmas. Sras. e Srs. Deputados, Exmos. Srs. Membros do Governo:

A Saúde dos Açorianos será sempre um assunto prioritário para o PSD/Açores. Neste sentido, acreditamos que uma ação governativa responsável deverá focar-se em objetivos consequentes, nomeadamente:

- Denunciar para melhorar...
- Debater para melhorar...
- E propor (também) para melhorar...

Melhorar por exemplo, na equidade da acessibilidade ao Serviço Regional de Saúde de todos os utentes, na medida que um dos fatores determinantes para a

coesão social é a necessidade de existir um Serviço Regional de Saúde que sirva e satisfaça de igual forma todos os Açorianos.

Tendo por base estas premissas, poderíamos seguramente percorrer todas as valências do Serviço Regional de Saúde, mas sem qualquer desmerecimento por nenhuma delas, pretendemos hoje nesta Assembleia, denunciar, debater e propor um assunto que nos últimos anos tem merecido toda a nossa atenção e que atinge atualmente mais de 12 mil Açorianos, as Listas de Espera Cirúrgicas, mais concretamente uma das modalidades utilizada para o seu combate, o Vale Saúde.

O DLR N°23/2016/A de 10 de novembro de 2016 altera o Vale Saúde e aprova o Sistema Integrado de Gestão de Inscritos para Cirurgia (SIGICA), prevendo a sua regulamentação através da Portaria n°111/2016 de 14 de dezembro de 2016. Ambos os diplomas acima mencionados são extremamente claros no que concerne à emissão e utilização do VALE SAÚDE, afirmando o seguinte:

- “Nos casos em que o Serviço Regional de Saúde não consiga dar resposta dentro do Tempo Máximo de Resposta Garantido, é emitido pela unidade central, ou pelo Hospital em que o utente se encontra em Lista de Espera um Vale Saúde que garanta ao utente a realização da cirurgia numa entidade prestadora...”

É ainda reforçado no artigo referente aos Direitos dos Utentes, na mesma legislação o seguinte:

- Obter um Vale Saúde assim que a sua inscrição (do utente) ultrapassar o Tempo Máximo de Resposta Garantido.
- Ter acesso à lista de entidades prestadoras e respetivos atos cirúrgicos com as quais os Serviço Regional de Saúde tem protocolo, contrato ou convenção.
- O que facilmente concluímos do conteúdo dos dois diplomas supramencionados, é que qualquer Açoriano que esteja em Lista de Espera para uma cirurgia, e cujo Tempo Máximo de Resposta Garantido tenha sido

ultrapassado tem direito a obter um Vale Saúde, de acordo com a legislação em vigor.

Atualmente, o que assistimos é ao incumprimento do Governo Regional nesta matéria, que não aplica a legislação que cria, e deixa assim milhares de Açorianos para trás.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** Ambos os diplomas são explícitos, nomeadamente a portaria que faz a regulamentação deste programa, consagrando também que:

- Todos os utentes do Serviço Regional de Saúde têm direito a emissão do Vale Saúde nos termos do presente diploma.

Não obstante, e à “luz” da mesma legislação, é a entidade gestora que deve emitir o vale saúde nos casos que ultrapassaram os Tempo Máximo de Resposta Garantido, de acordo com a **prioridade clínica e antiguidade na lista** e após a verificação da cabimentação.

**Deputado Carlos Silva (PS):** Antiguidade e prioridade não é a mesma coisa, Sra. Deputada!

**A Oradora:** Esta mesma entidade tem um prazo máximo de 25 dias úteis a contar da data em que o Tempo Máximo de Resposta Garantido foi ultrapassado para emitir e enviar o Vale Saúde ao utente.

Ora mais uma vez, quer isto dizer que:

- Qualquer Açoriano que esteja em Lista de Espera para uma cirurgia, **independentemente da especialidade em questão**, e cujo tempo máximo de resposta garantido tenha sido ultrapassado tem direito a obter um Vale Saúde, de acordo com a legislação em vigor.

Pese embora, no final do ano passado tenha sido anunciado pela tutela a emissão de 600 Vales Saúde, não se entende que tenham sido apenas selecionadas as especialidades de Oftalmologia, Cirurgia Plástica e Otorrinolaringologia, e não todas as outras, violando assim o princípio da

equidade no acesso aos atos cirúrgicos, que em nosso entender deveria ser respeitado, não deixando nenhuma especialidade para trás em detrimento de outra, nem tão pouco ignorando aquilo que está explanado na legislação e que volto a realçar:

- PRIORIDADE CLÍNICA E ANTIGUIDADE NA LISTA DE ESPERA CIRÚRGICA.

Exma. Sra. Presidente da Assembleia, Exmas. Sras. e Srs. Deputados, Exmos. Srs. Membros do Governo:

O PSD/Açores vem aqui denunciar e debater com o intuito de melhorar os constrangimentos que se têm verificado no que concerne à atribuição e emissão do Vale Saúde, porque consideramos ser prioritário um acesso equitativo a todo e qualquer ato cirúrgico, que se baseie sim em critérios igualmente justos e clinicamente relevantes:

- A Universalidade no acesso do Vale Saúde a todas as especialidades, significa isto que não devem ser apenas umas em detrimentos de outras

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** - Universalidade no acesso do Vale Saúde a todos os doentes inscritos em Lista de Espera Cirúrgica e cujo Tempo Máximo de Resposta Garantido tenha sido ultrapassado, respeitando a sua prioridade na lista, e de acordo com a sua antiguidade de inscrição.

Para nós é muito claro:

- Todos os açorianos inscritos para uma cirurgia devem ser tratados de igual forma.

**Deputado João Paulo Ávila (PS):** E os seus anestesistas?

**A Oradora:** Ora não temos a menor dúvida que assim será possível de forma séria e justa, proporcionar aos utentes que viram ultrapassados os Tempos Máximos de Resposta Garantida, independentemente da especialidade que estejam inscritos, a possibilidade de serem operados em entidades



convencionadas com o Serviço Regional de Saúde, evitando assim a recente injustiça na possibilidade de qualquer utente ter acesso ao ato cirúrgico para o qual está inscrito, e respeitando assim também a Carta dos Direitos dos Utentes no Acesso aos Cuidados de Saúde do Serviço Regional de Saúde.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** Exma. Sra. Presidente da Assembleia, Exmas. Sras. e Srs. Deputados, Exmos. Srs. Membros do Governo:

Termino assim com um desafio simples ao Governo Regional, de forma a que dê cumprimento aquilo que cria, nomeadamente a nível dos direitos dos utentes, respeitando a legislação em vigor, permitindo assim a:

- Universalidade no acesso do Vale Saúde a todas as especialidades, e não escolhendo umas em detrimentos de outras;
- Universalidade no acesso do Vale Saúde a todos os doentes inscritos em Lista de Espera Cirúrgica e cujo Tempo Máximo de Resposta Garantida tenha sido ultrapassado, dando primazia à prioridade clínica e à antiguidade de inscrição em Lista de Espera Cirúrgica.

Pois reafirmo mais uma vez que para o PSD/Açores, todos os Açorianos inscritos para uma cirurgia devem ser tratados de igual forma, respeitando assim a equidade da acessibilidade ao Vale Saúde e ao verdadeiro combate às Listas de Espera Cirúrgicas na Região Autónoma dos Açores.

Disse.

**Deputado Carlos Silva (PS):** Tratar de forma igual pode criar injustiças, Sra. Deputada!

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

A Mesa já tem uma inscrição.

Tem a palavra o Sr. Deputado Dionísio Faria e Maia.

(\*) **Deputado Dionísio Faria e Maia (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Srs. Deputados este PSD está decididamente numa fase de desencontros. Num dia, dramaticamente defende a redução das listas de espera para cirurgia, no outro insinua e tenta com isso desacreditar instituições e se possível quem já as representou, noutro dia rebusca normativos e acusa de ilegal tudo o que se fez para resolver problemas das pessoas.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Aquelas pessoas que esperam mais do que o tempo de resposta máximo garantido para serem operadas.

Não é o conteúdo que vos preocupa, o que vos preocupa é que se encontrem soluções para as pessoas. O PSD não quer fazer parte da resolução dos problemas em saúde dos açorianos e das açorianas.

Falemos de equidade, da relação custo/benefício, de escolhas em saúde baseadas em realidades existenciais e de uma realidade que não é só nossa, que é a capacidade de resposta cirúrgica instalada e as opções que daí possam resultar.

Pois bem, aumentamos, como seria de esperar, a lista de inscritos para cirurgias. Porquê? Porque aumentaram para cerca de um milhão as consultas efetuadas. O que inferimos? Temos mais respostas em saúde, fazemos mais diagnósticos, atribuímos com mais facilidade graus de prioridade e operamos mais os que estão dentro destes critérios de prioridade 2, 3 e 4.

Conclusão, sras. e srs. deputados, salvámos mais pessoas, acrescentamos mais ano à vida das pessoas e sinalizamos mais condições que agora neste século têm também soluções interventivas, mais eficazes e mais seguras, sejam plásticas

reconstrutivas, sejam de intervenção endoscópica, sejam de microcirurgias, sejam endovasculares, sejam até de transplantação de órgãos e tecidos.

Se o PSD estivesse interessado na resolução destes problemas deveria sim congratular-se sempre que fosse somente um açoriano ou açoriana a ter o seu problema resolvido.

**Deputado João Paulo Ávila (PS):** Muito bem!

**O Orador:** A insinuação continua, a vontade de descreditar o sistema regional de saúde e as instituições que o representam continua, o desencontro deste PSD com a dinâmica de resolução de problemas sociais instalou-se.

**Deputado João Paulo Ávila (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Paulo Mendes.

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Bloco de Esquerda quando votou favoravelmente a criação do vale saúde fê-lo com a consciência de que se é verdade que na nossa perspetiva deverá ser o serviço regional de saúde a garantir aquelas que são as necessidades dos açorianos e açorianas, também não deixa de ser verdade que perante as insuficiências do serviço regional de saúde são necessárias medidas complementares, medidas transitórias que permitam satisfazer essas necessidades. E quando temos uma Região assolada por uma lista de espera para cirurgias, cujos hospitais da região não conseguem atender a essas

necessidades, considerámos à época, que o vale saúde seria uma medida que poderia cumprir esse desiderato.

Ora, recentemente a Delegada dos Açores da Ordem dos Médicos veio a público colocar em causa o operacionalização do vale saúde ...

**Deputado José Contente (PS):** Isso é mentira!

**O Orador:** ... e fê-lo denunciando que existe uma deturpação sobre os critérios que priorizam aqueles que são os casos a quem devem ser atribuídos vales saúde. E portanto, de acordo com a representante nos Açores da Ordem dos Médicos, priorizam-se as cirurgias de realização mais rápida, em vez da realização das cirurgias ...

**Deputada Graça Silveira (Independente):** Mais barata!

**O Orador:** ... aos utentes mais antigos na lista de espera.

E mais do que isso, as despesas associadas a essas cirurgias não são completamente imputadas às entidades convencionadas, apesar destas receberem por completo.

Ora, perante essas acusações, perante essas denúncias a Assembleia não poderia de forma alguma deixar passar tudo isto de forma incólume, sem pedir o devido esclarecimento. E foi, tendo isso em conta, que ainda no mês passado na Comissão de Assuntos Sociais foram ouvidas diversas entidades implicadas em todo este processo, entre as quais, como é óbvio, a representante dos Açores da Ordem dos Médicos. A representante dos Açores da Ordem dos Médicos acabou por confirmar em grande parte algumas dessas acusações que eu tive ocasião de identificar e também é verdade que faltou algo nessa audição e aliás na altura um deputado do CDS identificou isso mesmo, que seria necessário ouvir a entidade gestora do vale saúde. Mas o problema aqui é que a entidade gestora do vale saúde está em fase de dissolução, a Saudaço e por isso mesmo também faltava a prestação de esclarecimentos por parte daquela que é a entidade gestora porque também é de estranhar que durante 2017 e conforme

consta do relatório circunstanciado, aliás que é enviado a esta Assembleia até ao dia 15 de janeiro de cada ano, o relatório circunstanciado do vale saúde, de acordo com esse relatório de 2017, não foi emitido qualquer vale saúde. Ora, é de estranhar numa região em que as listas de espera para a realização de cirurgias é por demais extensa, que durante 2017 não tenha sido atribuído qualquer vale saúde. Além do mais, em 2018 só foram emitidos sete vales saúde, resta saber o que é que se passa quanto à atribuição do vale saúde e se de facto ele está a cumprir aquele que deveria ser o seu objetivo.

Obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Artur Lima tem agora a palavra.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito obrigado, Sra. Presidente.

Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Fala-se hoje aqui de vale saúde e bem porque com os seus constrangimentos, com os seus percalços foi uma medida que já contribuiu para que muitos açorianos possam ter sido operados e esta foi uma proposta do CDS, feita pelo CDS nesta Casa.

Foi uma proposta feita para ajudar os utentes do serviço regional de saúde e também para ajudar o CDS. Foi uma proposta feita nesta Casa, uma proposta feita para os açorianos porque a nossa postura aqui não é apenas a crítica pela crítica, é a crítica com consequência, é a crítica fazendo propostas, é a crítica fazendo uma proposta para que hoje estejamos aqui a discutir o vale saúde.

Nós não estamos satisfeitos com a aplicação do vale saúde e por isso mesmo dissemos, aquando da audição da sra. presidente da secção regional da Ordem dos Médicos, que iríamos fazer uma auditoria à entidade gestora – foi isso que nós dissemos, ao contrário do que aquele sr. deputado do Bloco de Esquerda acabou de dizer aqui – nós vamos propor uma auditoria à entidade gestora do vale saúde que era a Saudaçor, aliás de extrema incompetência durante estes

anos todos, ainda bem que foi extinta, estamos aqui a celebrar também hoje a extinção da Saudaço, paz à sua alma, porque realmente foi um atrapalho no serviço regional de saúde, apenas e só pela sua incompetência.

Mas, pelos vistos vale a pena ser incompetente na gestão das empresas públicas porque se é promovido para gerir outra empresa pública. É isso que aconteceu com os gestores da Saudaço, estão hoje a gerir o hospital de Angra e portanto, não se espere dali grande coisa. Aliás, no hospital de Angra já se assiste à escandalosa atitude de um conselho de administração e de uma direção clínica de mandar os utentes, após prescrição da urgência de um antibiótico, mandarem-no à farmácia comprar o antibiótico para ser administrado no hospital. Isto é que é incompetência extrema, isto é que não se pode admitir e esta administração devia pura e simplesmente ser imediatamente chamada à atenção Sra. Secretária, isso não pode acontecer num hospital público ...

**Deputado Alonso Miguel (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** ... onde um utente sem posses tem que comprar um antibiótico (mesmo que fosse um barato) não consta do protocolo da farmácia hospitalar. Não consta, vai comprar, ou já não tem crédito nas farmácias?

Sra. Presidente num serviço regional de saúde não é admissível que aconteça isto, que um utente seja escorraçado da urgência, não tenha direito ao seu tratamento, não tenha direito a um antibiótico que lhe foi prescrito no âmbito de uma situação de urgência, no âmbito de um internamento, tendo estado até nos cuidados intensivos.

**Deputado Alonso Miguel (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** E não há um antibiótico, mandaram um familiar comprar à urgência porque o doente não tinha posses e portanto, quando um serviço regional de saúde não assiste aos seus utentes ricos ou pobres, não é digno desse nome Sra. Secretária Regional.

E portanto, eu pergunto-lhe que atitude vai tomar? Se se vai repetir isso? Porque é realmente um escândalo e a mim revolta-me que isso aconteça no serviço regional de saúde.

Quais serão as consequências para uma atitude grotesca? Deixar uma pessoa sem tratamento na urgência à espera que o familiar lhe fosse buscar um antibiótico para ser administrado! Isto é degradante, pior do que isso não sei o quê. Só pô-lo na rua, Sra. Secretária!

**Deputada Graça Silveira (Independente):** É três anos à espera de ser chamado!

**O Orador:** Isto foi dizer: “vá-se embora”, isto eu julgava que se passava nos Estados Unidos da América, onde as pessoas têm seguros e se não têm seguro, não é internado ou não lhe é administrado o tratamento. Mas que eu saiba ainda temos um estado social em Portugal, ainda temos um serviço nacional de saúde de acesso universal e tendencialmente gratuito e acontece isto em pleno século XXI numa sociedade que se quer inclusiva, onde os mais pobres são discriminados, onde aquele que não tem meios, que não tem defesa é posto na rua, Sra. Secretária. Quais serão as consequências? O que é que vai acontecer a esta direção clínica e a este conselho de administração, Sra. Secretária?

Agradeço que me responda a esta pergunta porque não posso deixar de manifestar aqui a minha profunda revolta e desprezo por essa gente que põe os mais pobres e que mais necessitam à mercê da sua sorte e do seu dinheiro. Sra. Secretária isto não é de uma sociedade democrática!

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra a Sra. Deputada Graça Silveira.

(\*) **Deputada Graça Silveira (Independente):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Secretária e Srs. Membros do Governo:

O Sr. Deputado Faria e Maia acabou de dizer que se o problema de um açoriano está resolvido, deviam os srs. deputados ficar satisfeitos.

**Deputado Dionísio Faria Maia (PS):** Não é sério é o que está a dizer!

**A Oradora:** A questão, sr. deputado, é saber se quando só é possível resolver o problema de um açoriano, se esse é efetivamente aquele que tem prioridade e que não é o que se está a passar na questão do vale saúde porque no vale saúde estão claramente definidos os critérios de prioridade que tem a ver com a gravidade da cirurgia que é necessário efetuar e com o tempo em listas de espera. Na audição que foi feita há muito pouco tempo atrás aquilo que ficou claro para todos os deputados e os açorianos que ouviram a audição é que é atribuído o vale saúde para as cirurgias que são mais rápidas, para as cirurgias que são mais baratas para fazer a lista de espera decrescer mais rapidamente e mais, que dos 600 vale saúde anunciados pela Sra. Secretária vão ser todos em São Miguel. Quer dizer, só há listas de espera em São Miguel, não há listas de espera nas outras ilhas?

E em relação às áreas de especialidade também ficaram muitas dúvidas, ou seja, o hospital de São Miguel que praticamente não faz cirurgias na área da oftalmologia depois e são exatamente os mesmos médicos que fazem essas cirurgias todas na Clínica do Bom Jesus à custa do vale saúde e portanto, isto não é uma forma séria, não é uma forma clara de tratar o problema da questão das listas de espera na Região e em relação a este assunto o Governo tem que esclarecer e o vale saúde tem que ser feito justiça aos critérios com que foi estabelecido e criado que é para ajudar efetivamente os açorianos e não para estar ao serviço de certas negociatas.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Sr. Deputado Paulo Estevão tem agora a palavra.



(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu começo por fazer uma justiça histórica, uma justiça ao CDS que propôs esta medida no âmbito de uma visão democrática cristã que tem do ponto de vista da ação política.

Eu considero que a ideia fundamental é colocar os meios existentes ao serviço da população açoriana, ao serviço dos doentes, ao serviço daqueles que mais precisam, ao serviço da eficácia do ponto de vista dos tratamentos dos doentes e ao serviço de a conjugação de meios que é necessário realizar.

Devo dizer em segundo lugar também que da parte da representação parlamentar do PPM nós consideramos que a manutenção do serviço regional de saúde é absolutamente fundamental e do ponto de vista político estamos sempre predispostos para ajudar a tomar a posição política necessária para que o serviço regional de saúde tenha os meios necessários, porque é preciso fazer opções, e a nossa opção, do ponto de vista do orçamento, do ponto de vista da disponibilidade orçamental, da projeção orçamental do nosso esforço, a nossa prioridade é sempre uma destas matérias, do ponto de vista do sistema educativo, do ponto de vista do sistema de saúde público e portanto, essa também é uma segunda vertente.

Uma terceira vertente tem a ver fundamentalmente com o seguinte, tem a ver com a aplicação concreta do instrumento e eu devo dizer que em relação à aplicação concreta do instrumento por parte do governo regional suscita-me as maiores dúvidas. Tivemos no final do ano passado uma situação, que foi uma situação pública, que foi denunciada por entidades com prestígio e com conhecimento do sistema regional de saúde. O Partido Socialista tentou afogar ...

**Deputado José Contento (PS):** E desmentida pela igreja!

**O Orador:** ... em sede de comissão o mais rapidamente possível o assunto, o ano passado no âmbito da discussão em comissão, em condições que são por todos conhecidas. Mas eu devo dizer que se o objetivo é esconder este tema, se o objetivo é afogar o tema que quero aqui anunciar neste Plenário que não me sendo possível e não tendo eu reunido o número de assinaturas necessárias para criar uma comissão de inquérito, devo dizer que vou propor nos próximos dias e dará entrada no Parlamento dos Açores uma iniciativa do PPM para se criar um grupo de trabalho que analise a questão da implementação do vale saúde e fundamentalmente das situações que foram denunciadas publicamente.

**Deputado José Contente (PS):** E desmentida!

**O Orador:** Eu não vou esquecer aquilo que aconteceu e eu quero ter acesso à documentação para analisar a veracidade daquilo que foi dito, quero ter acesso a essa documentação e essa análise tem que ser feita.

**Deputada Graça Silveira (Independente):** E bem!

**O Orador:** Eu percebo que o Partido Socialista não quer que o assunto seja discutido, não quer que o assunto seja analisado, ...

**Deputado Dionísio Faria e Maia (PS):** Está enganado!

**O Orador:** ... mas eu posso garantir-vos que eu não irei descansar enquanto esse assunto não for devidamente analisado, enquanto não tivermos acesso a toda a documentação e enquanto essa análise não for feita, por isso anúncio aqui que essa iniciativa entrará ainda esta semana no Parlamento dos Açores para a formação de um grupo que possa analisar convenientemente essa questão.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

O Sr. Deputado Francisco César pede a palavra para?

Um protesto a?

(\*) **Deputado Francisco César (PS):** Sra. Presidente ao facto de ter sido aqui afirmado que o Partido Socialista tentou esconder este assunto, abafar o assunto.

**Presidente:** Tem a palavra Sr. Deputado para um protesto.

(\*) **Deputado Francisco César (PS):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Paulo Estevão pois o Partido Socialista,...estou-me a dirigir a si, Sr. Deputado.

O Partido Socialista não se reconhece nas palavras ditas pelo sr. deputado.

O Partido Socialista não quis esconder este assunto.

O Partido Socialista não tentou apressar este assunto.

O Partido Socialista quis foi rapidamente porque estavam em causa nomes de pessoas, nomes de instituições e o nome do serviço e o funcionamento do serviço regional de saúde, que o mais rapidamente possível, da forma mais clara possível fossem ouvidas as entidades, as pessoas, os responsáveis políticos que pudessem perante este Parlamento esclarecer.

Eu bem sei como é que funciona a retórica parlamentar. Eu bem sei o que é que o sr. poderia dizer se nós só quiséssemos ouvir as entidades responsáveis depois do Natal, bem sei as críticas que nos iriam fazer: “pois bem, os srs. deputados do partido socialista não querem trabalhar durante a época festiva, não querem trabalhar entre o Natal e o ano novo, querem adiar isto o mais tempo possível.” Não é a primeira, não é a segunda vez que o sr. deputado e outros deputados aqui dentro acusam o Partido Socialista de querer adiar o assunto.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** E com razão! Veja-se o relatório das dependências, dois meses depois!

**O Orador:** Pois bem, o que nós quisemos, o que nós fizemos foi junto do Parlamento envidar todos os esforços, reunir com todos os deputados com assento na comissão parlamentar competente em função na matéria para que

não houvesse dúvidas. E sabe que mais sr. deputado? A nossa satisfação foi que as dúvidas que podiam existir em relação a pessoas e em relação a entidades foram não só desmentidas, como cabalmente esclarecidas.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**O Orador:** E muitas das pessoas que disseram um conjunto de afirmações foram a essa mesma comissão, digamos numa intervenção em parafuso, desdizer algo que tinha sido dito antes e a bem da verdade e a bem, diga-se de passagem, da nossa democracia.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Para um contra protesto tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estevão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Todos sabem que o que aqui foi dito pelo sr. deputado Francisco César não corresponde à verdade.

No âmbito da comissão foi transmitida que a data que estava a ser proposta era uma data, tendo em conta as ligações existentes naquele período de mau tempo que se fazia sentir, que era absolutamente inconveniente para realizar as audições que estavam programadas e por isso, a pressão que existiu por parte do Partido Socialista é evidente para todos, não vale a pena escamotear, a pressão que existiu era tentar que este assunto fosse esquecido e que este assunto fosse – eu vou utilizar outra vez a expressão – “afogado” antes do final do ano e foi nessas circunstâncias que foram feitas as audições. E nas audições, ao contrário

do que o sr. deputado Francisco César disse, a representante da Ordem dos Médicos manteve as afirmações que pronunciou, ...

**Deputado João Paulo Ávila (PS):** Isso não é verdade!

**O Orador:** ... manteve integralmente as afirmações que tinha produzido e devo dizer que eu próprio tive a oportunidade de colocar um conjunto de questões que pura e simplesmente não foram respondidas. Uma vez até o representante do Partido Socialista na altura o que disse foi que não era obrigado a responder a um conjunto de gente que foi na altura ouvida, que não respondeu. Eu tenho enormes dúvidas em relação àquele processo, não tenho nenhuma dúvida – que há muitas coisas para explicar – que ocorreram um conjunto de irregularidades graves e por isso, este assunto tem que ser devidamente analisado por parte deste Parlamento e nós temos que ter acesso a toda a documentação para que a questão que foi levantada publicamente pela Ordem dos Médicos seja devidamente verificada.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Vamos dar continuidade ao debate.

Tem a palavra o Sr. Deputado João Paulo Corvelo.

(\*) **Deputado João Paulo Corvelo (PCP):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A representação parlamentar do PCP defende um sistema regional de saúde para todos, não só para alguns, e um sistema regional de saúde organizado. Aliás organizado porque há pouco tempo, o mês passado, toda a gente sabe o que é que aconteceu na Unidade de Saúde de São Roque do Pico, mas também toda a gente sabe dos problemas que as grávidas do Faial, do Pico, das Flores e do Corvo estão a sentir, quando tem mais de 30 anos, em relação aos testes que são impossibilitadas de fazer, testes não invasivos para contenção de custos porque o sistema regional de saúde assim o entende. Portanto, são pessoas no

sistema regional de saúde tratadas de maneiras diferentes e nós defendemos que o sistema regional de saúde é para todos e deve ser para todos.

Mas também não podemos ter um sistema regional de saúde organizado e a trabalhar na perfeição com tantos precários como existem no sistema regional de saúde, como temos denunciado. A precariedade laboral não favorece um bom sistema regional de saúde, assim como também apresentamos aqui a eliminação de taxas moderadoras e foram rejeitadas pelo Partido Socialista.

De qualquer maneira também vimos aqui dizer, em relação a este tema, que os médicos que vivem e que precisam de ir para ilhas mais afastadas e mais longe têm que ter incentivos, coisa que não os têm e que o sistema regional de saúde não tem proporcionado, para que estes médicos se fixem nas ilhas mais longe e mais pequenas.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Sra. Secretária Regional tem a palavra.

(\*) **Secretária Regional da Saúde** (*Teresa Machado Luciano*): Exma. Sra. Presidente, Exmas. Sras. e Srs. Deputados, Exmos. Membros do Governo: De início irei responder ao Deputado Artur Lima relativamente à questão do hospital da ilha Terceira. O hospital instaurou um processo de inquérito e está a rever os procedimentos.

**Deputado Luís Maurício** (*PSD*): então vai ter que fazer inquéritos a todos os hospitais!

**A Oradora:** Quando tivermos as conclusões depois mostraremos.

Relativamente ao serviço regional de saúde é indiscutível que temos soluções concretas e que estamos comprometidos com soluções concretas para os nossos utentes. É importante referir que em 2019 temos 8679 utentes operados, mais 8.5%, ou seja, mais 735 utentes relativamente ao ano de 2018.

**Deputada Mónica Seidi** (*PSD*): Vai falar do SIGIC? Não é nada disso!

**A Oradora:** A percentagem de utentes operados dentro do tempo máximo de resposta garantida aumentou de 53,9% para 60,5% no mês de dezembro de 2019, ou seja, mais 6,6%. Estamos a fazer um esforço acrescido em todas estas medidas.

**Deputado João Vasco Costa (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Reforço a questão de que o serviço regional de saúde no ano de 2019 conta com 5250 profissionais. O serviço regional de saúde faz um esforço para melhorar em todas as áreas, a medicina geral e familiar está praticamente com todos os utentes com médico de família. No ano de 2018 o número de profissionais ...

**Deputado Luís Maurício (PSD):** É sempre um tiro ao lado!

**A Oradora:** ... de saúde era de cerca de 5000, portanto temos aqui um acréscimo.

**Deputada Mónica Seidi (PSD):** E o Vale Saúde?

**A Oradora:** Relativamente ao vale saúde não há comparação face aos anos anteriores do número de vales saúde ...

**Deputada Mónica Seidi (PSD):** Hoje é dia 15, não se esqueça!

**A Oradora:** ... emitidos e do número de utentes operados nestas situações. Há um esforço acrescido, o serviço regional de saúde está melhor e recomenda-se.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Hoje é 15 de janeiro. O relatório deveria ser entregue aqui!

**A Oradora:** A título de exemplo, refiro que entraram os novos internos da especialidade, agora recentemente em janeiro, entraram mais 38 internos para a especialidade, 15 deles para medicina geral e familiar e muitos deles nem são da Região, ou seja, a Região é um exemplo e recomenda-se para formação dos nossos profissionais.

Relativamente aos hospitais recorde, só a título de exemplo, as especialidades onde temos novos internos: cardiologia, ginecologia, pediatria, psiquiatria, ortopedia, cirurgia geral, entre outras.

Portanto, o serviço regional de saúde está melhor, ...

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados...

**A Oradora:** ... o serviço regional de saúde a operar mais doentes, o serviço regional de saúde para além do vale saúde e do cirurge, dentro dos hospitais está a fazer mais cirurgias, portanto estamos a trabalhar no bom caminho e vamos, sem dúvida nenhuma, no bom caminho.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sra. Secretária Regional.

O Sr. Deputado Paulo Estêvão pediu a palavra para uma interpelação. Tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

É apenas para fazer uma precisão à Mesa, é que a proposta referente ao grupo de trabalho que eu disse que iria apresentar até ao final da semana diz respeito, única e exclusivamente, à aplicação do vale saúde no âmbito do relacionamento entre o Hospital do Divino Espírito Santo e a Clínica do Bom Jesus.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** A apresentação de diplomas é outra figura regimental!

**Presidente:** Está feito o esclarecimento.

Uma vez que encerrámos o debate vou dar novamente a palavra à Sra. Deputada Mónica Seidi para encerrar esta declaração política.



(\*) **Deputada Mónica Seidi (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente Governo, Srs. Membros do Governo:

Exma. Sra. Secretária Regional da Saúde, Exmo. Sr. Deputado Dionísio Faria e Maia eu lamento mesmo aquilo a que assistimos hoje aqui.

**Deputado Carlos Silva (PS):** Nós lamentamos a sua atitude! A senhora insiste na mentira!

**A Oradora:** O que o PSD trouxe foi somente a legislação que diz respeito ao vale saúde e que não está a ser cumprida conforme aquilo que está escrito.

Nós não viemos aqui falar dos 12.000 açorianos que estão em espera, daquilo que tem sido feito, nós viemos aqui, como eu referi, denunciar, debater, com o intuito de melhorar a equidade na acessibilidade aos atos cirúrgicos de todos os açorianos que é algo que não está a acontecer e tentar perceber porque é que foram escolhidas três especialidades, em detrimento de outras.

**Deputado João Paulo Ávila (PS):** Já lhe foi explicado, a senhora não gostou foi da resposta!

**Deputada Sónia Nicolau (PS):** Já foi explicado na comissão!

**A Oradora:** Até agora depois das audições, depois deste debate aqui de manhã, infelizmente, continuamos sem qualquer tipo de resposta. Mas isso não é justo para aqueles que estão à espera, nós não queremos pôr doentes ...

**Secretária Regional da Saúde (Teresa Machado Luciano):** Foi dito na Comissão!

**A Oradora:** ... que estão numa especialidade, que tiveram a sorte de ser contemplados com o vale saúde, não queremos pôr doentes contra doentes. Não entendemos é porque é que por exemplo – vou-lhe dar um exemplo muito corriqueiro, mas simples – o sr. Manuel de 70 anos que estava numa lista de espera para uma cirurgia a cataratas, há dois anos que aguardava, teve a sorte ...

**Deputado João Paulo Ávila (PS):** Teve sorte, não! Um direito!

**A Oradora:** ... de ser contemplado com um vale saúde no final do ano passado. O sr. António, coitado, está à espera de uma prótese de substituição da anca há três anos, infelizmente não recebeu nenhum vale saúde. Porquê, Sra. Secretária?

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Ora bem! Responda lá!

**A Oradora:** Porquê? Quando ambos os tempos máximos de resposta garantidos, foram ultrapassados. É tão somente isso que o PSD trouxe aqui. O PSD não fez insinuações, o PSD não fez falsas declarações, ...

**Deputado João Paulo Ávila (PS):** Fez, fez!

**A Oradora:** ... o PSD veio aqui à procura de respostas que os srs. recusam a dar até agora. Foi isso que o PSD veio aqui fazer e não se ria, Sra. Secretária, não se ria porque em casa há utentes, há milhares de açorianos com dores e com sofrimento...

**Deputado Francisco César (PS):** Demagogia!

**A Oradora:** há espera de uma resposta. Foi isso que o PSD veio aqui trazer hoje e é isso mais uma vez que a sra. não consegue dar qualquer tipo de resposta.

Enfim ... mais uma vez e volto só a dizer-lhe continuamos sem compreender de facto a escolha de algumas especialidades que tenham sido escolhidas.

**Secretário Regional Adjunto da Presidência para os Assuntos Parlamentares (Berto Messias):** A evolução do PSD é que é interessante!

**Deputado Francisco César (PS):** É a chamada intervenção de parafuso!

**A Oradora:** Porquê oftalmologia? Vamos observar o SIGICA de 2019, vamos ver por exemplo o que é que acontece com a especialidade de oftalmologia, que em novembro de 2019, no Hospital do Divino Espírito Santo, com um corpo clínico de quatro oftalmologistas opera 40 doentes. No mês de dezembro este mesmo serviço opera 13 doentes.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Que vergonha!

**Deputado Carlos Silva (PS):** A senhora Deputada diga isso ao profissional! Diga ao seu colega que é uma vergonha!

**Deputado João Paulo Ávila (PS):** Continue o seu aparte, Sr. Deputado Luís Maurício!

**A Oradora:** Sra. Secretária no Hospital do Santo Espírito na ilha Terceira, em novembro de 2019 tem três especialistas apenas, ....

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados ...

**A Oradora:** ... menos um especialista que no Hospital do Divino Espírito Santo, opera 53 doentes. Em dezembro deste ano opera 37 doentes.

O Hospital da Horta com um único especialista de oftalmologia opera em novembro de 2019, 29 doentes, Sra. Secretária.

Porquê estas especialidades em detrimento de outras? É isso que nos traz aqui, é isso que nos move aqui e é isso que não é justo para os açorianos que estão em casa porque não é isso que está explanado na legislação e é isso que o Governo não cumpre e portanto, enquanto o Governo não cumprir, não descansaremos de denunciar e de debater e como lhe disse, com o intuito de melhorar, ...

**Deputado Domingos Cunha (PS):** Diga isso aos seus colegas!

**A Oradora:** ... porque não é justo para os açorianos que estão em espera.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**A Oradora:** Gostaria também de relembrar-lhe, Sra. Secretária, de acordo com o que está na legislação, o artigo 8.º que diz que até ao dia 15 de janeiro ....

**Deputado Luís Maurício (PS):** Diga aos colegas!

**A Oradora:** ... a Secretaria Regional da Saúde tem que mandar o relatório da execução referente ao ano transato, referente à execução do vale saúde, recordo-lhe que hoje é dia 15 de janeiro e ainda não recebemos o relatório. E recordo-

lhe também que ainda no ano passado o relatório referente ao ano de 2018 em vez de ter sido entregue no dia 15 de janeiro de 2019, foi entregue na semana antes da discussão do Plano e Orçamento, em novembro de 2019, com 11 meses de atraso.

Sra. Secretária isto não é justo, foram apenas emitidos sete vales saúde, será que custa assim tanto fazer um relatório de execução para depois nos vir mostrar o número de sete vales saúde, Sra. Secretária. Há açorianos à espera, há açorianos que precisam de vales saúde, não é demagogia do PSD é a realidade, Sra. Secretária, é a realidade de quem nos procura e de quem denuncia a situação, mas que não dá a cara e nós fomos todos eleitos por essas pessoas para defender os seus direitos e os seus interesses e neste caso concreto, mais uma vez, reafirmo, o governo não cumpre aquilo que cria.

Para terminar e reafirmando aquilo que nos trouxe até aqui, é muito claro para o PSD: todos os açorianos devem ser tratados de igual forma e todos os açorianos inscritos para uma cirurgia devem ser tratados igualmente de forma semelhante e por isso, foi aquilo que disse daquela bancada e volto aqui a reafirmar, o que nós pretendemos é universalidade do acesso ao vale saúde, Sra. Secretária, não é pôr doentes, contra doentes, nem especialidades, contra outras especialidades, ...

**Deputado Carlos Silva (PS):** É o que a senhora está a fazer! A senhora acusou colegas de profissão!

**A Oradora:** ... nós não queremos é que sejam escolhidas umas especialidades em detrimento de outras que é isso que não está a acontecer e queríamos ainda universalidade no acesso porque o que está na legislação ...

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados ...

**A Oradora:** ... é que diz que após a inscrição, qualquer doente tem acesso, desde que seja ultrapassado o tempo máximo de resposta garantido, e conta para isso a prioridade clínica e a antiguidade na lista de espera cirúrgica ...

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**A Oradora:** ... e isso mais uma vez reitero, não está a ser cumprido.

Gostaríamos nós que neste exemplo o governo regional olhasse para aquilo que se passa a nível nacional relativamente ao cheque cirurgia. É um universo maior, é certo, mas também é um universo maior de doentes e curiosamente o tempo máximo de resposta garantido a nível nacional é bastante inferior àquilo que se passa a nível regional.

Portanto, gostaríamos nós que a Região, e bem, olhasse para o exemplo que é efetuado a nível nacional e conseguisse dar resposta aos milhares de açorianos que continuam em casa em sofrimento, à espera de uma cirurgia.

Muito obrigada.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Encerrámos esta declaração política.

Vamos agora fazer um intervalo, regressamos às 11h55.

*Eram 11 horas e 23 minutos.*

**Presidente:** Agradeço que ocupem os vossos lugares para recomeçarmos os nossos trabalhos.

*Eram 11 horas e 59 minutos.*

**Presidente:** A próxima declaração política cabe ao Bloco de Esquerda. Tem a palavra o Sr. Deputado António Lima.

**Deputado António Lima (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Membro do Governo:

No passado dia 19 de dezembro de 2019 foi debatida e aprovada na generalidade, na Assembleia da República a proposta de lei, oriunda desta Assembleia, que altera a atual lei de bases do ordenamento e gestão do espaço marítimo nacional.

Foi relevante do ponto de vista político que a proposta da nossa Assembleia, aqui aprovada por unanimidade, tivesse esmagadora aprovação na Assembleia da República, com a exceção da direita mais centralista que se absteve e da extrema direita que votou contra.

Queremos assinalar este facto pela importância deste assunto e desta lei em particular para a consolidação e aprofundamento do processo autonómico, mas também pela igualmente importante, relevância económica do mar para o bem estar e desenvolvimento da nossa comunidade e da nossa Região.

Desde 2004 que, clara e frontalmente, o Bloco de Esquerda tem defendido prioridade para a economia azul, apresentando instrumentos concretos para esse desenvolvimento orientado pelas condições objetivas da nossa Região.

Acresce a estas premissas a importância do mar no combate às alterações climáticas, assim como a defesa da sustentabilidade dos recursos marinhos e dos seus ecossistemas.

É pois nesta tripla perspetiva que nos congratulamos pela aprovação na generalidade da proposta de lei que partiu desta Casa.

Como se costuma dizer, o caminho faz-se caminhando e, por paradoxal que pareça, o combate político a sério começa agora. O combate para atribuir poderes de gestão e ordenamento do nosso mar aos nossos órgãos de governo próprio.

Todos e todas conhecemos as voltas do processo legislativo e mostra-nos a experiência que quando a vontade política não impera, os interesses

prevalecem. No caso do nosso fundo marinho e do aproveitamento das suas potencialidades esses interesses são abundantes.

Aliando estes fatores à lógica centralista persistente, nada nos garante pois que processo legislativo agora iniciado tenha um desfecho conforme os interesses da Região.

Desde logo, porque isso foi demonstrado de forma clara ou de forma mais subtil, na própria discussão na generalidade no dia 19 de dezembro, ao se levantarem questões constitucionais e de soberania. Acresce a isso o histórico das posições políticas de algumas bancadas na Assembleia da República.

Aliadas a estas resistências, não podemos esquecer a posição do Tribunal Constitucional, tradicionalmente pouco dado a processos autonomistas mais avançados.

Por todas estas razões e porque não queremos acreditar que esta aprovação na generalidade seja única e exclusivamente para utilização de calendário político eleitoral, é que reiteramos a ideia de que o combate político mais sério começa agora.

A posição do Bloco de Esquerda é conhecida quer na Região, quer na República e foi assumida publicamente pela coordenadora nacional do partido e pelo líder parlamentar, aqui mesmo nos Açores.

Recordo que, perante a falta de resultados das diligências que o Governo Regional assume ter feito junto do Governo da República para alterar a lei de bases, nos primeiros dois anos desta legislatura, o Bloco de Esquerda foi o único partido que nesta Assembleia avançou com uma proposta concreta de alteração da anti-autonómica lei do mar, lei esta aprovada, na mesma Assembleia da República, pelo PS, PSD e CDS.

Na sua ante-proposta de lei, o Bloco acautelava as pretensões autonómicas da Região e seus interesses legítimos perante os argumentos de ordem

constitucional aduzidos pelo Tribunal Constitucional no respeitante à soberania e à integralidade do mar nacional.

Respondíamos ainda aos argumentos políticos centralistas, a par de uma assumida preocupação ambiental.

Foi uma solução estudada para responder às dificuldades constitucionais e jurídicas levantadas, defendendo o essencial dos interesses da região no que respeita aos planos de situação e de afetação do espaço marítimo.

Apresentámos uma solução. Não é seguramente a única solução.

Tal como no passado, hoje, na região como na República estamos abertos a concorrer para encontrar soluções de ordem constitucional e jurídica que ultrapassem os escolhos que se colocaram e colocarão no nosso caminho.

Como dissemos no passado, a proposta do Bloco de Esquerda, consideramos nós, era mais completa e mais bem estruturada que a proposta veio a ser aprovada da autoria do governo regional, que por sua vez teve como único objetivo evitar que fosse a proposta do Bloco de Esquerda a ser levada à Assembleia da República.

Sendo águas passadas, não deixa de ser importante assinalá-lo hoje, uma altura que consideramos crucial tendo em conta o debate político, constitucional e jurídico que se vai iniciar na Assembleia da República.

Reitero o que disse atrás. A batalha começa agora.

Da parte do Bloco de Esquerda lutaremos em uníssono na Região e na República por uma lei que aprofunde os poderes autonómicos e defenda os superiores e legítimos interesses dos Açores.

Essa garantia posso expressar aqui às sras. e srs. deputados, ao governo regional e principalmente aos açorianos e açorianas, primeiros interessados na boa conclusão deste importante processo legislativo.

Disse.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.



A Mesa já tem duas inscrições.

Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima** (CDS-PP): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

O CDS nos Açores votou convictamente a proposta que aqui foi apresentada pelo Governo dos Açores.

O CDS quando é em defesa da autonomia nesta Casa, não claudica perante interesses e fetiches nacionais.

O CDS nesta Casa sempre pugnou pela defesa da autonomia, disso não recebemos lições de ninguém e muito menos da extrema esquerda radical.

Quanto ao mais, também devo lembrar e que já propusemos nesta Casa, por duas vezes uma iniciativa sobre a gestão partilhada do mar e quais deviam ser as competências da Região e que trabalho nós devíamos fazer. Não sei se se lembra como é que votou o Bloco de Esquerda essa proposta, mas talvez fosse conveniente lembrar-se. E portanto, nessa matéria não recebemos lições de ninguém, do Bloco de Esquerda muito menos, mas sr. deputado, enquanto os interesses dos Açores estiverem em causa, nós estamos na linha da frente na defesa dos interesses dos Açores, mesmo contra os centralistas do meu partido a nível nacional e não tive nenhum problema, mas felizmente, os centralistas ou a centralista a nível nacional, eu até diria – para usar um termo seu – os radicais, ou a radical Assunção Cristas já está a caminho de casa e portanto, nesse aspeto a coisa fica resolvida, sr. deputado, e não tenho nenhum problema em assumir aqui o que tenho que assumir.

Assumirei sempre a defesa dos Açores, contra o meu partido e contra os radicais do meu partido que são contra a autonomia e anti autonomistas confessos. E isso, dessa sra., já não é a primeira prova que deu nesse sentido, até intervindo nas questões internas do CDS.

Bom, sr. deputado, o que nós vamos ver agora é a posição do Bloco de Esquerda quando for na especialidade, isso é que nós vamos ver porque votaram a favor, mas deixaram sérios avisos à discussão na especialidade.

E já agora, para ser sério, devia ter dito que não houve apenas a abstenção do CDS, aliás, se reparou não houve apenas a abstenção do CDS, houve mais abstenções, do PSD e do PS, ...

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Não, não! Do PSD não!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Unanimidade do PSD!

**O Orador:** ... houve um deputado do PSD que se absteve e houve mais abstenções, sr. deputado, portanto, é a questão de ir ver a votação e ver.

Mas quando chegarmos à especialidade também vamos ver o grande autonomista do PSD porque ainda não me esqueci também da votação do PSD no Estatuto Político Administrativo da Região Autónoma dos Açores, ainda não me esqueci. Estamos bem lembrados!

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Ponha as bandeiras!

**O Orador:** Ó sr. deputado Luís Maurício as bandeiras era outro assunto que agente gostaria de discutir aqui, mas não tenho tempo. Mas do Estatuto Político Administrativo agente pode, se quiser, dar-lhe uma penadazinha, mas é interessante, é que foram todos muito corajosos, vamos ver quando chegar a discussão na especialidade, sr. deputado António Lima.

É isso que nós esperamos e para a defesa dos Açores conte sempre com o CDS dos Açores, com o CDS nacional poderá contar ou não.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado José San-Bento.

(\*) **Deputado José San-Bento (PS):** Sra. Presidente, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Portugal está confrontado com dois desafios da maior importância na área da gestão do mar. E para o Partido Socialista a questão de mar não é uma prioridade de agora, é uma prioridade de sempre.

Os desafios com que Portugal se confronta por um lado o processo de alargamento da plataforma continental submersa, que está já a decorrer na comissão de limites da plataforma continental nas Nações Unidas e que fará aumentar enormemente a jurisdição portuguesa sobre o solo e subsolo marinho para uma área de 3,8 milhões de km<sup>2</sup>. Nós passaremos a ter, neste cenário, um território constituído por 3% de terra e 97% de mar e isso decorre da qual que foi a ratificação da convenção das nações Unidas para o direito do mar, que foi realizada em 1997, estávamos nós na altura com o governo do Eng.º Guterres. Isso só para deixar aqui uma questão histórica da importância e da atenção que o Partido Socialista sempre dedicou a estas questões.

Mas no caso particular da Região, o segundo desafio com que o país se confronta tem muito diretamente a ver connosco, tem a ver com um processo que nós iniciámos aqui, já foi aqui referido, de revisão da Lei de Bases da Política de Ordenamento e Gestão do Espaço Marítimo Nacional. Este processo está a decorrer de uma forma natural, até agora, nós não abdicamos daquilo que foi o essencial que nós aprovámos por unanimidade aqui neste Parlamento, o Partido Socialista reitera a necessidade da proposta ter que conter, agora que ela está a ser discutida na especialidade, a transferência para as regiões autónomas de competências da administração central. Em segundo lugar a constituição de procedimentos de codecisão no âmbito de uma gestão partilhada deste espaço e em terceiro lugar, competências exclusivas das regiões autónomas para licenciar atividades de extração de inertes da pesca e de produção de energia renovável. Estas são três questões que na especialidade o Partido Socialista não deixará de continuar a defender, promovendo assim também a defesa dos nossos interesses.

E o que nós assistimos, com alguma preocupação, são outros partidos que aparentemente e quando foi na discussão da generalidade estavam tão convictos desta legislação e estavam tão a favor deste diploma que agora começam, lentamente, com o decorrer do tempo, a revelar sinais de indecisão ou mesmo de recuo. E aí vem esta famigerada proposta, completamente surpreendente para nós, do PSD, do Sr. deputado Paulo Moniz, que agora parece estar com dúvidas e incertezas e a ensaiar o recurso da parte do PSD. Agora o PSD propõe, afinal de contas, um grupo de trabalho, imagine-se só, aliás com o limite, o que é que este grupo faz face àquele que foi todo o trabalho que a Assembleia Regional fez.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Que tristeza

**O Orador:** Portanto, ... sim é de facto uma tristeza, sr. deputado.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Uma tristeza da sua parte! O senhor não perde uma oportunidade de estragar o bom ambiente!

**O Orador:** É uma tristeza o PSD estar metido neste embrulho. Ó sr. deputado não perca a oportunidade de dizer a verdade e de criar um enorme embaraço ao PSD Açores, como aliás se nota pela sua intervenção, sr. deputado.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**O Orador:** Tenha calma, sr. deputado. O embaraço é seu, não é meu, é seu!

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** O senhor não tem noção do que está a dizer!

**O Orador:** E portanto, era isso que eu queria deixar claro e já que fui interpelado pelo sr. deputado Bruto da Costa, eu deixo essa pergunta no ar. Estará o PSD afinal de contas agora a vacilar, a recuar, naquilo que era uma posição unânime dos Açores, da força dos Açores de defesa da nossa

autonomia, de defesa da Região Autónoma dos Açores, nomeadamente neste processo de revisão da Lei de Bases de Gestão do Espaço Marítimo Nacional.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Sra. Deputada Graça Silveira tem a palavra.

(\*) **Deputada Graça Silveira** (*Independente*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente e Srs. Membros do Governo:

Só para lembrar que efetivamente em 2016, quando foi aprovada a nova Lei de Bases de Ordenamento de Gestão do Espaço Marítimo, na altura, durante a campanha em 2016, o atual presidente do governo na altura, presidente do PS e em campanha, acusou a Assunção Cristas e esta aprovação como um dos maiores atentados à autonomia. Nós concordámos e votámos sempre ao lado dos açorianos, mas estranhamente, nós enquanto CDS, e eu na altura ainda sentada na bancada do CDS, pusemos os açorianos em primeiro lugar, acontece que, Costa quando vem à Região, que era o maior autonomista militante, prometeu que ia fazer a alteração dessa lei de bases, passaram quatro anos, já foi reeleito e a lei de bases continua sem ser alterada.

Neste momento, eu queria ver como é que os socialistas se posicionam. Se se posicionam ao lado dos açorianos, ou se se posicionam ao lado do militante autonomista Costa.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigada, Sra. Deputada.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Luís Garcia.

(\*) **Deputado Luís Garcia (PSD):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

O grupo parlamentar do PSD Açores naturalmente que se congratula com a aprovação na Assembleia da República da ante proposta de lei que foi desta Assembleia, no sentido de alterar a Lei de Bases de Ordenamento e Gestão do Espaço Marítimo Nacional.

Consideramos que este é um passo importante, mas também estamos absolutamente conscientes que estamos ainda longe de atingir o nosso objetivo de alterar essa lei e estamos também muito conscientes de que nos falta muito trabalho na especialidade para atingir esse objetivo.

Saibamos todos, mas mesmo todos, estar atentos e ler os sinais dos centralistas oriundos de várias intervenções e declarações de voto que se registaram na Assembleia da República. O centralismo esteve lá bem patente e notório para quem quis ver e ouvir o sr. deputado José San Bento, desde logo do seu deputado Jorge Lacão que me quis remeter esta ante proposta de lei para várias comissões, esteve lá bem patente com a abstenção da antiga Ministra do Partido Socialista, Ana Paula Vitorino e agora perante estas declarações e estes sentidos de votos é o PSD que está a recuar.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Veja os sinais no interior do seu partido!

**Deputado José San-Bento (PS):** Explique lá o grupo de trabalho, Sr. Deputado!

**O Orador:** Pela nossa parte, sr. deputado José San Bento, sras. e srs. deputados, srs. membros do governo, da parte do PSD Açores, estivemos, estamos e estaremos ao lado dos órgãos próprios do governo da Região ...

**Deputado José San-Bento (PS):** O Sr. Deputado Paulo Moniz não é deputado pelos Açores?

**O Orador:** ...na defesa de mais competências no domínio do mar, na defesa de clarificar o que houver para clarificar nessas competências, sobretudo e resumindo, na defesa do nosso Estatuto e da própria Constituição da República Portuguesa.

Mas também estamos na defesa de mais competências e de um papel mais ativo dos Açores na gestão do nosso mar porque entendemos que isso – e acreditamos absolutamente nisso – que é do interesse nacional, é do interesse de Portugal ter um papel mais ativo dos Açores na gestão do mar que nos rodeia. Estamos absolutamente convencidos que isso resultará num ganho para todo o país.

Entendemos também, sras. e srs. deputados, que a Região neste domínio deve pautar a sua atuação por dois planos muito claros: um plano de defesa das nossas competências, de aprofundamento da nossa autonomia neste domínio, mas também, sras. e srs. deputados, por outro lado deve exercer as competências que já tem e deve fazer aquilo que lhe compete neste domínio e neste domínio eu não me canso e não me cansarei, o PSD não se cansa e não se cansará de registar inúmeras lacunas que há nessa atuação da Região neste domínio.

Nós, passado todo este período e apesar de termos uma governação que diz que aposta no mar, não temos um plano de ordenamento do espaço marítimo.

Nós que temos uma governação que diz que aposta no mar, ainda não elaborou a nossa componente da estratégia nacional do mar para incluir a estratégia nacional para o mar que foi aprovada em 2013.

E estas omissões, sras. e srs. deputados, e estas lacunas comprometem a nossa aposta no mar, que deve ser uma aposta estruturada e uma aposta organizada com planeamento. Mas também comprometem, como também se viu na Assembleia da República, a nossa luta por mais competências porque depois somos apelidados de falta de coerência, como fomos na Assembleia da República.

E portanto, resumindo sras. e srs. deputados, nós precisamos de reforçar as nossas competências, nós precisamos de clarificar as nossas competências, nós precisamos de aprofundar a nossa autonomia neste domínio, mas também sras. e srs. deputados, sra. presidente e srs. membros do governo, nós também precisamos de um governo da Região Autónoma dos Açores que faça mais neste domínio e há muito para fazer.

Disse.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Paulo Estevão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

Em primeiro lugar quero lamentar o debate partidário que aqui se realizou em relação a esta matéria.

Eu penso que o que era fundamental, se queremos abordar esta questão no Parlamento dos Açores, era referenciar aquilo que nos une, referenciar novamente a nossa unidade em relação a esta matéria e não aproveitar para fazer guerrilha partidária.

É evidente que podem existir deputados nacionais que estão a tomar posições contra o interesse dos Açores, mas isso aconteceu em relação às bancadas de diversos partidos e por isso, se são feitas referências deveriam ser feitas referências a todos, sem excluir ninguém, sem excluir as reticências que o Bloco também colocou em relação a esta matéria, sem excluir as reticências que alguns deputados do Partido Socialista colocaram a esta matéria, como por exemplo o sr. deputado Jorge Lacão ou a sra. deputada Ana Paula Vitorino, sem



fazer referências também a posições menos claras e menos compreensíveis por parte também da representação na Assembleia da República do PSD e do CDS nesta matéria. Mas fazem-se referências a todos no sentido de condenar esse tipo de atitudes, que não servem os interesses dos Açores e estou convencido que não servem os interesses de Portugal e por isso, eu considero que essa deveria ter sido a abordagem e não aproveitar a “guerrilhazinha” partidária, o que se deveria e o que eu vou fazer neste discurso é condenar todas as intervenções que mostram incompreensão do que é o país, um país descentralizado, um país em que os Açores tem que ter um papel importante na gestão dos seus recursos no âmbito do mar e referenciar aqui que o que é muito importante é aqui acentuar aquilo que nos une, manter esta unidade no discurso, manter esta unidade na ação e só porque daqui uns meses vamos disputar eleições, não aproveitar esta “guerrilhazinha”, aproveitar do ponto de vista partidário, político e eleitoral a conjuntura que aí vem. Não, o que é importante é reforçar aquilo que nos une, reforçar a nossa convicção nesta matéria e dizer à Assembleia da República e a quem nos está a ouvir que nos mantemos unidos nesta questão. Isto é que eu penso que deveria ter sido a mensagem fundamental deste debate parlamentar.

Há vozes discordantes, isto é uma democracia, é evidente que existem vozes discordantes em todos os partidos, mas o que é importante é que aqueles que aqui decidiram tomar essa decisão por unanimidade, mantenham esta unidade e por isso é que eu considero que esta é que era a mensagem fundamental e é a mensagem que o PPM quer fazer nesta intervenção.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado João Paulo Corvelo.

(\*) **Deputado João Paulo Corvelo (PCP):** Sra. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Entendemos uma política de ordenamento e de gestão de espaço marítimo, visar assegurar a defesa integrada da biodiversidade do fundo do mar e dos seus ecossistemas, claro que garantindo a ponderação estritamente do interesse público, ou seja, não passar para os privados.

Mas existem por exemplo, e alertamos desde já as questões do espaço marítimo, diversas preocupações em relação aos Açores, consideradas eixos fundamentais que são a vigilância, o impacte ambiental e mineral e a gestão de recursos naturais.

Naturalmente, também pensamos que a gestão do mar dos Açores deve ser partilhada e equilibrada com parceria com o Governo da República, mas sempre envolvendo as duas regiões autónomas.

Esta matéria pode ter implicações com a soberania do Estado, principalmente no que toca à vigilância e à defesa.

Esta é a posição da representação parlamentar do PCP em relação a esta matéria.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Pergunto se há mais inscrições?

Sr. Presidente do Governo tem a palavra.

(\*) **Presidente do Governo Regional** (*Vasco Cordeiro*): Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Eu peço a palavra para participar neste debate porque pese embora a concordância com muito daquilo que foi dito aqui por diversos srs. deputados, há alguns aspetos que não me parece que seja útil ao debate e ao esclarecimento de todos nós que passem exatamente por uma mistura porque efetivamente não são misturáveis.

Em primeiro lugar, eu gostaria de dizer que a proposta que foi apresentada pelo Governo dos Açores a este Parlamento e a ante proposta e a proposta que saiu deste Parlamento para a Assembleia da República é a proposta que, do ponto de

vista do Governo dos Açores, precisa de ser feito para salvaguardar as competências dos açorianos ...

**Secretário Regional Adjunto da Presidência para os Assuntos Parlamentares** (*Berto Messias*): Muito bem!

**O Orador:** ... sobre o mar. Nós não temos a mínima dúvida quanto a isso e essa proposta não é apenas uma proposta de intenção política, é uma proposta que opta por uma solução concreta, precisa de repartição de competências.

Eu acompanhei o debate que houve na Assembleia da República a propósito desse assunto e tive a oportunidade de ouvir as intervenções. Há um grupo de intervenções, eis que se levantaram dúvidas sobre a constitucionalidade desta matéria e que se os srs. deputados tivessem porventura interesse em saber a minha opinião, eu acho perfeitamente legítimo que sejam colocadas essas questões e por isso é que nós, na ante proposta que fizemos chegar a esta Assembleia, já a fizemos acompanhar de três pareceres de juristas que vão exatamente no sentido de fazer uma apreciação sobre essa constitucionalidade e esse é um assunto que vai ser colocado, não tenhamos a mínima dúvida, a questão da constitucionalidade.

E aproveito aliás, este aspeto para clarificar ou para contrapor a um argumento que vi utilizado nessa discussão, na Assembleia da República, pela sra. deputada Assunção Cristas e que não deve ser confundido. Dizia a sra. deputada, para concluir pela não constitucionalidade desta proposta do Parlamento dos Açores, que o Tribunal Constitucional já se havia pronunciado sobre a proposta atual e que não havia concluído pela sua inconstitucionalidade. Isso é verdade, mas há uma coisa que o Tribunal Constitucional não disse, é que só a versão atual é que está conforme a constituição. Portanto, há mais soluções que estão conforme a Constituição e que sobretudo garantem que estando conforme a Constituição, respeitam também os direitos e os poderes que aquilo que este Parlamento, que o Governo dos Açores, que os açorianos representados

pelos seus órgãos de governo próprio entendem que deve ser a sua intervenção nesta matéria.

Há uma outra coisa que me parece importante também clarificar, se do ponto de vista formal a sra. deputada Ana Paula Vitorino, o sr. deputado Jorge Lacão, o sr. deputado do Chega, o sr. deputado Paulo Moniz, estão todos em igualdade de circunstâncias, se do ponto de vista formal isso é assim, do ponto de vista político não é assim.

**Deputado José San-Bento (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Porque do ponto de vista político o sr. deputado Paulo Moniz é deputado eleito pelos Açores e é por isso que para mim é fator de grande preocupação, quando na sua intervenção o sr. deputado Paulo Moniz anuncia que o PSD vai propor a criação de um grupo de trabalho de acompanhamento para que, ouvindo todas as partes envolvidas, se encontre a solução que constituirá a clarificação e definição rigorosa dos conceitos e competências em jogo.

**Deputado Carlos Silva (PS):** Grande autonomista!

**O Orador:** Esta parte é que do ponto de vista político preocupa-me. Porquê? Porque na minha opinião isso está já feito pelo Parlamento dos Açores.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem!

**O Orador:** As competências em jogo, a separação de competências, a forma como se entende que elas devem estar conjugadas já foi feito por este Parlamento e é por isso que esta questão, para além da primeira vista da sra. deputada Ana Paula Vitorino se ter absterido, do sr. deputado Jorge Lacão ter levantado as questões da inconstitucionalidade, tem mais profundamente um problema que é necessário esclarecer, é que se nós vamos reabrir na Assembleia da República, por via de um representante político dos Açores, a discussão sobre a forma como se conjugam as competências do Estado e da Região nesta

matéria, nós estamos a fazer tábua rasa daquilo que esta Assembleia disse e daquilo que o governo disse.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**O Orador:** E é isso que necessita de ser clarificado porque a proposta saiu deste Parlamento com unanimidade, ou seja, todos os partidos aqui representados concordaram que a separação de competências, que a coordenação de competências entre o Estado e as Regiões Autónomas é no sentido que está naquela lei. Se assim é, o que é que vai fazer esse grupo de trabalho? Não vai analisar, naturalmente, a constitucionalidade! Não lhe compete a ele.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** O senhor sabe. O senhor sabe que há um compromisso do PSD Açores em relação a isso!

**O Orador:** Ó sr. deputado Luís Maurício, pelo amor de Deus, eu não quero saber o que é que o PSD Açores diz em relação a essa minha intervenção. Eu acho que esse é um assunto, muito sinceramente e com toda a honestidade, ...

**Deputado Luís Maurício (PSD):** O senhor sabe que há um compromisso em relação a isso!

**O Orador:** ... que nós devemos refletir, eu acho que esse é um assunto que constitui um alerta, uma luz amarela, ou vermelha se quiserem a piscar neste assunto. Porque repare, sr. deputado, eu julgo saber, por isso é que eu estou a colocar a questão desta forma e não de outra forma, eu julgo saber o que é que por todos os partidos na Assembleia da República vos passa em termos de posições em relação a esta matéria e julgo saber, por vezes, o que é que é preciso fazer.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Sabemos todos!

**O Orador:** Agora, vamos mandar a proposta para a Comissão A ou Comissão B? Muito bem! Vamos aferir da constitucionalidade? Isso é uma conversa, é um juízo jurídico sobre aquela solução que saiu daqui. Aquilo que foi dito na Assembleia da República de constituição de um grupo de trabalho, já não é isso, é vamos constituir um grupo de trabalho para saber como é que agente articula e conjuga as competências. Isso já está dito na proposta, fazer esse grupo de trabalho, reabrir essa discussão, é fazer tábua rasa daquilo que este Parlamento e o Governo disse e a diferença é esta e o que eu acho que é importante clarificar é como face a este dado novo que surgiu, cada um dos partidos aqui presente neste Parlamento se posiciona. Admite? Não admite? Faz? Abre-se novamente o processo? Enganamo-nos todos? O Governo e o Parlamento? Isso precisa de ser discutido porque não é a mesma coisa, um juízo sobre a constitucionalidade com aquilo que é a solução técnica para a repartição de competências.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Obrigada, Sr. Presidente do Governo.

Para encerrar a declaração política tem a palavra o Sr. Deputado António Lima.

(\*) **Deputado António Lima (BE):** Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

De facto, esta declaração política teve como objetivo fomentar o debate sobre esta matéria novamente numa fase que como está também claro do debate que aqui gerou, está longe de estar concluída e está longe de ter ultrapassado os seus maiores obstáculos. Eles estão ainda pela frente.

Foram aqui amplamente referidas todas as dúvidas, seja do ponto de vista constitucional ou até de outro ponto de vista, no que diz respeito à própria capacidade das regiões, no caso em concreto da Região Autónoma dos Açores, em fiscalizar, em gerir o mar que nos rodeia.

Estas dúvidas são, de facto, obstáculos num caminho que se quer bem sucedido e gostaria de aqui dizer, relativamente também àquilo que foi dito durante o debate, que da parte do Bloco de Esquerda não há dúvidas sobre a nossa posição. Não há dúvidas sobre a nossa posição aqui, foi clara, foi clara através de uma proposta e julgo eu que perante isso não há forma de ser mais claro e foi clara com o voto favorável que demos à proposta do governo. E a proposta do Bloco de Esquerda na Assembleia da República foi e é, absolutamente clara e não há dúvidas sobre a sua posição sobre este assunto, nem hoje, nem daqui a dois anos, nem três. Porque a sua posição está assumida na proposta que que apresentamos aqui e não foram, ao contrário daquilo que foi dito, levantadas dúvidas relativamente à proposta desta Assembleia não foram levantadas dúvidas absolutamente algumas da parte do Bloco de Esquerda.

Os princípios que foram assumidos foram os princípios do aumento das competências da Região, no que diz respeito à gestão do mar, gestão e ordenamento e uma preocupação que estava e continua a estar nas preocupações do Bloco de Esquerda Açores e que está na proposta que apresentamos a esta Casa, as preocupações ambientais e estas preocupações não desapareceram para o Bloco de Esquerda, continuam a estar em cima da mesa e a proposta que foi apresentada pelo governo e que foi aqui aprovada e chegou à Assembleia da República, não aborda estas matérias.

Da parte das competências da Região, no que diz respeito à autonomia não houve absolutamente dúvida alguma e vou fazer chegar à Mesa para ser distribuída por todos os srs. deputados e pelo governo, a intervenção do sr.

deputado Ricardo Vicente na Assembleia da República, no âmbito da discussão da proposta de lei da Assembleia.

Para terminar, Sra. Presidente, aquilo que gostaria de dizer é que de facto o caminho mais difícil agora é que começou e que há muito trabalho a fazer por cada um de nós, por cada um dos nossos partidos, mas reafirmar aquilo que disse na minha intervenção inicial: da parte do Bloco de Esquerda, nós os açorianos e açorianas, podem saber muito bem com o que contar. Há uma posição clara, inequívoca do Bloco de Esquerda aqui e na República e elas não são diferentes, nem vão ser no futuro.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigada, Sr. Deputado.

Encerrámos assim esta declaração política.

Sr. Deputado Artur Lima pede a palavra para?

Uma interpelação. Tem a palavra, Sr. Deputado.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Sra. Presidente solicitar um intervalo regimental de 20 minutos.

**Presidente:** É regimental. Considerando o horário, o plenário retoma às 15 horas com a Agenda.

*Eram 12 horas e 38 minutos.*

**Presidente:** Boa tarde.

*Eram 15 horas e 04 minutos*

*(Após o intervalo o Sr. Deputado Dionísio Faria e Maia ocupou o lugar de Presidente na Mesa)*



**Presidente:** Então mais uma vez boa tarde.

Vamos então começar pelo ponto 3 da nossa Agenda, **Projeto de Resolução n.º 158/XI – “Implementação de uma Rede de Creches e de CATL entre as freguesias de São Bartolomeu e Altares, no concelho de Angra do Heroísmo”**, apresentado pelo Grupo Parlamentar do Bloco de Esquerda.

Rege esta matéria o artigo n.º 145.º do nosso Regimento.

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Mendes.

**Deputado Paulo Mendes (BE):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Há oito meses acolhemos uma petição que reclamava a permanência da escola das Cinco Ribeiras, onde se encontra, por enquanto, em funcionamento o pré-escolar e o primeiro ciclo do ensino básico para as crianças desta freguesia.

A petição não só reivindicava como também aflorava as razões para o esvaziamento desta escola. Razões essas que não são tidas como exclusivas desta freguesia, mas também comuns à grande maioria das freguesias da costa oeste da ilha Terceira.

É impossível ignorar uma tão fundamentada reivindicação de 579 cidadãos e cidadãs que se dirigiram aos seus representantes eleitos para defender a continuidade de um serviço público cuja essência é precisamente a sua proximidade junto das comunidades para, desse modo, contribuir para contrariar o despovoamento das freguesias mais rurais.

Ao garantir a continuidade do pré-escolar e do primeiro ciclo do ensino básico nestas freguesias estamos a contrariar o seu envelhecimento populacional e despovoamento, a aumentar o sentido de pertença comunitária e, por conseguinte, a evitar a conversão destas freguesias em dormitórios de um centro menos rural, e cada vez mais urbano, como é Angra do Heroísmo.

Bem sabemos, que não basta reclamar pelo aumento de respostas na educação extra-escolar e de creches, pois os dados quantitativos demonstram que essa é

uma missão quase cumprida, faltando, porém, cumprir a segunda parte desta missão, possibilitar uma distribuição desses números pelo território para atender às necessidades das famílias que vivem entre São Bartolomeu e Altares.

Como é que fomentamos a atratividade destas freguesias mais rurais? É justamente através do enraizamento das suas populações, fator dinamizador que aliado à manutenção e criação de respostas públicas de apoio à infância, adolescência e juventude funcionarão como rede de suporte à fixação de mais famílias com o esperado efeito rejuvenescedor.

Os subscritores da petição contra o encerramento da escola da Cinco Ribeiras identificaram um dos fatores para o decréscimo gradual de alunos: a ausência de respostas complementares ao primeiro ciclo e jardim-de-infância, justamente a inexistência de ATL e creche mas, sobretudo, ATL.

E não se trata de uma lacuna exclusiva desta freguesia sendo esta ausência transversal, com exceção de Santa Bárbara, ao espaço geográfico entre São Bartolomeu e Altares.

É verdade que Santa Bárbara, freguesia vizinha das Cinco e das Doze Ribeiras, tem creche e ATL, mas a sua capacidade encontra-se esgotada, e esta condicionante acrescida da ausência destas mesmas valências nesta zona da ilha Terceira, constituem alguns dos fatores que levam uma parte significativa das crianças das Cinco Ribeiras e outras freguesias a procurarem respostas no centro e imediações de Angra do Heroísmo.

Também é verdade que recebemos a notícia, em sede de apreciação em comissão desta iniciativa, da criação de mais vagas para creche e ATL em Santa Bárbara, o que saudamos e que deve ser complementado pela criação de valências desta natureza em outras freguesias nesta zona da ilha Terceira para atender às pretensões das famílias.

É o próprio primeiro subscritor da petição a estimar que o número de alunos da escola das Cinco Ribeiras poderia duplicar se todas as crianças da freguesia frequentassem esta escola.

A centralização das valências de creches e ALT é o corolário da política educativa de concentração de alunos em mega-escolas – com o seu expoente máximo, na ilha Terceira, na EBS Tomás de Borba – e em grandes escolas de freguesia como é o caso de Santa Bárbara.

Foi uma opção política, não só de cariz educativo como também de distribuição da população e recursos pelo território. Mais uma vez, assistimos a uma tendência contrária ao incremento da coesão territorial, animada igualmente por uma distribuição sócio-demográfica ao sabor da vontade do mercado imobiliário cada vez mais marcado, não só pela dificuldade de acesso ao crédito bancário para aquisição de habitação como também pela pressão turística com reflexo direto no mercado de arrendamento.

Mas se a ideia é termos estas freguesias mais rurais mais suscetíveis ao investimento privado capaz de criar mais e melhor emprego, então como se conseguirá alcançar tal desiderato sem prover estas localidades da costa oeste da ilha Terceira de serviços públicos tão básicos como uma creche, um ATL, jardim-de-infância e escola do primeiro ciclo?

Movidos pela petição pela permanência da escola das Cinco Ribeiras, aproveitamos esta iniciativa para dar conta de uma lacuna na distribuição dos recursos da rede de creches e ATL na costa oeste da ilha Terceira, com a consciência de que as iniciativas da comunidade devem ser atendidas, quer ao nível do reforço de vagas nas valências existentes (aliás como já foi dada notícia dessa possibilidade e ocorrência), quer na criação de novas valências, em articulação com a Região, o poder local e as instituições particulares de solidariedade social.

É por essa razão que não determinarmos, à partida, o número de valências a criar e até onde as criar.

Damos, assim, um contributo para promover a descentralização de recursos na rede de creches e ATL nesta zona da ilha Terceira.

A proposta que aqui trazemos não é, de forma alguma irrealista, e pressupõe a abertura mais do que suficiente para atender à pretensão da descentralização das respostas que não é só nossa como também de muitas famílias da zona oeste da ilha Terceira.

Foi essa a razão para termos entregue uma proposta de substituição integral, a qual evidencia abertura para a determinação de respostas várias para cumprir o objetivo a que nos propusemos e à pretensão das famílias das freguesias em causa.

Sabendo que não será possível criar ATL em cada uma das freguesias do concelho de Angra do Heroísmo, procuramos garantir que as crianças tenham transporte até ao ATL mais próximo, aliás uma solução que poderá ser operacionalizada e concretizada em parceria com o poder local tal como já ocorreu e ocorre em outras realidades.

Temos a certeza de que algo deve ser feito, não só para atender às necessidades destas famílias como também para termos cada vez mais pessoas a escolher São Bartolomeu, Cinco Ribeiras, Doze Ribeiras, Serreta, Raminho e Altares como suas freguesias de residência, não só para lá pernoitarem, como também para criarem os seus filhos e, dessa forma, animarem e renovarem geracionalmente estas freguesias.

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Informo que foi entregue à Assembleia uma proposta de substituição integral deste projeto de resolução e tal como determina o n.º 3 do artigo 145.º do

Regimento, o debate e a votação incidem apenas sobre esta proposta de substituição integral.

Estão abertas as inscrições.

Já temos inscritos.

Tem a palavra a Sra. Deputada Isabel Quinto.

**Deputada Maria Isabel Quinto (PS):** Muito obrigada Sr. Presidente.

Sr. Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

O Grupo Parlamentar do PS tem plena consciência da extrema importância que as valências creches/Amas e Centros de Atividades de Tempos Livres têm na atual estrutura social e do papel que estas entidades assumem, não só como suporte familiar, mas também como sendo fundamentais para o amparo social, pedagógico, físico e emocional das crianças que usufruem dos seus serviços.

Nos últimos anos, o Governo apostou fortemente na criação de um número muito significativo de vagas nestas valências. A taxa de cobertura de creches e amas, que rondava os 30% há cerca de 5 anos, está atualmente nos 44%, o que, na prática, significa um reforço de mais de 700 vagas disponíveis em creches e amas em toda a Região e, sobretudo, em todos os concelhos.

Também não posso deixar de referir o investimento na adaptação, adequação e reforço de infraestruturas, que criou condições para que o trabalho feito nestas valências tenha melhorado muito em prol do desenvolvimento integral das nossas crianças.

**Deputado João Paulo Ávila (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Existem atualmente nos Açores mais de 300 respostas sociais com capacidade para acolher 12.500 crianças e jovens de todas as ilhas, em parceria com as Santas Casas e IPSSs.

O Governo Regional pauta a sua atuação nesta matéria pelo desenvolvimento de medidas integradas de promoção e proteção social de crianças e jovens de toda a Região.

Quando falamos em coesão territorial não estamos a falar da igual dimensão de todas as valências em todas as freguesias. Estamos sim a falar de dar resposta a todas as necessidades existentes.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** A preocupação fundamental passa por perceber se essas respostas estão a chegar aos mais necessitados, às crianças de escalões mais baixos. É esta a verdadeira preocupação.

**Deputados José San-Bento e João Paulo Ávila (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** No que se refere ao objeto deste projeto de resolução, aqui apresentado pelo Bloco de Esquerda, o Partido Socialista dos Açores, concorda com o reforço das respostas da rede de creches e ATL entre as freguesias de São Bartolomeu e Altares, no concelho de Angra do Heroísmo, criando novas valências caso se revele necessário.

Também concordamos com a adoção, a título gratuito, com o transporte coletivo de crianças para os ATLs, em parceria com as instituições.

De lembrar que existem já várias respostas, que se materializam no ATL existente na freguesia de Santa Bárbara e no facto de a rede de creches e ATLs no concelho de Angra do Heroísmo ter uma boa cobertura. De facto, a taxa de cobertura em termos de creches e amas é de 73%, taxa essa aliás superior à média da Região. Não esqueçamos que a taxa de cobertura recomendada pela OCDE para esta valência é de 33%.

No que se refere a ATLs, o concelho de Angra do Heroísmo tem uma taxa de cobertura de cerca de 40%, o dobro da taxa recomendada pela OCDE.

Contudo, o Governo Regional está sempre atento às especificidades de cada zona e, tal como referiu a Sra. Secretária em sede de comissão, na sequência de

um pedido de reforço de mais 30 vagas em valência de ATL, por parte de uma instituição localizada na zona oeste da ilha Terceira, o mesmo já está a ser avaliado, podendo registar-se um acréscimo de 20 vagas, de acordo com o espaço disponível.

Ao nível de creches e amas, foi-nos feita uma caracterização pormenorizada do número de crianças, pertencentes às freguesias em questão, que as frequentam. Mediante os números apresentados, podemos concluir que estas valências chegam às famílias.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Como todos nós sabemos, os pais tendem a levar os filhos de tenra idade para instituições próximas dos seus locais de trabalho, de modo a estarem mais próximos e poderem dar assistência em caso de necessidade, que pode ir da amamentação a chamadas por doença ou acidente e conseqüente recurso aos serviços de saúde.

A opção de trazer os filhos para as escolas e ATLs do centro de Angra do Heroísmo também se prende, muitas vezes, com o facto de os pais pretenderem que os filhos usufruam de atividades extracurriculares, que normalmente não existem nas freguesias, como, por exemplo, da nataçã e do inglês.

São opções que compreendemos e respeitamos, tentando sempre dar-lhes concretizaçã.

Queremos ainda reforçar a ideia de que as respostas sociais ao nível destes equipamentos são essenciais na promoçã da coesã social e territorial.

O investimento no reforço da capacidade de resposta nestas áreas é pois fundamental, priorizando a acessibilidade das crianças provenientes de contextos mais vulneráveis, para que essa integraçã nas valências de creche e ATLs contribua de forma positiva para o desenvolvimento integral e inclusivo das crianças e jovens.

Este tipo de resposta é importante, não só para garantir o apoio à família, e permitir que os pais se insiram no mercado de trabalho com maior facilidade, mas também para garantir a fixação das famílias nos diferentes concelhos da região. Assim, a existência de creches em todos os concelhos desde 2016 é pois uma conquista de louvar.

Por concordarmos, na generalidade, com o teor deste projeto de resolução, em larga medida coincidente com a visão alargada e abrangente deste tema que também temos, e que está a ser materializada pelo Governo dos Açores, com resultados muito positivos. Queremos uma rede regional de creches e ATLS integrada, inclusiva, coesa e que satisfaça todos os concelhos da nossa região e, sobretudo, que responda cabalmente às necessidades das nossas famílias e dê mais e melhores condições às nossas crianças e jovens para atingirem o seu desenvolvimento integral.

Naturalmente, para alcançarmos resultados de excelência em toda a Região, pode e terá de haver um reforço das vagas disponíveis na área geográfica a que este projeto de resolução se refere, nomeadamente na zona oeste da ilha Terceira, sem prejuízo de se lembrar que o número de crianças que frequentam a escola nestas freguesias da zona oeste da ilha Terceira (freguesia dos Altares e Raminho) é a mais desprovida de resposta de ATLS, ao contrário da freguesia das Cinco Ribeiras, que serve de referência a este projeto de resolução.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Deputada.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado César Toste.

**Deputado César Toste (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo, Sr. Presidente do Governo:

Haja Saúde!

Atualmente o país e os Açores atravessam uma grave crise demográfica. A taxa de natalidade não consegue contrariar esta tendência, os casais optam na



maioria das vezes, por um ou dois filhos e no seu planeamento as questões da creche, do ATL e da escola são fatores importantes na decisão de onde vão morar.

Neste projeto de resolução importa observar que o conjunto das freguesias da zona oeste da ilha Terceira enfrenta um grave problema de desertificação com as seguintes valências: a freguesia dos Altares possui uma escola primária e um lar de idosos, a freguesia do Raminho uma escola e também um lar de idosos, a freguesia da Serreta nem escola, nem lar, a freguesia das Doze Ribeiras uma escola e um centro de dia, a freguesia de Santa Bárbara uma mega escola, um centro de dia, um ATL repleto, a freguesia das Cinco Ribeiras uma escola e um centro de dia e de noite, freguesia de São Bartolomeu uma escola.

O que sobressai nesta análise? A política dos últimos tempos foi apostar na resposta do envelhecimento nesta zona. Uma medida importante que vai de encontro à realidade.

A criação de uma mega escola, em Santa Bárbara, que pretendia fechar as escolas das freguesias vizinhas está preenchida. Felizmente, não fechou completamente permitindo que as crianças continuem a frequentar a escola da sua freguesia, dando vida às comunidades vizinhas. O único ATL situa-se em Santa Bárbara, tornando-a uma comunidade atrativa para a fixação de novos casais.

Por outro lado, as Cinco Ribeiras aponta, como referiu e bem o Bloco de Esquerda na última petição que foi apresentada por eles, a situação deste problema da desertificação e da situação das crianças não possuem uma resposta para ATL e creche.

É verdade que a complementaridade entre freguesias é importante.

É verdade que muitos casais trabalham em Angra e na Praia, optando por levar os filhos para as cidades e sabe-se que não se consegue agradar a todos.

No entanto, a criação de uma rede de creches e ATL não iria ser um ponto a favor para combater a desertificação destas freguesias? O PSD acha que sim.

Existem exemplos positivos, dentro da mesma ilha, que podem ser replicados, como é o exemplo da Praia da Vitória. Em muitos casos já existem espaços, como até foi demonstrado na petição que as Cinco Ribeiras apresentou, espaços em estabelecimentos de ensino, nomeadamente para ATL, que podem ser estruturas que podem ser aproveitadas, requalificadas com pouco dinheiro e fazer-se daqui uma valência que permita dar vida a estas freguesias.

Tal como é importante para um idoso permanecer ao máximo na sua comunidade, permitindo um envelhecimento ativo e com dignidade, é também muito importante que as crianças cresçam nas suas freguesias por forma a criar raízes e laços de proximidade.

Os números são importantes. São sim, sr. para definir políticas, mas a preparação do futuro também é.

A criação desta rede ou desta complementaridade é uma política pública amiga das famílias.

Obrigado.

**Deputado João Bruto da Costa (PSD):** Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Dou agora a palavra ao Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Para associar esta proposta do Bloco de Esquerda o reforço das creches é naturalmente positivo e deve prosseguir sempre esse objetivo. Aliás, também já demos contributo nesse sentido para exatamente proteger os mais pobres e aqueles que mais necessitam, fazendo aprovar aqui uma norma no Plano e Orçamento para isentar o pagamento de creches até ao sétimo escalão, foi aqui uma proposta do CDS feita e que foi aprovada por unanimidade nesta Casa.

Agora, eu também compreendo uma coisa, sras. e srs. deputados, é que conheço muita gente daquela parte oeste da ilha, das Cinco Ribeiras, de São Bartolomeu, até de Santa Bárbara que prefere ter os filhos numa escola em Angra porque têm depois atividades extracurriculares que não existem na freguesia, como seja o ténis, natação e até dá mais jeito aos pais trazerem as crianças para Angra para estarem mais perto das atividades extracurriculares que têm que fazer e por isso talvez, este projeto de resolução faça agora mais sentido, o reforço em vez do projeto de resolução inicial e daí merecer a nossa aprovação porque o inicial levantava-nos sérias dúvidas do seu real aproveitamento da capacidade que eventualmente se viesse a instalar posteriormente.

Nesse sentido, eu acho que o importante é manter, como foi essa também uma luta do CDS e que se empenhou bastante nisso, que foi a manutenção do refeitório da escola do Alto das Covas para que pudesse exatamente dar resposta aos pais que por obrigações profissionais têm que vir trabalhar para a cidade de Angra e que não tinham, esses sim, à hora do almoço onde deixar as crianças e foi bem feito, quer a escola da Carreirinha, quer a escola do Alto das Covas pudessem acolher estas crianças para poderem almoçar e estarem obviamente depois de acabar o seu tempo letivo e irem para as atividades extracurriculares.

Resumindo, é positivo o reforço, sim sr., e nesse sentido vamos aprovar. O aumento da capacidade instalada podia ser perigoso e reverter num investimento que não fosse efetivamente reprodutivo e que ficasse a servir as populações, exatamente pelos motivos que aduzi anteriormente.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Dou agora a palavra à Sra. Secretária Regional Andreia Cardoso.

(\*) **Secretária Regional da Solidariedade Social** (*Andreia Costa*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Caros Colegas:

A propósito da proposta apresentada pelo Bloco de Esquerda, permitam-me que faça uma breve contextualização a propósito da rede regional de equipamentos e serviços sociais, no que diz respeito à área de infância, designadamente no que diz respeito a creches e ATLS. No fundo, ressaltando aquilo que tem sido as preocupações do governo regional e também naturalmente as conquistas que foi possível alcançar ao longo dos últimos anos.

Já foi aqui mencionado e muito bem, uma das preocupações era fazer chegar a resposta de creche a todos os concelhos da nossa região, objetivo alcançado em 2016 com a criação de uma creche no concelho do Nordeste.

Tivemos também recentemente a preocupação de alargar a idade para frequência dos ATLS, compatibilizando assim as necessidades que vinham sendo manifestadas pelos pais, mas também pelas crianças, ao longo dos últimos anos e é possível agora que as crianças frequentem os ATLS durante todo o seu percurso escolar.

Outra das preocupações, também relacionada com as características e os horários de trabalho dos pais, que teve a ver com o alargamento do horários das creches e avançamos para um projeto piloto nas Furnas, exatamente indo ao encontro daquilo que são as necessidades dos pais, designadamente aqueles que trabalham por turnos, na área hoteleira ou no setor da saúde.

Outra das preocupações que também entendemos que é prioritária tem a ver com fazermos de facto convergir a resposta que é dada ao nível das creches e dos ATLS com aquelas que são as necessidades que estão definidas ao nível do ProSucesso, sendo também estas respostas promotoras do desenvolvimento integral, inclusive das crianças, é fundamental avaliá-las e garantir que o contributo destas respostas é efetivo nestes domínios.

Não descurando um outro aspeto que para nós é crucial e que tem a ver com o financiamento a estas respostas sociais e foi por isso que avançamos ainda recentemente, no final do ano passado, com o reforço ao financiamento das

creches em cerca de 4,5%, mas também revimos o financiamento dos ATLs considerando inclusivamente majorações para aqueles ATLs que disponibilizam transporte para as crianças.

Outro aspeto que já foi aqui também afluído e que tem a ver com a acessibilidade a estas respostas sociais por parte das famílias mais carenciadas. Há alguns anos atrás foi proporcionado descontos às famílias mais numerosas, com mais do que um filho a frequentar este tipo de respostas e já contemplado na legislação e ainda mais recentemente por proposta do CDS-PP, já aqui mencionada hoje, foi permitido a isenção das mensalidades até ao 7.º escalão.

Mas, tudo isto foi devidamente pensado e contextualizado prevendo um conjunto de investimentos consideráveis em toda a nossa Região, não só na construção, como também na remodelação e reabilitação de respostas ao nível de creches e ATL permitindo ir cada vez mais ao encontro daquelas que são as necessidades, quer dos pais, quer das próprias crianças. Incluindo ainda recentemente, como é do conhecimento de todos, um programa específico para substituição de viaturas, preocupados que estamos com as condições de segurança e naturalmente, também com o transporte destas crianças.

Tudo isto permitiu que em 2018 – comparando 2018 com 2013 – tivesse sido possível de facto, um reforço superior a 700 vagas ao nível de creches, que se traduziu em dados provisórios para 2019, em mais 200 vagas. Ou seja, entre 2013 e 2019 o reforço de 926 vagas (são dados provisórios, mas que daqui a muito pouco tempo teremos condições para tornar públicos e penso que são relevantes) que representam um reforço de 43% de vagas, nesta resposta social na Região.

De facto, o governo tem procurado ajustar e reforçar as respostas em função daquela que é a realidade de cada um dos concelhos, freguesias, naturalmente das nossas ilhas, indo ao encontro daquelas que são as necessidades dos pais e a particularidade do contexto e do mercado de trabalho em que se inserem.

Naturalmente que temos consciência, como já foi aqui aflorado por diversos intervenientes anteriores, da importância que estas respostas sociais tem na fixação das populações, designadamente nos meios rurais. Tive a hipótese de dar, penso que, bons exemplos aos srs. deputados da tradução desta preocupação em exemplos práticos, por exemplo, um dos exemplos mais recentes e a que fiz referência na comissão, tem exatamente a ver com abertura de um ATL na freguesia das Bandeiras, correspondendo exatamente a esta preocupação.

No que diz respeito à ilha Terceira, faço aqui algumas referências. Como já foi aqui dito, tem havido uma preocupação que se estendeu e que encontrou também a prática na ilha Terceira no reforço de respostas ao nível de creches e foi possível, ao longo dos últimos quatro anos – com dados de janeiro deste ano – reforçar em mais de 100 vagas a capacidade instalada ao nível de creches na ilha Terceira, mais de metade das quais no concelho de Angra do Heroísmo.

No que diz respeito aos ATLs foi possível reforçar a capacidade instalada em 74 vagas, mais de 50 das quais no concelho de Angra do Heroísmo e designadamente na zona de referência desta proposta de resolução, designadamente na Casa do Povo de Santa Bárbara, com o reforço de 20 vagas já efetivado e que vem corresponder a toda a que era a lista de espera de crianças daquela zona, inclusivamente das freguesias limítimas, fica assim devidamente correspondida.

Portanto, eu queria também fazer aqui menção que o sr. deputado Paulo Mendes fez referência à centralização das respostas e eu queria dizer que eu entendo que a política do governo regional é exatamente de descentralização das respostas, mas também tendo em atenção aquelas que são as preferências dos pais. Descentralização esta com o exemplo que eu acabei de dar, ou seja com a resposta que existe desde 2016 em Santa Bárbara, ou com o reforço da capacidade por exemplo, na Casa do Povo da Terra Chã, ou com o reforço da

capacidade no Centro Comunitário de São Sebastião no outro extremo do concelho, ou com a criação de uma resposta como a que já foi criada há alguns anos no Posto Santo que são tudo zonas rurais e que tem merecido uma atenção específica do governo regional, correspondendo àquelas que são as necessidades manifestadas.

Ainda mais recentemente, a criação de um ATL inclusivo com a colaboração da Associação Cristã da Mocidade, na freguesia de São Pedro, são 25 vagas, a que também acedem as crianças daquela zona da nossa ilha e que frequentam a escola Tomás de Borba.

Está neste momento em instalação o ATL na freguesia da Feteira e está em avaliação a criação de duas respostas de ATL, designadamente na freguesia das Cinco Ribeiras e na freguesia dos Altares. Eu acho que é importante que se diga isto aqui, já tive hipótese de o transmitir na comissão, mas é importante que se diga isto aqui, mas é fundamental fazer uma avaliação cuidada porque temos que corresponder a necessidades efetivas, não a necessidades potenciais, ou seja, temos que efetivamente avaliar aquelas que são as necessidades dos pais, as necessidades das crianças, corresponder, conforme preconizamos na estratégia regional de combate à pobreza, às necessidades das crianças mais carenciadas e inseridas também em meios familiares mais vulneráveis.

Da parte do governo regional dizia-vos que mantemos esta preocupação de criar respostas descentralizadas nos meios rurais, desde que isto corresponda às necessidades das crianças em primeira instância e naturalmente que também às necessidades dos pais.

Obrigada.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS e do Secretário Regional Adjunto da Presidência para os Assuntos Parlamentares (Berto Messias):** Muito bem! Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Secretária.

Dou agora a palavra ao Sr. Deputado João Paulo Corvelo.

**Deputado João Paulo Corvelo (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A Representação Parlamentar do PCP irá manter a sua posição, continuamos a acreditar na criação de uma Rede de Creches e CATL (Centro de Atividades de Tempos Livres) de qualidade e acessível aos trabalhadores e suas famílias, planeada de acordo com as necessidades de cada ilha, é a garantia do superior interesse das crianças e da efetivação de parte dos seus direitos fundamentais.

Existem diversos casos em que as crianças são deslocadas da sua zona de residência para os pais poderem ter uma vida profissional. Neste contexto, e face ao facto de, de acordo com informações que nos foram fornecidas na comissão, se em ambas as freguesias não existe qualquer outra oferta pública que possa superar as enormes deficiências da rede de creches e infantários, importa solucionar e evitar as dificuldades sentidas por estes pais e estas crianças no acesso às creches e CATL (Centro de Atividades de Tempos Livres). Além de que este projeto acaba por combater o despovoamento destas localidades.

Sabemos que por vezes as crianças têm dificuldades em conseguir uma vaga e por vezes muitos pais não conseguem suportar os custos associados à frequência de creches privadas ou de amas, ou fazem-no com grande sacrifício. A ausência de uma rede familiar que possa cuidar das crianças leva a que muitos pais optem por deixar de trabalhar para cuidarem dos filhos. Essa opção recai sobretudo nas mães, o que tem um impacto na sua vida profissional, mas também na sua emancipação e na estabilidade financeira do agregado em causa. Ao longo de várias legislaturas, a Representação Parlamentar do PCP tem vindo a abordar o reforço da rede pública de equipamentos de apoio à família, a par de várias outras iniciativas de proteção da maternidade e paternidade, com vista à proteção do superior interesse da criança, garantindo o seu desenvolvimento



integral, desde a infância, bem como assegurando o acesso aos equipamentos sociais por parte de todas as famílias independentemente das suas condições económicas.

Tendo em conta o que por nós é defendido, iremos votar favoravelmente ao projeto de resolução do Bloco de Esquerda, considerando que devem ser dadas a todas as crianças o máximo de estabilidade e comunidade possível.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Dou agora a palavra ao Sr. Deputado Paulo Mendes.

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo, Sr. Presidente do Governo:

Quero aqui frisar muito bem que, de acordo com o nosso objeto resolutivo, não só será possível reforçar o número de vagas nas valências já existentes, como também será possível criar, se assim for necessário, novas valências e aliás a Sra. Secretária acabou por assumir isso mesmo, justamente nesta zona geográfica entre São Bartolomeu e Altares, onde se está a estudar neste momento e a preparar um processo que levará à criação de valências de ATL nas freguesias de Cinco Ribeiras e Altares.

E portanto, isto acontece porquê? Porque há uma necessidade que até nos chegou a esta Casa através de uma petição subscrita não por um ou dois peticionários, mas sim por 579 peticionários e que dão voz a esta pretensão e a esta necessidade. É uma necessidade complementar para que a escola do primeiro ciclo das Cinco Ribeiras não venha a ser encerrada por falta de alunos. Aliás, se formos a cruzar aqueles que são os dados estatísticos de natureza demográfica e os dados estatísticos da educação (aqui vou-me referir ao ano letivo de 2017-2018, que é o último ano letivo sobre o qual nós temos dados publicados) reparamos que em São Bartolomeu tínhamos neste ano letivo 25 crianças com seis anos, ou seja com idade para a entrada no primeiro ciclo, no entanto a escola do primeiro ciclo de São Bartolomeu só recebeu oito

inscrições. Nas Cinco Ribeiras eram sete as crianças com condições para entrar para o primeiro ciclo e somente uma se matriculou na escola das Cinco Ribeiras.

Nas Doze Ribeiras houve um equilíbrio das cinco, as cinco inscreveram-se na escola do primeiro ciclo das Doze Ribeiras.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Não é verdade o que está a dizer!

No Raminho das sete crianças, quatro inscreveram-se na escola do primeiro ciclo do Raminho.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** 50% foi para Angra!

**O Orador:** Claro, na Serreta não existe neste momento escola do primeiro ciclo, mas mesmo assim estariam lá quatro crianças com condições para entrar para uma escola de primeiro ciclo e nos Altares teríamos 13 crianças com condições para entrar para o primeiro ciclo, no entanto só receberam sete inscrições.

Ora, foi aqui aduzido o argumento de que normalmente estas famílias procuram inscrever os seus filhos em escolas no centro de Angra ou mediações de Angra porque lá é mais fácil terem acesso a atividades de enriquecimento curricular ou em atividades extracurriculares como a prática de desporto, aqui referiu-se o exemplo da natação.

Ora, também nós sabemos e aliás, é assumido pela Sra. Secretária, os dados assim o demonstram e outro dia aliás os peticionários da petição contra o encerramento da escola das Cinco Ribeiras assim também deram contra que a creche e ATL de Santa Bárbara encontrava-se esgotada, agora já não estará porque provavelmente houve um reforço das vagas em creche e ATL em Santa Bárbara e a minha pergunta é: estas famílias que procuram a creche e ATL de Santa Bárbara para inscreverem os seus filhos, estando os seus filhos em Santa Bárbara também tem dificuldades de acesso a estas atividades extracurriculares. O mesmo poderei dizer por exemplo, no caso de São Sebastião que também não

tem propriamente acesso facilitado, tal como terão as crianças que estão em creches e ATLS das imediações de Angra terão um acesso mais facilitado, portanto as crianças que estão em São Sebastião também não terão certamente um acesso assim tão facilitado.

Ora, e o que dizer então do caso da Praia da Vitória em que a sua rede está descentralizada? Isso quer dizer que os pais não inscrevem os seus filhos nos ATLS das freguesias mais rurais da Praia da Vitória porque as crianças depois não terão acesso a atividade extracurriculares no centro da Praia? Não, não é isso que tem acontecido, até tem havido uma distribuição mais ou menos harmoniosa das crianças pelas várias freguesias do concelho da Praia da Vitória.

Aqui a questão que se coloca é que se não existe creche e ATL numa determinada freguesia e sobretudo ATLS, claro que se não existem condições os pais procuram uma solução e se a solução passa por inscrever os filhos no ATL mais próximo de Angra ou nas imediações de Angra, assim seja. Se não lhes derem condições, é claro que não há inscrições, ou seja, se não há um ATL por exemplo, em São Bartolomeu é claro que uma família vai inscrever os seus filhos no ATL de São Bartolomeu porque ele não existe e tem que procurar outra solução e a outra solução será ou em Santa Bárbara, onde existe ATL, ou então numa freguesia dos arredores de Angra.

Portanto, creio que este problema poderá ser colmatado, finalmente poderemos ter as condições criadas, de acordo com aquelas que são as pretensões da comunidade e se, como disse a Sra. Secretária, se houve vontade da parte da comunidade das Cinco Ribeiras e dos Altares para serem criadas valências de ATL e se neste momento está-se a estudar essa possibilidade e são criadas valências, então estamos no caminho certo e ainda bem quem assim é.

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Dou agora a palavra à Sra. Deputada Graça Silveira.

(\*) **Deputada Graça Silveira** (*Independente*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. Secretária e Membros do Governo:

Quando sempre criticámos a política da educação que privilegiou a construção de mega escolas numa altura que claramente estava a haver um decréscimo do número de crianças e que para encherem essas mega escolas foi preciso, praticamente andar a arrebanhar crianças nas freguesias vizinhas, separando estas crianças das suas comunidades, afastando-as das suas famílias, desenraizando-as do seu meio e afirmando que isto era claramente um retrocesso civilizacional, era porque era uma perseguição ao José Gabriel Álamo Menezes, porque nós não gostávamos de megas escolas, etc., etc.

A verdade é que em nome dessa modernidade, que foi criar mega escolas, porque na altura o Sr. Secretário Regional da Educação achava que as escolas de proximidade eram escolas de fundo de canada ou escolas de regime, o preço que se pagou por essa modernidade foi dismantelar uma excelente rede de escolas de proximidade e percebo que agora não seja fácil. Mas a prova disso é que na Terceira há duas realidades completamente distintas, uma onde a autarquia da Praia da Vitória está disponível para cooperar com o governo e entre governo e autarquia conseguiu-se criar creches nas freguesias, fazer uma conversão de valências, reconhecendo a importância de que os casais jovens devem ser incentivados a ficar nas suas freguesias, incentivando a fixação de jovens nas freguesias mais rurais, evitando assim a sua desertificação, isso foi possível. Ao contrário, em Angra do Heroísmo, temos praticamente a costa oeste toda com freguesias enormes, ou seja, à saída de Angra passando por São Mateus começa logo São Bartolomeu, Cinco Ribeiras e por aí fora, até aos Altares, na ponta norte, não temos valências...

(*aparte inaudível*)

**A Oradora:** Temos Santa Bárbara, eu quero evitar falar de Santa Bárbara porque em relação a escolas e Santa Bárbara ficámos conversadas há muitos anos!

Mas pronto, isto para dizer que percebo que neste momento é difícil e nessa altura foi o início deste desmantelamento e ainda bem que não se construiu a escola da maneira como era para ser porque de facto, não há jovens para isso.

Penso que é fundamental, a questão dos ATLS não é que os pais queriam trazer as crianças para Angra, mas a questão é, se os pais efetivamente trabalham em Angra tem duas hipóteses: ou tem avós e família na freguesia e às 15h30 vão buscar os meninos à escola, em algumas, e sabemos que há muitos jovens em São Bartolomeu, que são pessoas que não são de São Bartolomeu e que decidiram construir as suas casas lá e portanto, que não têm família – é o meu caso – e que não têm outra alternativa se não trazer para Angra. Ou porque posso ir buscar e ficar comigo e estou mais próxima, ou porque efetivamente há uma oferta maior de ATLS portanto, a questão é esta. Coloco-lhe a questão, não estava na comissão, mas percebi pelas suas declarações que se fez uma avaliação das necessidades, são necessárias 30, aproximadamente e que há uma disponibilidade para 20, pelo menos foi o que ficou claro no relatório.

**Secretária Regional da Solidariedade Social (Andreia Costa):** Está em estudo!

**A Oradora:** A questão que coloco é, se há 30 pessoas com necessidades e o governo só tem capacidade para dar 20 de resposta, como é que isto será feito? Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Deputada.

Dou agora a palavra ao Sr. Deputado Paulo Estevão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. deputado Paulo Mendes eu sinceramente não percebi a alteração que fez na sua iniciativa porque eu concordei quando v.exa. apresentou esta iniciativa na comissão. Eu acho que v.exa. tinha toda a razão. V.exa. demonstrou que de facto, na parte oeste da ilha ...

*(Neste momento o Sr. Deputado mostra um mapa da ilha Terceira à câmara)*

**O Orador:** ... portanto: São Bartolomeu, Cinco Ribeiras, Santa Bárbara, Doze Ribeiras, Serreta, Raminho e Altares, toda a parte oeste, v.exa. demonstrou que não existe nenhuma valência de creche, foi isso que v.exa. afirmou e por isso a sua proposta era inicialmente criar uma rede de creches e isso é verdade, ou seja, criar algo que não existe. Agora v.exa. diz: “Reforce!”

**Deputada Graça Silveira (Independente):** Reforça uma coisa que não há!

**Deputado Paulo Mendes (BE):** Mas cria!

**O Orador:** Ora, não pode reforçar algo que não existe. Diga-me uma coisa, como é que o sr. reforça uma rede de creches, quando a rede de creches não existe na parte identificada por v. exa, ou seja, entre São Bartolomeu e Altares? V.exa. não pode reforçar uma não existência! Portanto, ou seja, não compreendo esta primeira alteração. A segunda alteração que diz respeito à rede de ATL, também não se pode dizer que existe uma rede de ATL quando ela só tem um ponto de apoio e que é insuficiente, como v.exa. diz, que é Santa Bárbara. Uma rede deste tipo tem que ter dois pontos de apoio. Se v. exa. montar uma rede e se só tiver um dos extremos, isso não é uma rede, fica no chão e portanto, não cria nenhuma rede. A verdade é que não existe uma rede, existe na parte oeste, como v.exa. identificou e muito bem, existe apenas uma única resposta aqui na freguesia de Santa Bárbara, nas restantes (São Bartolomeu, Cinco Ribeiras, Serreta, Raminho e Altares) não têm esta resposta. Portanto, v.exa. na sua primeira proposta que alterou o que referia era, criar

uma rede e tinha toda a razão porque criar uma rede de creche onde ela não existe, não a reforça, efetivamente cria e a seguir criava também uma rede de ATL que também de facto, não existe uma rede, existe um único ponto, uma única resposta neste conjunto de freguesias desta zona territorial da Terceira.

Depois, v. exa. termina esta sua proposta com esta alteração: “criando novas valências, caso se revele necessário”, diz v.exa. Isto não é nenhuma garantia porque v.exa. – caso se torne necessário – tem a convicção, como diz durante todo o documento, que existe essa necessidade ou é o governo que decide se existe essa necessidade? É porque a alteração aqui é a seguinte, até agora o governo considerou – antes da sua proposta – que essa necessidade não existe, se considerasse que existia já o teria feito. Ora, v.exa. está a fazer uma alteração, v.exa. diz que – e com toda a razão – existe essa necessidade, mas depois não altera nada porque v.exa. o que diz é: “no caso de se relevar necessário”.

Ou seja, vamos lá ver se nos entendemos, v.exa. afirma que é necessário? Ou v.exa. tem dúvidas e deixa que os outros decidam se é necessário? Tem alguma dúvida em relação à necessidade? Não tem! Por isso, eu quero-lhe colocar essas dúvidas em relação à alteração que v.exa. fez e apresentou neste Parlamento.

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Dou agora a palavra à Sra. Secretária Andreia Cardoso.

(\*) **Secretária Regional da Solidariedade Social** (*Andreia Costa*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Caros Colegas:

Eu queria começar por responder aqui a algumas das questões que foram colocadas ou fazer comentários a alguns dos comentários que foram também aqui feitos.

Em primeiro lugar, a circunstância que conduz à necessidade ou não de um determinado tipo de resposta, numa determinada localidade, nem a existência de números de nascimentos numa determinada localidade de crianças, é óbvio

que é um objeto que conduz à avaliação, mas não é por si só justificação para a criação de uma resposta, ou seja, estamos a falar de respostas que são resposta sociais, como eu aqui disse, respostas de apoio às famílias e é preciso que as famílias reconheçam essa necessidade em primeira instância. Paralelamente a esta questão, reconhecendo essa necessidade de que também entendam que ela corresponde melhor naquela localidade ou noutra localidade mais próxima do sítio onde trabalham, por exemplo. Estas são opções que são feitas pelas famílias e o que é facto é que quando aqui se diz que não existe uma rede de respostas sociais, é um profundo desconhecimento daquela que é a realidade na ilha Terceira como um todo, ou seja, a ilha Terceira não se confina àquelas três ou quatro freguesias, vai muito para além disso e tem, felizmente, uma capacidade instalada, como foi aqui dito e bem, até neste momento àquela que é uma capacidade superior àquela que é a procura efetiva por parte das famílias e portanto, com margem para absorver procura que venha a surgir.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Muito bem!

**A Oradora:** Mas também, é importante que se diga que, nós estamos atentos àquelas que são as necessidades que vão ser manifestadas.

A resposta na Casa do Povo de Santa Bárbara de ATL surgiu em 2016 para 28 crianças. Na altura não preencheu logo a sua capacidade, quando preencheu e surgiu mais procura ela foi reforçada para 40 vagas, isso aconteceu entre 2016 e 2019. Em 2019 voltou-se a verificar a necessidade por procura de aumentar a capacidade, foi a própria instituição que propôs um reforço de capacidade em mais de 30 vagas, sendo certo que não havia dimensão no espaço para esse reforço de 30 vagas, nem procura efetiva para essas 30 vagas porque efetivamente, a lista de espera era apenas, no caso das crianças de Santa Bárbara, de 19 e havia também crianças das freguesias limite que procuravam e deu-se resposta às 20 crianças. Neste momento foi contratualizado esse reforço



de capacidade com a Casa do Povo de Santa Bárbara correspondendo assim às necessidades que foram manifestadas.

Também é importante que se diga que Santa Bárbara não responde exclusivamente às necessidades das crianças de Santa Bárbara, é evidente que é maioritariamente essas crianças porque são também essas que procuram maioritariamente essas respostas, mas há crianças das freguesias das Doze Ribeiras, Serreta e de outras freguesias ali próximas que procuram essa resposta, ...

**Deputada Graça Silveira (*Independente*):** Muitas das Cinco!

**A Oradora:** ... com certeza que sim e estão a frequentá-la. Este é um aspeto que é relevante.

Quanto à rede de respostas na ilha Terceira é importante que se diga e eu talvez vou aqui reforçar essa ideia, que em 2018 (porque nós não temos dados apurados para 2019) a taxa potencial de cobertura para creches na ilha Terceira era de 73% e a taxa efetiva de cobertura era de 58%, o que quer dizer que existe ainda uma margem para a integração de crianças em creche, desde que os pais assim o desejem.

Ao nível de ATL a taxa potencial de cobertura era de 40%, como aqui já foi dito, o dobro daquilo que é o mínimo recomendado e é uma rede muito vasta que existe de forma descentralizada e que em 2018 teria uma taxa de cobertura efetiva de 31% das crianças nesta faixa etária. Portanto, parece-me que resulta daqui claro, desta minha última intervenção que de facto, não só existe uma boa rede de respostas sociais ao nível da infância na ilha Terceira, como nós estamos atentos àquelas que venham a ser e foram as necessidades manifestadas pelos pais. Agora, temos de atender objetivamente, não é à potencial necessidade, é à necessidade efetiva e essa necessidade efetiva confirma-se pela procura dos pais por respostas naquelas comunidades e por isso eu disse, na minha primeira intervenção, que neste momento estamos a avaliar não só a

freguesia das Cinco Ribeiras, como também a freguesia dos Altares e é preciso olhar para a freguesia dos Altares também tendo em atenção que existe já resposta nos Biscoitos, que sendo outro concelho, é uma freguesia vizinha e portanto, estamos a complementar a resposta que já existe na freguesia dos Biscoitos e temos que com certeza atender a outra realidade, é óbvio – já transmiti – que existe capacidade instalada para corresponder às necessidades efetivas da população, não só daquela ilha, como da Região. O governo não cria nem respostas de freguesia, nem respostas municipais, a rede nem é municipal, nem é de freguesia, é uma rede regional de respostas sociais que corresponde às necessidades efetivas da população, não a necessidades potenciais ou simplesmente a manifestações de vontade, é à necessidade efetiva da população.

Obrigada.

**Deputada Renata Correia Botelho (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Muito Obrigado, Sra. Secretária.

Dou agora a palavra ao Sr. Deputado Paulo Mendes.

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sra. e Srs. Secretários Regionais:

Eu vou ser contingente às perguntas encomendadas do sr. deputado Paulo Estevão.

Sr. deputado Paulo Estevão afirmou, ou melhor, questionou, sob uma forma de afirmação. Sr. deputado Paulo Estevão, sob a forma de questão, afirmou que não havia garantias sequer da criação de novas valências deste espaço delimitado entre São Bartolomeu e Altares.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Não foi isso que ela disse!

**O Orador:** Ora, tanto garante esta proposta a criação de novas valências que até a própria Sra. Secretária anunciou, aqui no debate desta iniciativa, que serão criados dois ATLS, um nos Altares e outra nas Cinco Ribeiras.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Não foi isso que ela disse!

**O Orador:** E também poderá ser provável no futuro a criação de creches neste espaço delimitado. Portanto, quando é o próprio governo regional que assume aqui, através da Sra. Secretária Regional da Solidariedade Social, que está a estudar a possibilidade da criação de dois ATLs, um nas Cinco Ribeiras e outro nos Altares, isso quer dizer que há aqui uma garantia, caso haja necessidade que se crie estas valências, tanto de ATL, como no futuro quem sabe, como disse a Sra. Secretária conforme a análise das necessidades, também venham a ser criadas creches neste espaço geográfico.

Ora, eu devo lembrar o sr. deputado Paulo Estevão que por vezes temos que trabalhar com as condições que temos, ainda mais quando estamos a falar do sr. deputado Paulo Estevão, até porque no dia 8 de fevereiro de 2019 apresentou um projeto de resolução nesta Casa que recomendava ao governo regional que até ao início do próximo ano letivo garantisse o acesso, por parte dos docentes e não docentes que exercem as suas funções na Escola Básica e Secundária Mouzinho da Silveira, ao refeitório escolar, que o sr. deputado Paulo Estevão reivindica e bem para o Corvo, em condições semelhantes às que todos os outros docentes e não docentes usufruem dos restantes estabelecimentos públicos da educação e de ensino na Região Autónoma dos Açores. Em julho desse mesmo ano o sr. deputado, nesta Casa e em debate parlamentar, fez uma proposta de substituição integral deste projeto de resolução e eu poderia dizer que recuou, mas não digo isso, aliás na altura nem lhe disse nada, poderia lhe dizer muita coisa, mas não lhe digo nada. Porquê? Porque o sr. deputado deparou-se com uma circunstância em que teria de atender a uma necessidade premente e por isso mesmo tinha que trabalhar com as circunstâncias que tinha pela frente e se isso passa por abdicar aqui no texto da referência ao refeitório escolar e em vez disso colocar refeições escolares, então que assim o seja e ainda abem que assim fez, porque assim garantiu algo aos docentes e não

docentes da escola do Corvo e nós, Bloco de Esquerda, votámos à época a favor do seu projeto de resolução sem qualquer problema, aqui não há qualquer contradição, tal como também não houve, por parte do sr. deputado, em julho do ano passado.

Obrigado, Sr. Presidente.

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Falso!

**Presidente:** Muito Obrigado, Sr. Deputado.

Dou a palavra ao Sr. Deputado Paulo Estevão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

Em primeiro lugar, essa sua interpretação em relação à iniciativa do PPM está errada porque como v. exa. bem leu, o que eu queria era que os docentes tivessem acesso ao refeitório, não a construção do refeitório e portanto, a alteração que foi feita foi para precisar essa matéria,

**Deputado Carlos Silva (PS):** Não é verdade! Construção! Está a faltar à verdade!

**O Orador:** ... e portanto, e a verdade é que neste momento os docentes já têm acesso a refeições. Outra coisa é a construção de um refeitório e não é por acaso que eu agora... eu já lhe disse, nesta questão das refeições das crianças e dos professores eu vou por etapas: antes as crianças não tomavam refeições escolares, eram as únicas no país todo, já se conseguiu.

Segundo ponto, os professores e os não docentes também não tinham acesso às refeições, já se conseguiu e agora estou na terceira etapa que é a construção do refeitório e a outra não digo qual é, isso é progressivamente, portanto, isso é por etapas. O que estava lá escrito era bastante claro e foi para ficar claro, portanto, não recuei um único milímetro. Agora, v.exa. deu-me a volta 360 graus porque v.exa....

**Presidente:** Srs. Deputados.

**O Orador:** É 360° que eu quero dizer! Porque v.exa. ...

É 360°, não é 180°, eu quero dizer 360°. Porque v.exa. está a afirmar que o que aqui está escrito é exatamente aquilo que v.exa. tinha escrito anteriormente, ou seja, v.exa. está a afirmar-me que não saiu do mesmo lugar. Certo? Ora, essa sua afirmação não corresponde à realidade porque eu quero-lhe dizer o seguinte: v.exa. tinha criado e quando se cria alguma coisa que não existe, quando v.exa. está a reivindicar uma situação de criar uma rede de creches, v.exa. aí estava a dizer a verdade porque repare bem, de facto na zona oeste da ilha, não existia uma rede de creches, ponto! Se não existe, a palavra exata que v.exa. tem que utilizar é criar!

**Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito bem!

**O Orador:** Uma coisa que não existe, cria-se! Certo? A alteração que v.exa. introduziu é de reforçar! Sr. deputado como é que v.exa. reforça uma coisa que não existe? Quer-me explicar?

**Secretária Regional da Solidariedade Social (Andreia Costa):** Existe, existe!

**O Orador:** Como é que reforça uma rede que não existe? A rede de creches não existe!

**Secretária Regional da Solidariedade Social (Andreia Costa):** Existem creches na Ilha Terceira!

**O Orador:** Como é que pode reforçar! Portanto, repare, foi a própria Secretária que lhe deu estes dados, nos Altares tem 5,8%, só 5,8% dos miúdos é que frequentam a creche. No Raminho 0%, na Serreta 20%, nas Doze Ribeiras 33%, em Santa Bárbara 42%, nas Cinco Ribeiras 50% e em São Bartolomeu 63%.

**Secretária Regional da Solidariedade Social (Andreia Costa):** Mas isso não diz nada por si só!

**O Orador:** Ora, quanto mais vamos para norte, menos impacto tem a rede de creches. Nalgumas freguesias há inclusivamente miúdos que não estão inscritos, que é o caso do Raminho, que é o caso dos Altares que só tem 5,8%, que é o

caso da Serreta. Há uma evolução enorme a fazer, não me digam: “há, mas estas respostas são respostas que estão a ser dadas noutras zonas, os pais trabalham noutros sítios”. 0 %? 5,8%, 20%? O que isto indicia é que há uma necessidade é que há uma necessidade que não está a ser satisfeita e v.exa. dizia isso e renegou completamente as suas afirmações, sr. deputado e é isso que eu condeno. E v.exa. diz agora que há garantia por parte do governo, veja bem que não há garantia nenhuma porque a Sra. Secretária disse que vai estudar, vai analisar! É algo que não é necessário estudar e analisar, é evidente! V.exa. tinha razão e v.exa. aqui vendeu a alma ao diabo. Foi o que aconteceu!

E portanto, de facto v.exa. deu foi uma volta de 180° nesta matéria.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Sras. e Srs. Deputados...

Srs. Deputados vamos continuar o debate e dou a palavra ao Sr. Deputado Paulo Mendes.

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Secretários Regionais:

Bem, sr. deputado Paulo Estevão, eu a ter que assumir aqui alguma coisa é uma imprecisão e assumo desde já, porque utilizei a nomenclatura inadequada. Isto porquê? Porque existe de facto, uma rede regional de creches e ATL, agora o que na nossa opinião – Bloco de Esquerda – o que existe é uma insuficiência dessa rede regional de creches e ATL, nesta zona delimitada entre São Bartolomeu e Altares e aqui eu assumo sem problema algum a utilização inadequada desta nomenclatura.

Agora, uma coisa é certa, no que diz respeito à proposta do sr. deputado Paulo Estevão quanto às refeições escolares ou então quanto ao refeitório escolar, aqui fico sem saber do que é que se tratava, aqui não está uma questão de imprecisão, aqui parece-me é que houve de facto, um recuo. Porque numa primeira versão, o sr. deputado não larga (e ainda bem que assim é) a sua

pretensão da criação de um refeitório escolar no Corvo, mas passados alguns meses, já não é bem assim, já poderá garantir este serviço ao pessoal docente e não docente através de refeições escolares.

Ora, no nosso entendimento, a sua proposta de substituição integral operada em julho do ano passado, não é, nem pode ser entendida de forma alguma como um claudicado perante a sua pretensão e reivindicação devido a ter um refeitório escolar no Corvo, é mais uma forma de trabalhar com as circunstâncias em que se encontra e aliás, eu quando disse inicialmente que o sr. deputado do PPM, o sr. deputado Paulo Estevão, deve ter bem consciência do que é trabalhar perante as circunstâncias que dispõe à sua frente, é que o sr. deputado representa um partido que é monárquico e não tem problema algum (e ainda bem que assim é) de ter tido alguma vez representação na Assembleia da República porque tem que trabalhar com as circunstâncias que se apresentam pela frente, não é? Mais do que isso, o sr. deputado Paulo Estevão quando tomou posse do seu cargo como deputado teve que jurar sob a Constituição da República Portuguesa...

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Mendes...

**O Orador:** Teve que trabalhar com as circunstâncias que se lhe apresentavam pela frente. Eu vou agora acusar o sr. deputado de incoerência?

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Mendes...

**O Orador:** De dizer que desistiu de um dia poderia o nosso país poderia um dia ser uma monarquia, um regime monárquico? Não ...

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Mendes...

**O Orador:** Porque simplesmente está a trabalhar com as circunstâncias que existem neste momento, para um dia mais tarde, de acordo com as suas convicções ....

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Mendes...

**O Orador:** O mesmo aconteceu com os republicanos, ...

**Presidente:** Sr. Deputado eu peço-lhe que se circunscreva à matéria em análise, não vamos divagar para assuntos, nem do passado, nem que não têm nada a ver com a matéria.

Obrigado.

**O Orador:** Agradeço imenso a sua compreensão e portanto, penso que já fiz ver a toda a câmara de quem é que é aqui incoerente, ou não. Apesar de eu considerar mesmo assim que o sr. deputado Paulo Estevão não é de forma alguma incoerente, tal como nós, também não estamos a ser incoerentes.

Se o sr. deputado Paulo Estevão continuar a insistir nessa lógica de que qualquer alteração feita a qualquer iniciativa que trazemos a esta Casa é um claudicado completo e total àquelas que são as pretensões do Partido Socialista e até mesmo do governo regional, então penso que o sr. deputado Paulo Estevão não poderá, de hoje em diante, fazer qualquer proposta de substituição integral aos seus projetos de resolução ou até mesmo aos seus projetos de decreto legislativo regional porque será sempre acusado de claudicar, de ser fraco, de voltar atrás e não é isso que nós entendemos. Há de facto, alturas em que assistimos aqui a recuos e mais do que recuos, a voltas de 180°, isso é verdade, temos assistido, mas não é este o caso e também nunca foi o caso do sr. deputado Paulo Estevão.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Dou agora a palavra à Sra. Deputada Graça Silveira.

**Deputada Graça Silveira (Independente):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sra. Secretária e Restantes Membros:

Eu tenho que ser muito rápida porque tenho pouco tempo.

Eu penso que é um bocadinho pouco coerente dizer, até depois da explicação que deu do caso de Santa Bárbara, que neste momento a oferta é muito superior à procura. Quando se abriu a valência em Santa Bárbara havia muito pouca procura e depois de existir e que era a única, as pessoas reorganizaram a sua



vida e a sua lógica das suas crianças, pelo facto de saberem que podiam contar com aquele ATL e passou a ter muito mais procura. De tal forma que por exemplo, há muitos alunos da escola das Cinco Ribeiras que neste momento, já não se inscrevem na escola das Cinco e vão se inscrever na escola de Santa Bárbara, exatamente porque tem o ATL a seguir e isso provavelmente explica o caso de em São Bartolomeu termos 25 crianças e na escola só se inscrevem oito, porque depois não têm o ATL e São Bartolomeu, neste momento, já é uma freguesia onde existem imensos jovens casais que não são locais, portanto não têm as famílias.

Gostaria que me explicasse a questão dos 20 e dos 30 que eu há bocadinho perguntei, ...

**Secretária Regional da Solidariedade Social** (*Andreia Costa*): E eu respondi!

**A Oradora:** ... percebi que não estava correto e a Sra. Secretária acabou por não responder.

Ah respondeu? Não me apercebi!

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Deputada.

Dou agora a palavra ao Sr. Deputado Paulo Estevão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão** (*PPM*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

Ó sr. deputado Paulo Mendes, v.exa. não consegue explicar a alteração que introduziu na sua proposta, que v.exa. claudicou em absoluto, em relação às suas reivindicações e está a tentar aqui trazer outra proposta. Já lhe disse que não é verdade, não fiz nenhuma cedência e essa última referência à natureza monárquica do partido é... Olhe eu peço-lhe desculpa, mas eu vou utilizar a palavra, é que é de uma ignorância atroz....

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Estevão eu peço-lhe porque termine que acabou o seu tempo.

**O Orador:** Eu termino, Sr. Presidente, mas e que é de uma ignorância atroz. Vou-lhe perguntar o seguinte: não aprendeu na escola que o Manuel de Arriaga foi deputado durante os Parlamentos Monárquicos? Não sabia isso? Foi eleito pelo Funchal e que exerceu funções durante a monarquia constitucional? V. exa. não aprendeu isso?

**Deputado Paulo Mendes (BE):** Eu disse isso!

**O Orador:** V. exa. não sabe que o homem forte da 1ª República ...

**Presidente:** Sr. Deputado Paulo Estevão por favor termine a sua intervenção.

**O Orador:** ... foi deputado durante a monarquia constitucional?

Eu termino Sr. Presidente.

**Presidente:** Isso é uma escaramuça que não está no âmbito desta discussão.

Eu agradeço que termine a sua intervenção.

**O Orador:** Termino, Sr. Presidente, mas deixe-me dizer isto: é que isto é ignorar a história de Portugal e é não perceber que se podem desempenhar funções em órgãos de outro tipo de regimes ...

**Presidente:** Sr. Deputado eu não lhe vou permitir esse tipo de escaramuça, por favor termine a sua intervenção.

**O Orador:** Eu termino, Sr. Presidente e a última referência era se não viu na televisão o Pablo Iglésias do Podemos jurar a Constituição e jurar lealdade ao rei que é o partido irmão de v.exa. em Espanha?

Termino, Sr. Presidente esta última referência porque há coisas que se têm que saber e que os deputados deveriam saber.

**Presidente:** Obrigado.

Srs. Deputados a Mesa de momento não tem mais inscrições.

Pergunto se há mais alguém que queira entrar no debate?

Não havendo inscrições, vamos passar à votação.

Portanto, vamos passar à votação desta proposta de substituição do projeto de resolução:

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam, façam o favor de se manter como estão;

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra, façam o favor de se sentar;

As Sras. e os Srs. Deputados que se abstêm, façam o favor de se sentar.

**Secretário:** A proposta de resolução foi aprovada com 29 votos do Partido Socialista, 18 votos do PSD, 2 do CDS-PP, 2 do Bloco de Esquerda, 1 do PCP e da Deputada do Independente e a abstenção do Deputado do PPM.

**Presidente:** Passemos então ao ponto ...

Sr. Paulo Estevão para?

Tem a palavra, Sr. Deputado.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

O meu sentido de voto e a alteração do meu sentido de voto em relação àquilo que eu tinha pensado fazer e aquilo que fiz depois do Bloco de Esquerda ter apresentado a sua alteração, tem a ver com a manutenção dos ideais que se defendem e dos projetos políticos que se defendem.

Não pode haver contorcionismo parlamentar, há matérias em que nós temos certezas e em que nós temos ideais e em que nós temos que ser absolutamente convictos. Se não existe uma rede de creches, como de facto não existe, ....

**Secretária Regional da Solidariedade Social (Andreia Costa):** Mas existe!

**O Orador:** ... nós temos que dizer que não existe. Não é só porque o governo promete ou o Partido Socialista, a maioria promete que vai votar a favor que nós alteramos as nossas convicções, as nossas afirmações, até porque correspondem à verdade e o Bloco de Esquerda tinha razão, não existia e continua a não existir nenhuma rede de creches entre as freguesias de São Bartolomeu e os Altares.

Era uma afirmação que correspondia em absoluto à verdade e portanto, a proposta inicial era para criar algo que não existia e nesse sentido eu teria votado a favor.

Reforçar, que é a proposta de alteração que foi introduzida pelo Bloco de Esquerda, não corresponde à realidade porque não se reforça algo que pura e simplesmente não existe e isso significa claudicar em relação à verdade e à convicção que se devem ter nas coisas e é por isso e é pelo facto de eu considerar que este projeto nesse sentido, claudicando em relação à verdade, claudicando em relação aos factos, claudicando em relação à convicção política que se coloca no discurso e que se coloca nas propostas que se fazem, não podia ser votado favoravelmente por parte da representação parlamentar do PPM.

É só por isso, é porque em política a palavra tem que valer e as convicções têm que valer!

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Mendes para uma declaração de voto? Tem a palavra.

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Secretários Regionais:

Nós, Bloco de Esquerda, votámos favoravelmente a nossa iniciativa porque consideramos que foi tomado um primeiro passo, um passo muito importante, foi cumprida uma etapa para finalmente vermos supridas necessidades prementes de ATL e quem sabe no futuro também de creches na zona delimitada entre São Bartolomeu e Altares.

Consideramos que estão criadas assim garantias suficientes para de hoje para amanhã, ou seja, num futuro próximo ou distante virmos a ter uma distribuição descentralizada dos recursos, quer de creche em ATL no concelho de Angra do Heroísmo, mais precisamente entre as freguesias de São Bartolomeu e Altares e foi com a consciência que estamos a dar um contributo e mais do que dar um contributo à descentralização das respostas de creches e ATL, para dessa forma

evitar o encerramento de escolas do primeiro ciclo nas freguesias mais rurais, neste caso na costa oeste da ilha Terceira, também apresentámos esta iniciativa e recolheu quase a unanimidade desta Casa.

Também fizemos assim cumprir aquela que era uma pretensão de centenas de peticionários que se dirigiram a esta Casa há oito meses atrás com o objetivo de se providenciarem as respostas complementares à frequência de 1.º ciclo na escola das Cinco Ribeiras, evitando o encerramento, não só desta escola das Cinco Ribeiras, mas também de outras escolas do concelho de Angra do Heroísmo.

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Não havendo mais inscrições para declarações de voto, passamos ao ponto 4 da nossa Agenda - **Petição n.º 38/XI – “Pelo livre acesso à zona comercial do Porto das Velas quando não estiverem embarcações a operar”**, apresentada por Armando de Jesus Dutra da Silveira, na qualidade de primeiro subscritor.

Rege esta matéria o artigo 192.º do Regimento da Assembleia e os tempos foram definidos pela Conferência de Líderes.

Para a apresentação do relatório dou a palavra ao Sr. Relator da Comissão de Economia, Sr. Deputado Carlos Silva.

**Deputado Carlos Silva (PS):** Muito obrigado, Sr. Presidente em funções.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Secretários, Sras. e Srs. Deputados:

## RELATÓRIO

---

### **PETIÇÃO N.º 38/XI – PELO LIVRE ACESSO À ZONA COMERCIAL DO PORTO DAS VELAS QUANDO NÃO ESTIVEREM EMBARCAÇÕES A OPERAR**

#### **TRABALHOS DA COMISSÃO**

A Comissão Permanente de Economia reuniu no dia 11 de julho de 2019, na Delegação da ALRAA em Ponta Delgada, São Miguel, com recurso a videoconferência e procedeu à análise e emissão de parecer sobre a “**Petição n.º 38 - Pelo livre acesso à zona comercial do Porto das Velas quando não estiverem embarcações a operar**”.

---

#### **1.º CAPÍTULO – INTRODUÇÃO**

---

A 17 de abril de 2019 deu entrada na Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores uma Petição designada “Pelo livre acesso à zona comercial do Porto das Velas quando não estiverem embarcações a operar”, sendo o Sr. Armando de Jesus Dutra da Silveira, o primeiro subscritor. A petição em análise tem 355 subscritores.

---

#### **2.º CAPÍTULO – ENQUADRAMENTO JURÍDICO**

---

O enquadramento jurídico do exercício do direito de petição, perante a ALRAA, encontra-se consagrado no artigo 52.º da Constituição da República, no artigo 9.º do Estatuto Político-Administrativo da RAA (EPARAA), na Lei n.º 43/90, de 10 de agosto, alterada e republicada pela Lei n.º 51/2017, de 13 de julho.

A apreciação na Comissão Permanente de Economia, atenta a matéria em apreço, exerce-se no âmbito do n.º 4 do artigo 73.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores e nos termos dos artigos 189.º

a 193.º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

---

### **3.º Capítulo – APRECIÇÃO NA GENERALIDADE E NA ESPECIALIDADE**

---

A petição em causa tem por objeto pedir “às autoridades políticas locais e regionais, que sejam tomadas as medidas necessárias para que no porto comercial das Velas seja permitido o acesso, permanecendo com o seu desígnio social como tem tido até agora”.

Os peticionários pretendem que seja permitido o livre acesso à zona comercial do Porto de Velas, quando não estiverem embarcações a operar, para manter o desígnio social que tem tido até agora, como local de prática de pesca e de encontro para a população local.

**A Comissão deliberou proceder à audição, presencial, das seguintes pessoas:**

- do primeiro subscritor, Sr. Armando de Jesus Dutra da Silveira;
- do Capitão do Porto da Horta;
- da Secretária Regional dos Transportes e Obras Públicas (SRTOP) e do Presidente da Portos dos Açores, S.A.

#### **AUDIÇÕES REALIZADAS**

**A Comissão Permanente de Economia, no dia 11 de julho de 2019, na Delegação da ALRAA em Ponta Delgada, São Miguel, com recurso a videoconferência, realizou as seguintes audições:**

- i. Audição do primeiro subscritor, Sr. Armando de Jesus Dutra da Silveira**

O Sr. Armando Silveira começou por afirmar que a petição surgiu porque um grupo de pessoas detetou que o acesso à zona comercial do porto das Velas seria restrito e que o cais das Velas sempre foi um local emblemático muito utilizado pelas famílias, quer para caminhadas, quer para pesca lúdica.

O Peticionário indicou que o acesso ao porto pode ser restrito e limitado, quando estiverem embarcações a operar (referiu que há dias em que só operam um ou dois navios) sendo que fora deste período o acesso poderá ser facilitado, para permitir a sua utilização e circulação pelas pessoas.

Posteriormente, o Deputado António Pedroso afirmou que o cais das Velas sempre foi muito utilizado e perguntou se as entidades competentes foram contactadas para aferir da possibilidade de permitir a pesca lúdica no cais e se existem riscos para os utilizadores.

Em resposta, o Peticionário disse que não fizeram qualquer questão aos governantes, mas tem conhecimento que a legislação em vigor impede a utilização e o livre acesso em portos comerciais, mas que apenas pedem que existam algumas exceções, de forma a que seja possível utilizar em condições de segurança.

A seguir, o Deputado André Rodrigues questionou os peticionários sobre as suas pretensões e se o acesso pretendido é apenas pedonal ou também com veículos.

O Sr. Armando Silveira respondeu que não falaram na entrada de viaturas no porto comercial, por questões de segurança, e que apenas pretendem que seja permitido o uso pedonal, para fins lúdicos, como caminhadas e pesca lúdica.

Depois, o Deputado Jorge Paiva questionou se o impedimento de acesso ao porto condiciona a prática de pesca lúdica e de atividade física.

O Sr. Armando Silveira respondeu que sim, dado que o espaço era muito utilizado pela população. Referiu ainda que, apesar de não constar nesta



petição, a população também tem abordado as restrições existentes no porto da Calheta de São Jorge.

ii. **Audição do Capitão do Porto da Horta, Comandante Rafael da Silva**

O Comandante Rafael da Silva referiu que a Autoridade Marítima Nacional tem acumulado um capital de conhecimento sobre esta matéria e assuntos similares, sendo que o cumprimento da lei e a garantia de segurança das pessoas e de bens tem sido uma prioridade da Autoridade Marítima.

Acrescentou que é importante distinguir as expressões utilizadas “segurança física” que deve significar proteção e a “segurança de pessoas” para segurança.

O Comandante Rafael da Silva fez referência ao Decreto-lei n.º 226/2006 e indicou que a DGRM - Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos fez uma auditoria sobre esta matéria, recentemente, e que o porto das Velas está certificado pelo Código do ISPS (International Ships and Ports Security), que visa a proteção do transporte marítimo, através da adoção a nível mundial de regras a observar pelos navios utilizados no comércio internacional e pelas instalações portuárias que os servem.

Face ao exposto, o Comandante Rafael da Silva afirmou que não é aconselhável que o porto das Velas seja aberto à circulação de pessoas, dado que o ambiente portuário é muito agreste e hostil a quem não está habituado a ele, dando como exemplo os acidentes graves registados em 2015, na marina das Velas de São Jorge, e em 2016 na marina das Flores.

Posteriormente, o Deputado António Pedroso perguntou se existe alguma possibilidade de haver um espaço restrito para a pesca lúdica, sem interferir com a segurança e proteção do porto comercial.

O Capitão do Porto da Horta respondeu que, para abrir o porto comercial ao acesso de pessoas, teria de haver fiscalização por parte das autoridades marítimas e policiais, com o respetivo incremento dos custos portuários, além do que poderia implicar a perda de certificação internacional do porto das

Velas, ao abrigo do código ISPS. Acrescentou que o cais das Velas evoluiu ao longo dos anos e recebe hoje embarcações maiores e está pensado para receber navios e não pessoas.

**iii. Audição da Secretária Regional dos Transportes e Obras Públicas (SRTOP), Ana Cunha, acompanhada pelo Presidente da Portos dos Açores, S.A., Miguel Costa.**

O Deputado Alonso Miguel perguntou se a Secretária Regional concordava com as afirmações proferidas pelo Capitão do Porto da Horta, segundo o qual “não é possível o livre acesso ao porto das Velas para pesca lúdica e caminhadas” e que “pescar num porto comercial é como permitir a caça nos aeroportos”.

A Secretária Regional Ana Cunha realçou que a limitação de acesso ao porto das Velas, para atividade de pesca lúdica, resulta do rigoroso cumprimento da lei, sobre condições de segurança. Acrescentou ainda que visa garantir o cumprimento da legislação nacional e internacional, manter a certificação do porto das Velas, salvaguardar a segurança das pessoas e de bens, sempre com o devido acompanhamento da DGRM.

Em complemento, o Presidente da Portos dos Açores S.A. disse que algumas tradições já não são compatíveis com o nível de certificação que se exige para os portos, com a segurança física que é necessária garantir. Além disso, indicou que não é possível compatibilizar os níveis de segurança exigidos nas operações portuárias com o livre acesso das pessoas, sobretudo com a movimentação de maquinaria e contentores nos portos.

Por fim, Miguel Costa referiu que a atual certificação permite a internacionalização do porto das Velas, pela implementação do código de ISPS, estando apto a receber navios de cruzeiro, o que poderia ser posto em causa pelo livre acesso de pessoas ao porto comercial, tendo mesmo aquele destino

sido já promovido na feira internacional do setor, este ano em Miami, nos Estados Unidos da América.

#### **4.º CAPÍTULO – CONCLUSÕES E PARECER**

A Comissão de Economia deliberou, por unanimidade, com os votos favoráveis do PS, PSD, CDS e BE pronunciar-se da seguinte forma:

1. A Petição foi subscrita por mais de 300 peticionários, pelo que reúne as condições legalmente definidas para ser apreciada em reunião Plenária;
2. Os Peticionários pretendem que o acesso à zona comercial do porto das Velas seja facilitado, quando não estiverem a operar embarcações, dado ser um local emblemático e muito utilizado pelas pessoas para caminhadas e para a pesca lúdica.
3. O Capitão do Porto da Horta realçou que o porto das Velas está certificado pelo Código do ISPS (International Ships and Ports Security), que visa a proteção do transporte marítimo, através da adoção a nível mundial de regras a observar pelos navios utilizados no comércio internacional e pelas instalações portuárias que os servem.
4. O Comandante Rafael da Silva afirmou que não é aconselhável que o porto das Velas seja aberto à circulação de pessoas, dado que o ambiente portuário é muito agreste e hostil a quem não está habituado a ele, além do que poderia implicar a perda de certificação internacional.
5. A Secretária Regional dos Transportes e Obras Públicas realçou que a limitação de acesso ao porto das Velas visa garantir o cumprimento da legislação nacional e internacional, bem como manter a certificação internacional e salvaguardar a segurança das pessoas e de bens.
6. O Presidente da Portos dos Açores S.A. disse que algumas tradições já não são compatíveis com o nível de certificação que se exige para os portos, com a segurança física que é necessária garantir. Referiu ainda que a atual certificação

permite a internacionalização do porto das Velas, estando apto a receber navios de cruzeiro.

7. Do presente relatório deve ser dado conhecimento ao primeiro subscritor da petição.

Ponta Delgada, 23 de julho de 2019.

*O Relator*, Carlos Silva

O presente relatório foi aprovado por unanimidade.

*A Presidente*, Bárbara Torres Chaves.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Estão abertas as inscrições.

Dou a palavra ao Sr. Deputado Alonso Miguel.

(\*) **Deputado Alonso Miguel (CDS-PP):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Começo naturalmente por saudar os peticionários na pessoa do primeiro peticionário, Sr. Armando Silveira, pelo exercício deste direito que lhe assiste e também pela manifestação de participação e de cidadania de uma matéria que nos parece que tem interesse para muitos cidadãos açorianos, tendo em conta o vincado histórico que existe de utilizações de infraestruturas portuárias para a prática de pesca lúdica e para outras atividades lúdicas na Região.

Como tal, no nosso entender, enfim, nós compreendemos as pretensões dos peticionários para um livre acesso ao porto quando não estiverem a operar embarcações, uma vez que este cais sempre foi utilizado para esta finalidade e até para outras finalidades lúdicas, no entanto e de acordo com a audição que foi feita ao Sr. Capitão do Porto da Horta, Comandante Rafael da Silva, as restrições que são impostas devem-se estritamente a questões de segurança e cumprimento das disposições legais. Portanto, em matéria de segurança, no nosso entender, nós não podemos vacilar porque em caso de acidente é sempre uma questão de negligência e isso não é, obviamente, aceitável.

Por outro lado, existe um outro entrave a esta pretensão que se prende com o facto do Porto de Velas estar certificado com o código ISPS, adotado pela organização marítima internacional no âmbito da convecção de Solas e que visa a proteção de transporte marítimo, através da adoção a nível mundial de regras pelos navios que aí operam e que essa certificação não é compatível com este tipo de utilizações e portanto, não poderia ser possível. Ou seja, qualquer tipo de exceção que fosse aberta, para além de, enfim, uma manifesta negligência teria também como impacto a perda desta certificação internacional, para além de outras questões como o aumento de custos portuários e portanto, esta certificação é tida como uma grande mais valia para a operacionalidade do porto e não seria desejável que fosse perdida.

Muito obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Dou a palavra ao Sr. Deputado António Lima.

**Deputado António Lima (BE):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar quero saudar os peticionários da petição agora em debate “pelo livre acesso à zona comercial do Porto das Velas quando não estiverem embarcações a operar”, na pessoa do primeiro peticionário Sr. Armando de Jesus Dutra da Silveira.

Os peticionários, valorizam no texto que enviaram a esta Assembleia, o papel que o porto comercial tem na vivência dos jorgenses e referem que este é, tradicionalmente, um local privilegiado para a pesca lúdica.

Esta ligação dos jorgenses a esta infraestrutura é também a sua ligação ao mar e, indo mais longe, é uma característica da ligação intrínseca dos açorianos e açorianas ao mar que os rodeia.

De facto é comum e faz parte dos hábitos de muitos açorianos e açorianas, não só a pesca lúdica nas zonas portuárias e nas suas proximidades, mas também a prática de atividades ao ar livre, nestas mesmas zonas, como o simples passeio.

Reconhecemos e valorizamos essa mesma ligação das pessoas ao mar e o corte que implica a limitação ao acesso ao porto que, anteriormente, foi possível.

Das audições realizadas em comissão, incluíram o primeiro peticionário, o capitão do Porto da Horta, a Secretária Regional dos

Transportes e Obras Públicas e o presidente da Portos dos Açores, é possível concluir que o acesso de pessoas ao Porto de Velas e a outros portos da região com certificação internacional, está sujeito a regulamentos que tornam extremamente difícil a permissão de acesso, de pessoas externas ao serviço, às zonas restritas do porto, mesmo quando não se encontram a operar navios no mesmo.

Pensamos que a certificação dos portos ao nível da operacionalidade e segurança é essencial. É essencial em termos económicos e é essencial para garantir o abastecimento de qualquer ilha dos Açores.

Para além disso, não é possível negar os perigos que as zonas portuárias acarretam, como foi também levantado na comissão e já aqui referido, para as pessoas: seja pela circulação de maquinaria pesada nos portos, seja pelas condições de mar que podem efetivamente pôr em risco quem nessas zonas possa circular.

Perante estes dados, pesando-os e confrontando-os, somos levados a concluir que os riscos decorrentes do que solicitam os peticionários são demasiado grandes para que se possa atender de forma cabal às suas pretensões.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado João Paulo Corvelo.

**Deputado João Paulo Corvelo (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

Queremos congratular a Petição n.º 38/XI e o seu primeiro signatário, Armando de Jesus Dutra da Silveira, bem como todos os seus subscritores. A representação parlamentar do PCP saúda esta iniciativa cidadã e, embora não estando em pleno acordo com o seu objeto, reafirma perante o Povo açoriano a sua disponibilidade para, em conjunto com as forças partidárias aqui representadas, encontrar soluções que possam responder, ainda que de forma diferente da que nos é proposta pelo peticionário.

Temos conhecimento que a utilização daquela zona faz parte das tradições de diversas famílias jorgenses, mas temos de ter em consideração que o porto das Velas está certificado pelo Código do ISPS (International Ships and Ports Security), que visa a proteção do transporte marítimo, tal como foi referido pelo Capitão do Porto da Horta e para esta certificação é necessário que sejam respeitadas determinadas regras de segurança. Desta forma, a abertura da circulação infringirá diversas regras de segurança e poderá colocar a população em risco ao usufruir do espaço.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Não havendo mais inscrições vamos passar ao ponto ...

Vou dar a palavra o Sr. Deputado António Pedroso.

**Deputado António Pedroso (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Membros do Governo:

As minhas primeiras palavras são para cumprimentar os peticionários que utilizaram um direito que lhes assiste e reivindicaram através desta petição – O Livre acesso à zona comercial do Porto das Velas quando não estiverem embarcações a operar.

O porto das Velas à semelhança de todos os portos das vilas e cidades açorianas foram durante séculos ponto de encontro das populações, ora em dia de São

Vapor, ora em qualquer outro dia em que as pessoas se passeavam tranquilamente pela beira mar, sentavam-se a pescar na beira do cais, famílias de graúdos e miúdos num sã convivência própria de pequenas comunidades de ilhéus.

O belo Portão do Mar, única construção do género sobrevivente na Região, construído em 1799 sobranceiro ao porto das Velas, tem sido testemunha há séculos das muitas atividades ali realizadas, desde a desmancha da Baleia, passando pelo embarque de queijo, pelo desembarque do Atum, pela chegada e partida de tantos emigrantes entre tantas outras atividades das quais a pesca desportiva é sem dúvida uma constante.

O porto tem sido alvo de várias obras de ampliação durante as últimas décadas, e a baía das Velas também sofreu várias obras de envergadura realizadas pelos governos socialistas nas quais a quantidade de enrocamento e pedra depositada no fundo da baía foi de tal ordem que inviabilizaram a operação de navios de maior calado e por conseguinte, condicionou as manobras de barcos e navios na baía.

O último acrescento do porto das Velas, não foi exceção, pois além dos 150 metros de comprimento, entulharam o fundo, limitando a acostagem dos navios a menos oito metros de cota, impedindo a operacionalidade de barcos de maior calado, comprometendo drasticamente o futuro desta relevante infraestrutura.

Como uma desgraça nunca vem só, esta obra portuária trouxe também uma vedação que impede os jorgenses de usufruir do porto, como o vinham fazendo há séculos.

A justificação dada pelo governo e autoridades, é que são leis europeias obrigatórias, e certificações internacionais, que irão permitir receber no porto das Velas navios de mercadorias internacionais, bem como Cruzeiros, uma vez que a promoção turística deste porto foi feita em Miami, segundo o anunciado



pelo Senhor Presidente do Governo e confirmado pelo Senhor Presidente da Portos dos Açores em Audição.

Ora bem, cruzeiros, salvo raras exceções só temos visto o do canal e o das ilhas, mas os jorgenses esperam ansiosamente por os prometidos cruzeiros que, um dia certamente chegarão trazendo uma nova dinâmica no turismo da ilha.

Quanto aos navios de mercadorias internacionais, só se forem o Ponta do Sol ou os TMGs, quando temos a sorte de operarem, porque estes últimos têm falhado bastante nas últimas semanas, e as prateleiras dos supermercados tem andado quase vazias, com todos os constrangimentos que essa situação acarreta para os jorgenses.

Felizmente a população de S. Jorge não come certificações...

Curiosamente, também em audição, o Senhor Capitão do Porto da Horta acabou por dizer, que para abrir o Porto Comercial das Velas ao acesso de pessoas teria de haver fiscalização por parte das autoridades marítimas e policiais como respetivo incremento dos custos portuários.

E realmente aqui se percebe o busílis da questão: para os jorgenses continuarem a utilizarem o porto para pesca desportiva teria de haver um custo acrescido e o governo não está disposto a pagar esse custo.

Afinal não é de todo impossível pescar no porto das Velas. Bastava para isso que as autoridades referidas fiscalizassem as entradas e saídas.

Por todos os países da europa há derogativas das leis que se adaptam aos diferentes países de acordo com as tradições e costumes. O Governo dos Açores entende que a maneira mais fácil de não ter aborrecimentos nem custos acrescidos é transcrever as leis "*ipsis verbis*" e temos o porto das Velas com regulamento semelhante ao porto internacional de Rotterdão, onde a segurança e a realidade de ataques terroristas são bem diferentes da pacata vila das Velas.

A realidade é que, quando se quer, abrem-se exceções, como a título de exemplo, pontualmente se realizarem touradas no cais das Velas, e muito bem,

porque é uma tradição que convêm manter, e também já se fez concurso de pesca lúdica no referido cais no verão passado.

Não vi nestes dois eventos nenhuma brigada antiterrorismo a salvaguardar a multidão, nem a verificar se alguma bomba foi deixada em nalgum contentor de mercadorias.

Resumindo: quando dá jeito ao governo chuta-se para canto as leis europeias e as certificações internacionais, e faz-se uma tourada tradicional no cais, como sempre se fez. (Até já vi lá membros do governo, sentados em cima de contentores, a ver os toiros, em amistosas conversas com a população... e muito bem).

Quando um jorgense quer ir pescar um peixinho para o jantar, é logo bombardeado pelas leis europeias, pelas certificações internacionais, com a ameaça que nunca mais atraca um cruzeiro internacional no porto das Velas, nem barco de mercadorias, e que as mesmas só poderão a vir de jangada, caso ele se atreva a lançar o anzol ao mar. Além de que, lhe será apreendido o engodo, a cana de pescar o cesto e ainda será aplicada uma multa.

Isto é a dita democracia socialista...

O humilde pescador jorgense que a sua única intenção era passar uns momentos descontraídos á beira mar, em amena cavaqueira com os amigos, e apanhar uns sargos para uma açorda, perante tal chorrilho de leis e certificações, até lhe salta engodo no balde e lhe enriça os anzóis na linha de pesca e lá fica sem peixe para jantar.

Numa região onde os níveis de pobreza são elevados, como todos nós sabemos, não deixa de ser preocupante o número de pessoas que ficou prejudicada com esta nova proibição. Ao preço que o peixe está no mercado, algumas famílias só consegue ter peixe à mesa se o forem pescar. Ora quantas famílias vão deixar de poder comer peixe para respeitar essas regras internacionais.

O provérbio “não se deve dar o peixe, mas deve-se dar a cana e ensinar a pescar”, agora no porto das Velas não se pode aplicar.

O governo socialista não dá peixe e nem deixam pescar no cais das Velas.

Ninguém passa as famigeradas grades do porto das Velas, nem o Santo António Padroeiro de Lisboa se voltasse à terra e quisesse lá ir fazer o seu célebre sermão aos peixes o deixariam passar, não fosse ele com as suas sábias palavras corromper a segurança e a certificação do porto, e essencialmente denunciar a governação socialista.

Manda o bom senso que, ser mais papista que o papa em qualquer assunto, não é propriamente uma virtude.

A maioria do tempo o porto das Velas não tem qualquer atividade, está literalmente abandonado às gaivotas, e a essas usam e abusam da infraestrutura sem que o governo ou as autoridades consigam aplicar coimas às aves que conspurcam livremente o porto.

Caso houvesse boa vontade por parte das autoridades, sem infringir a lei, mas solicitando uma derrogativa da mesma, utilizando as competências próprias de Região Autónoma que somos, de forma a que os locais pudessem continuar com a tradicional pesca lúdica no porto, de forma controlada e garantindo a segurança de todos, os pescadores lúdicos jorgenses ficariam agradados.

Proibidos de pescar no porto comercial os jorgenses tentam como alternativa pescar no porto de pesca, mais um amontoado de pedra no meio da baía, intitulado pelos populares de poça das patas, mas infelizmente também em breve será fechado o acesso à população.

O Porto de recreio náutico foi uma das construções que alterou a baía das Velas, destruindo duas zonas balneares históricas, o caisinho e a praia, que era de usufruto de toda a população para se construir um exíguo porto de recreio, fechado a sete chaves de forma a que os jorgenses não lhe tem acesso pedonal,

apesar de um passadiço ponte e muralha, mas que é só reservado a quem tem pontão alugado para embarcação. Também não podem pescar lá.

Afinal, depois de mais de 30 milhões gastos na baía das Velas, só um número limitado de população pode usufruir destas infraestruturas, enquanto a maioria só pode ver, mas à distância.

As leis numa democracia deverão ser feitas para servir o povo, quando não servem o povo e até se tornam leis contra o povo deverão ser adaptadas com bom senso e alguma tolerância.

A nossa Autonomia que tanto nos orgulhamos, deve acima de tudo fazer uso das suas competências para servir os Açorianos.

Disse!

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PSD:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Dou agora a palavra à Sra. Deputada Graça Silveira.

(\*) **Deputada Graça Silveira (Independente):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar saudar os peticionários na pessoa do seu primeiro signatário Sr. Armando Silveira e sim, dizer que nas nossas ilhas açorianas, ao longo da história, o porto sempre teve um papel importante nas vivências e nas dinâmicas sociais.

Pelo aquilo que é dito nesta petição, em São Jorge, nas Velas, ia-se passear ao cais. Na Horta ia-se passear à doca.

É verdade que nos últimos cinquenta anos, efetivamente muitas questões se alteraram, especialmente por questões internacionais, mas devo lembrar que a doca da Horta, há cinquenta anos, era do mais internacional que havia. Naquele

tempo, dar um passo da doca para dentro de um barco era o mesmo que estar a passar uma fronteira e mesmo assim todos os faialenses puderam sempre ir dar o passeio à doca e puderam ir pescar à doca. Portanto, a questão da internacionalização não é aquilo que poderá impedir as pessoas de continuarem a usufruir dos seus espaços.

Mais, as questões de segurança que se relacionam, por exemplo, com as operações de máquinas, com a atividade comercial têm que estar, obviamente salvaguardadas. Mas, por aquilo que é pedido pelos peticionários é que seja permitido o acesso aos cais quando não há atividade portuária.

E mais, a certificação internacional não é obrigatória para haver segurança, é um pedido que se faz e nós, açorianos, é que decidimos que queríamos esta certificação internacional. Aliás, como diz o sr. presidente da Portos dos Açores em comissão e cito: “A atual certificação internacional permite a internacionalização do Porto de Velas, estando este apto a receber navios de cruzeiros”. A verdade é que nunca recebeu e portanto, o sentimento de indignação que resulta dos peticionários é que se está a pedir aos jorgenses que abdicem daquilo que sempre tiveram, por aquilo que nunca viram.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Deputada.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado André Rodrigues.

(\*) **Deputado André Rodrigues (PS):** Obrigado, Sr. Presidente. Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, gostava de saudar os subscritores da petição e em especial ao primeiro subscritor, ao Sr. Armando Silveira, que exerceram o seu direito constitucional, o direito de petição, de apresentar aos órgãos de governo próprio das regiões as suas reclamações e a defesa dos seus interesses.

Em segundo lugar, queria registar aqui a responsabilidade com que o CDS, com que o Bloco de Esquerda e com que PCP analisaram a petição e analisaram o

relatório da comissão e a sua participação também em comissão nas audições que foram executadas, demonstrando que a segurança está sempre em primeiro lugar, da mesma forma que para o Partido Socialista e também daquilo que foi dito pela comissão, pelo Governo Regional, que a segurança não tem preço e portanto, estas questões são da mais importante relevância de forma a garantir que haja a segurança de bens e das mercadorias também no porto comercial das Velas.

E de facto aqui, cabe-nos a nós, analisar se as pretensões dos petionários, que seja permitido o livre acesso à zona comercial do porto, nomeadamente por motivos de pesca lúdica e passeio pedonal, quando não existe embarcações, se isso de facto é possível ou não é possível.

E também perceber porque é que tudo isto acontece e porque é que o porto das Velas foi o que foi e era um local de convívio e de vivência, do ponto de vista da pesca. Isto porque ao longo dos anos e à medida que o porto foi sendo acrescentado e foi tendo melhorias e foi aumentada a sua dimensão, foi sempre permitido o seu acesso ao terraplano, ao porto, foi sempre permitido um passeio, foi sempre permitido alguma permanência, o que levou a que as pessoas, por motivos, quer de passagem, quer de lazer, pudessem ter este local de vivência na Vila das Velas e isto também acontece por três motivos, na minha opinião: primeiro, por causa da acessibilidade que o porto tem, seria sempre boa, uma zona plana, por ser uma zona protegida, tem um molhe que protege as próprias pessoas, está numa baía protegida e porque dá peixe. Tem peixe sim sr., a baía como sendo protegida, como sendo uma zona portuária não se pode lá praticar determinados tipos de atos, nomeadamente a pesca profissional e faz com que o local seja extremamente apetecível também para a pesca lúdica. São estes três motivos, na minha opinião, conjugados que levaram a que isto acontecesse, nomeadamente naquele local e noutros portos da nossa Região.

Mas, paralelamente a isto também temos a evolução dos tempos, a evolução das regras, das leis internacionais, das leis nacionais, das leis regionais, no sentido também de garantir a proteção e a segurança das operações portuárias, das pessoas que lá trabalham, dessas próprias infraestruturas, das mercadorias que são transportadas e desses mesmos bens. E também todos nós sabemos bem, principalmente a partir de 11 de novembro de 2011, que também houve alterações muito mais significativas do ponto de vista da segurança, que fizeram com que, não só as leis para aeroportos, mas também para portos, tivessem tido um crescente rigor, do ponto de vista da acessibilidade e da segurança dessas mesmas infraestruturas e que foram muito bem referenciadas em audição pelo Capitão do Porto da Horta, o Comandante Rafael da Silva, onde disse muito claramente que a prioridade da autoridade marítima tem que ser o cumprimento da lei e a garantia da segurança das pessoas e dos bens. E foi nesse sentido que considerou, ao abrigo da lei, ao abrigo do código ISPS, referiu claramente que não é aconselhável que o porto seja aberto à circulação de pessoas. Acrescentou que é um ambiente hostil, agressivo, com máquinas de grande porte, com contentores, com veículos pesados propícios a acidentes e é claramente um ambiente agressivo para a população.

Também foi referido na comissão que essa mesma abertura levaria à perda da certificação e agora, eu não estou a ver que o sr. deputado António Pedroso considere que o porto possa ser aberto todos os dias para a pesca, para todos os dias às 08h00 da manhã estar lá a DGRM e todas as entidades no dia seguinte para fazer novamente a certificação do ISPS para que o barco a seguir possa operar e vice-versa e assim todos os dias, seria uma certificação em contínuo. Todos os dias, todas as autoridades iriam ao porto para certificar novamente o porto comercial de Velas para que agente possa receber as nossas mercadorias e a economia de São Jorge pudesse funcionar.

Não faz sentido nenhum, sr. deputado e não é a questão dos custos. Os custos seria que todos os dias teria que ser feita uma nova certificação e isso parece que o sr. deputado não percebeu.

E depois, o Capitão do Porto da Horta até chegou a usar um outro eufemismo, que a pesca no porto seria quase como permitir caçar nos aeroportos.

**Deputado Luís Rendeiro (PSD):** Acho que o recurso a armas de fogo é extremamente excessivo!

**O Orador:** É para vermos o ponto de comparação e do pedido que estamos aqui a fazer e a intervenção do sr. deputado António Pedroso leva exatamente a isso.

O próprio governo regional confirmou na comissão exatamente esta análise que foi feita, do ponto de vista do cumprimento da lei, seja ela a lei regional, nacional e internacional, mas também para garantir as condições de segurança do porto para quem trabalha, para quem entra e sai do porto, para as questões dos bens e também para as questões da manutenção da certificação ISPS. Levamos a fazer com que claramente o presidente da Portos dos Açores referiu que existem hábitos e tradições que já não são compatíveis com o nível de certificação que se exige para os Portos dos Açores nos Açores e também no mundo, não sendo possível, nem compatível os níveis de segurança que exigimos com o livre acesso ao porto a pessoas.

Referir também que o governo dos Açores realmente fez um investimento avultado, um bom investimento no porto comercial de São Jorge, no porto das Velas, onde garantiu a melhoria da sua operacionalidade, onde garantiu a melhoria das condições de segurança com recurso a fundos comunitários, onde garantiu uma melhor organização e separação também do tráfego marítimo de passageiros e viaturas e do marítimo de mercadorias, seja ele cabotagem insular, seja ele tráfego local. Para a questão do marítimo de cruzeiros é preciso referir aqui que São Jorge já recebeu navios de cruzeiros antes da obra ter sido



executada e brevemente, julgo eu, depois desta infraestrutura melhorada, voltará a receber como é óbvio navios de cruzeiros. Melhorou as condições para a pesca profissional, melhorou as condições para o recreio náutico, melhorou as condições de estacionamento de viaturas para todos estes acessos ao porto comercial que foi, sem dúvida, um bom investimento que agora deve ser potenciado, tanto pelas entidades públicas, para a melhoria da acessibilidade marítima à ilha de São Jorge, mas também potenciado pela nossa economia, pelos nossos empresários, para criar mais e melhor emprego, mais e melhor qualidade de vida.

Em jeito de conclusão, referir que para o Partido Socialista as questões de segurança têm que estar acima de tudo. Hoje os níveis de segurança e de proteção exigidos numa operação e numa infraestrutura portuária não se coadunam com as pretensões dos peticionários. E aqui cabe-nos a nós também, eleitos, e eu enquanto eleito, não só nesta Assembleia, mas também enquanto vereador, enquanto também político local junto das nossas Juntas de Freguesia, acho que devemos procurar soluções que proporcionem os mesmos níveis ou níveis semelhantes de acessibilidade, de comodidade, de conforto e de proteção a vários pesqueiros tradicionais que existem na ilha de São Jorge, de forma a colmatar esta alteração que existiu no porto comercial de Velas, garantindo que em outros locais da costa de São Jorge, que não é pequena, e que nomeadamente na ilha de São Jorge Muitos dos nossos pescadores de pesca lúdica preferem e escolhem pescar nas fajãs, do que no porto comercial de Velas. Não quer dizer que não haja quem preferisse pescar no porto comercial de Velas, mas felizmente a ilha de São Jorge tem uma linha de costa fantástica, locais fantásticos para a pesca lúdica e que devem ser bem sinalizados, de forma cómoda e protegida para garantir que os jorgenses possam, de forma segura, também exercer a pesca lúdica.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Damos assim por encerrado este ponto.

O Sr. Deputado António Lima pede a palavra para?

**Deputado António Lima (BE):** Sr. Presidente era para solicitar um intervalo regimental de 30 minutos.

**Presidente:** É regimental, regressamos às 17 horas e 30 minutos.

*Eram 16 horas e 55 minutos.*

**Presidente:** Srs. Deputados, agradeço que ocupem os vossos lugares, por favor.

*Eram 17 horas e 36 minutos.*

Sras. e Srs. Deputados, queiram, por favor, ocupar os vossos lugares para darmos continuidade aos nossos trabalhos.

Vamos então continuar os nossos trabalhos com o ponto cinco da nossa Agenda: **Projeto de Resolução n.º 143/XI – “Recomenda ao Governo da República que dê início às negociações do Acordo Laboral para a defesa dos postos de trabalho e dos direitos dos trabalhadores da Base das Lajes”**, apresentado pela Representação Parlamentar do PCP.

Rege esta matéria o artigo n.º 145.º do nosso Regimento. Os tempos são os que habitualmente utilizamos nesta figura regimental.

Tem a palavra o Sr. Deputado João Paulo Corvelo para apresentação do diploma.

**Deputado João Paulo Corvelo (PCP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

A Representação Parlamentar vem por meio deste projeto tentar novamente que os trabalhadores portugueses da Base das Lajes tenham alguma atenção por parte deste Parlamento. Este é um assunto que já foi discutido na Assembleia da República e pouco ou nada foi melhorado para os que ali trabalham.

Desta forma, reafirmamos a necessidade de renegociação do Acordo Laboral dos trabalhadores portugueses da Base das Lajes e de uma postura de maior exigência do Estado Português em relação aos Estados Unidos da América. Não pretendemos mais do que é justo, não pretendemos mais do que a garantia que os direitos dos trabalhadores portugueses sejam postos em prática.

Foi a postura de capitulação subserviente e sistemática do interesse nacional, por parte dos sucessivos governos da república, que permitiu que se chegasse à situação desastrosa que atingiu os trabalhadores portugueses da Base das Lajes, bem como toda a ilha Terceira.

Já quando se tratou da não aplicação do acordo laboral da Base das Lajes, as autoridades norte-americanas deixaram de reconhecer direitos aos trabalhadores portugueses da Base das Lajes, passaram a aplicar apenas aquilo que muito bem entendiam e não aquilo que estava acordado com o Estado Português, e a atitude que houve da parte do Estado Português, nessa altura, foi a de alterar o acordo da forma como as autoridades americanas pretendiam, fazendo tábua rasa da salvaguarda dos direitos e dos interesses dos trabalhadores portugueses da Base das Lajes.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

A relação de Portugal com os EUA tem sido marcada pela unilateralidade perante a passividade dos governos portugueses nesta matéria. Torna-se, então, absolutamente necessário que independentemente da posição das autoridades norte-americanas, da parte do Governo português — quer do Governo da República, quer do Governo dos Açores — seja adotada uma postura de defesa

do interesse nacional, do interesse regional e dos interesses das populações e dos trabalhadores da ilha Terceira.

Essa é a questão essencial, o que passa, efetivamente, pela criação de alternativas do ponto de vista económico e social à presença norte-americana da Base das Lajes, sendo preciso, também, tomar medidas para a descontaminação dos solos, gravemente afetados do ponto de vista ambiental por décadas de permanência da Base das Lajes. Portanto, consideramos ser fundamental que haja, efetivamente, uma postura firme, quer dos órgãos do Governo próprio da Região, quer da parte do Governo da República Portuguesa, no sentido da defesa do interesse de Portugal, da soberania da independência nacional, do desenvolvimento económico da Região e das suas populações, independentemente das decisões unilaterais que as autoridades norte-americanas tomem sobre esta matéria.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

O downsizing na Base das Lajes verificou-se num processo de redução de despesas do departamento de defesa americano em várias bases militares. No que diz respeito à Base das Lajes foi passada a ideia que no atual projeto de intervenção militar que os americanos mantêm em todo o globo, não se justificava o quadro de efetivos militares americanos, nem o de trabalhadores portugueses no ativo, bem como de todas as valências militares estacionadas na Base das Lajes, fundamentando esta decisão na evolução tecnológica.

Note-se que esta situação não reduziu nem diminuiu a importância estratégica que a Base das Lajes constitui para a política belicista da administração norte-americana. A desvalorização desta importância é promovida pela parte americana como estratégia para conseguir os melhores resultados e retirar espaço negocial para uma discussão séria sobre a revisão das contrapartidas para o Estado Português pelo uso militar da Base das Lajes.

Recordamos que a ilha Terceira e a Região Autónoma dos Açores não recebem qualquer compensação pela intensa utilização militar do seu território, espaço aéreo e aeroporto, e que importa assegurar que essa mesma presença militar americana, pelo menos, não seja mais um obstáculo ao seu desenvolvimento, especialmente tendo em conta a dimensão e profundidade da crise económica e social que resulta da redução de postos de trabalho na Base.

Para além disso, os regulamentos e determinações militares continuam a bloquear ou a condicionar a implementação de medidas do Plano de Revitalização Económica da Ilha Terceira (PREIT), nomeadamente as que se relacionam e que dependem da utilização de espaços e infraestruturas afetos à Base.

É fundamental exigir que haja uma assunção de responsabilidades por parte das autoridades norte-americanas pelo facto de desde há muitas décadas usufruírem daquela grande infraestrutura nacional, com todas as consequências que isso tem, obviamente, do ponto de vista ambiental, social e económico.

Consideramos que deve existir um total empenhamento da Assembleia Legislativa Regional na defesa dos assuntos laborais da Base das Lajes e na defesa dos postos de trabalho dos trabalhadores portugueses.

A perda de centenas de postos de trabalho confirma a validade da posição do PCP sobre a necessidade de renegociação do Acordo e a uma postura de maior exigência do Estado Português em relação aos Estados Unidos da América. É urgente renegociar as condições a que estão sujeitos estes trabalhadores, essa é a nossa urgência e foco, mas não negamos que é necessário renegociar todo o Acordo. Este projeto tem como objetivo trazer a esta Casa estes trabalhadores que estão deixados à sua sorte, com direitos/ deveres que não são os seus.

Desta forma, pretendemos defender o número de postos de trabalho para os trabalhadores portugueses, única contrapartida efetiva face à utilização daquela infraestrutura pelos Norte-Americanos; o estabelecimento de um contingente

mínimo de trabalhadores portugueses, nunca podendo este contingente ser inferior a 450 trabalhadores portugueses; combater a precariedade e o outsourcing.

- A aplicação da Legislação Portuguesa, nomeadamente em matéria de Saúde e Segurança no Trabalho; Parentalidade; Estatuto de Trabalhador Estudante, Lei Eleitoral e da Prevenção ao Combate do Assédio no Trabalho;

- A consagração de prazos de resposta pelos diferentes níveis de resolução de conflitos e a eliminação de alguns dos níveis de resolução de conflitos existentes, ficando apenas a Comissão Laboral e Comissão Bilateral, garantindo que os trabalhadores possam recorrer, em tempo útil, às instâncias judiciais.

Não é aceitável nem justo que um Estado estrangeiro venha impor precariedade no Estado português!

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Estão abertas as inscrições.

Não havendo inscrições, vamos passar à votação.

Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

(\*) **Deputado Francisco Coelho (PS):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente da Assembleia, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado João Paulo Corvelo, certamente lembrar-se-á que tive oportunidade de ir a uma das reuniões da Comissão de Política Geral onde esta iniciativa foi discutida e onde designadamente foi ouvido o representante da União do Sindicato de Angra e também o Sr. Secretário Regional Adjunto da Presidência e dos Assuntos Parlamentares.

Lembrar-se-á ainda que eu tive a oportunidade, relativamente a si, na qualidade de proponente, de levantar algumas questões e de manifestar a opinião que esta resolução, em termos formais, era pouco esclarecedora.

Independentemente quando se diz no texto resolutivo “dê início às negociações” nós percebemos que é à renegociação, que é à revisão, porque já existe um acordo laboral, mas isso naturalmente é ultrapassável; agora a defesa dos postos de trabalho e dos direitos dos trabalhadores da Base é um pouco vago, havemos de convir.

Também aqui o preâmbulo não nos ajuda muito e até pode levantar-nos algumas dúvidas. Isto porquê?

Porque é preciso saber o critério, as áreas, e tanto quanto possível ter um critério coerente e se não for totalmente justificar as exceções para que se faça uma revisão. A revisão tem de ser feita em nome de alguns objetivos e de algumas questões em concreto que pura e simplesmente no texto resolutivo e em termos formais não são pura e simplesmente identificadas e não serve aqui apenas pensarmos que ao longo da história e dos diversos acordos laborais sabemos mais ou menos quais são os problemas que com mais frequência se colocam.

Desde logo e pela natureza de ser um acordo internacional ele logicamente o que há de vincular é o que nele está escrito e previsto.

É natural que num acordo destes, designadamente ao nível do acordo laboral, na prática e claramente se vê a influência e a reprodução de soluções e essas são (percebemos isso claramente) aquelas que constam quase sempre da legislação portuguesa.

No entanto, também não se pode depreender daí que o que o PCP defende é a aplicação, ainda que a nível subsidiário, dessa legislação portuguesa, porque logo no preâmbulo nós percebemos que havia aqui soluções, uma solução que foi alterada, a solução dos aumentos salariais através do inquérito salarial que nunca foi uma solução do direito português. Era uma solução tipicamente americana, mas aqui pelos vistos percebemos que a resolução tem saudades dessa solução.

Também nunca vimos aqui nenhuma crítica, nem ao longo dos anos, ao facto do sistema de classificação profissional previsto nos diversos acordos laborais ser o sistema americano. Também daqui não podemos concluir só que se pretende a aplicação subsidiária da legislação portuguesa. Inclusive a esse nível o acordo laboral vigente, para sermos rigorosos, tem um pecado original. É que ele acabou por afastar o n.º 3, do artigo 1.º do anterior acordo, do acordo de 85, que de algum modo dizia que esta legislação está de acordo e cumpre o espírito em matéria laboral da legislação portuguesa, o que alguns tentaram na altura interpretar no sentido de apelar a uma aplicação subsidiária da legislação portuguesa.

Ora, esse tipo de norma desapareceu neste acordo e, portanto, não sabemos qual é aqui o critério, sendo certo que na prática algumas das soluções que têm sido encontradas não têm a ver (e é bom que não tenham a ver também) com a aplicação subsidiária pelo menos tal e qual da legislação portuguesa.

Basta pensarmos nalguns casos muito concretos aquando da ocorrência de despedimentos coletivos na prática eles serem feitos por acordo e por um conjunto de razões que nós percebemos qual é a entidade patronal, a FEUSAÇORES, acabar por privilegiar os trabalhadores mais antigos quando a regra do despedimento coletivo na legislação portuguesa e naquela que foi transporta para o acordo laboral seriam os mais novos. Nós sabemos porque é que isso acontece, porque felizmente (e esta iniciativa tem este mérito) os órgãos de governo próprio da Região têm de há muito tempo a esta parte usado esta prerrogativa autonómica profunda de ter opinião, interesse e participação em matéria internacional e, portanto, de tomarem bastas vezes posição sobre este assunto.

Em 1995, o Partido Socialista, como sabemos, apresentou nesta Casa uma anteproposta de lei que acabou por ser aprovada onde devia, na República, em 96, e que criou uma pensão especial que se mantém em vigor e que tem sido de



enorme utilidade social quer para os trabalhadores que acabam por ser objeto de um processo que inicialmente se configura como despedimento coletivo, quer também para a própria Região.

Também devo dizer-lhe que nessa parte, Sr. Deputado João Paulo Corvelo, creio que o preâmbulo é politicamente injusto sobretudo para com o Governo Regional, para com também algumas das coisas que este Parlamento foi fazendo e sobretudo para com este Governo Regional, eu diria mesmo para com este Presidente do Governo Regional, atendendo àquilo que todos nós conhecemos como tendo sido o papel do Governo Regional e do seu Presidente aquando da última redução do seu empenho pessoal e dentro daquilo que era essa realidade, dentro daquilo que foi a legislação também portuguesa aprovada havemos de convir que se encontrou a solução menos dolorosa possível, atendendo à situação de despedimento, para esses trabalhadores.

Voltando ao ponto inicial, Sr. Deputado João Paulo Corvelo, eu creio que há aqui sinais contraditórios de quais seriam os critérios e as matérias que deviam ser objeto desta revisão do acordo laboral. Inclusive, também há sinais contraditórios a respeito de uma outra questão e que para nós é importante: é que inclusive neste preâmbulo fala-se na questão da descontaminação.

Ora bem, a questão da descontaminação naturalmente há que ter alguma previsão especial, ou a motivar alguma revisão dos acordos não será com certeza e naturalmente em matéria de âmbito laboral quando é apenas esta que é objeto desta resolução.

O Governo dos Açores e o Partido Socialista já tiveram oportunidade de se pronunciar no sentido que há um conjunto de matérias que justifica que a República Portuguesa pense na revisão do conjunto destes acordos. Acontece que, apesar desta referência no preâmbulo desta resolução, não é isso que é aqui proposto. É apenas a revisão do acordo laboral, sendo certo que o texto

formalmente não indica um critério ou as matérias em concreto que deviam ser objeto desta revisão e deste acordo.

Estas deficiências parecem-nos a nós graves em matéria tão importante e delicada como esta e que tem a ver, inclusive, com a revisão de um acordo internacional e por isso nós votaremos contra esta resolução.

Muito obrigado.

**Vozes de alguns Deputados da bancada do PS:** Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS-PP):** Muito obrigado, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

Estamos em presença de um assunto muito sensível e que devemos ter algum cuidado e prudência na sua abordagem. Todos nós reconhecemos, nos lembramos e temos presente os efeitos negativos que foi o downsizing da Base das Lajes e que trouxe obviamente grande prejuízo para a economia da ilha Terceira, particular e especialmente para o concelho da Praia da Vitória. Basta atentar no índice de poder de compra concelhio que caiu muitos pontos na última publicação, mas também é justo reconhecer que, como eu sempre defendi, como o CDS sempre defendeu, a nível da Comissão Bilateral Permanente devia estar representado ao mais alto nível, o que passou a estar nessa altura. É justo reconhecer o papel do Presidente do Governo Regional nessa matéria que relativamente ao impacto laboral e ao despedimento dos trabalhadores foram feitos de uma maneira que não foram minimamente prejudicados e até saíram numa situação confortável para poderem enfrentar o tempo ... Alguns até encontrar trabalho, alguns estão a trabalhar (felizmente arranjam outros trabalhos) estando a receber o seu vencimento, portanto, havendo um impacto muito pequeno a nível do trabalhador, esse impacto foi

maior ao nível da economia, mas não ao nível do posto do salário do trabalhador que foi despedido.

O problema foi obviamente os potenciais postos de trabalho que se perderam o que quer dizer (e como eu via em jornais) que se quisesse efetivamente uma unanimidade nesta Assembleia o processo teria que ser conduzido de outra maneira.

Nós recebemos naturalmente a CGTP e o outro sindicato, aquele conjunto de sindicatos, ouvimos as suas preocupações, mas também não podemos fazer da exceção de dois ou três casos a regra que está a acontecer. Se queria alguma unanimidade naturalmente teria que haver uma conversa prévia entre todos os partidos aqui representados para ver para onde é que podíamos avançar e como é que em outras matérias que já fizemos poderíamos chegar a um acordo para depois se mandar daqui uma posição desta Assembleia para a Assembleia da República.

O Sr. Deputado João Paulo Corvelo refere no seu preâmbulo uma questão que para nós é absolutamente crucial na negociação com os norte-americanos. Nós já o dissemos, voltamos a dizê-lo: é absolutamente crucial o problema da descontaminação dos solos e aquíferos da ilha Terceira.

Já fizemos um projeto de resolução nesta Casa que foi para a Assembleia da República para ser cumprido ao nível das finanças regionais. Isso não tem acontecido.

Existe esta questão do poluidor/pagador. É uma questão de relacionamento entre dois estados, nós entendemos isso, mas é absolutamente necessário que se faça uma revisão mais global dos acordos da Base das Lajes e nesta questão da negociação apenas do acordo laboral nós não podemos incluir a questão da descontaminação. Pese embotas a boa vontade do Governo português e que devia cumprir a Lei das Finanças Regionais, que não cumpre nesse ponto, de substituir-se ao estado estrangeiro, à potência estrangeira que fez e que causou

este problema ambiental, devia naturalmente entender-se depois com quem fez isso.

É curioso quando se põe na agenda as questões ambientais, o bom ambiente e também as alterações climáticas, naturalmente que isto provoca muitas alterações a nível ambiental na ilha Terceira.

Portanto, esta para nós é uma condição absolutamente essencial.

Mais! Com o clima de instabilidade que se vai vivendo e se vai vendo a nível internacional de potências sempre em conflito, o que se verifica ainda agora quando viemos para a Horta. Eu não os contei bem, mas pareciam-me 12 mais seis F14, um avião de ataque ao solo...

*(Aparte inaudível)*

**O Orador:** Não! Eram F14.

F14, digo eu, que os vi bem, com dois reatores atrás, avião de ataque ao solo e de ataque ar/ar, o que revela que a Base das Lajes ainda é um importante interposto de lançamento de tropas, pese embora se venha falar da autonomia dos aviões, ainda os norte-americanos necessitam absolutamente daquela infraestrutura.

Portanto, a Região Autónoma dos Açores, até por força do seu estatuto, por força eventualmente da importância que temos ganho ultimamente nas negociações internacionais e fazendo valer a posição da nossa autonomia, é preciso que os norte-americanos também comecem, se querem usar, a ter de pagar.

Eu começo a ficar um bocadinho farto de não termos nenhum benefício dos acordos da Base das Lajes atualmente.

É muito bonito sermos parte da NATO, é muito bonito querermos reforçar a nossa participação na NATO, é muito bonito as nossas forças armadas irem

participar em missões de busca e salvamento no Mediterrâneo, é muito bonito irmos para a Bósnia e mais para aqui e para acolá, é muito bonito participarmos com o nosso submarino na deteção de determinadas coisas, é muito bonito fazermos isso tudo, mas tudo isto existe por causa da Base das Lajes. Aliás, Portugal é membro fundador da NATO por algum motivo, que é coisa também que os centralistas de Lisboa deviam saber ou aprender.

Portugal só é membro fundador da NATO, contra exatamente o Pacto de Varsóvia, porque efetivamente tinha a Base das Lajes, porque senão não era e temos que naturalmente ter esses benefícios que tem o continente português, o governo português e as forças armadas portuguesas.

Mas também ainda há outra questão que temos de tirar outros dividendos. Como já falei, até em conversas com o Sr. Presidente do Governo, que é a questão da Fundação Luso-Americana para o desenvolvimento. Já foi aprovada também nesta Casa por proposta do CDS para que tivesse pelo menos uma delegação na Praia da Vitória.

O Governo da República, os meus e os vossos, não efetivaram essa nossa pretensão.

É preciso que na negociação dos novos acordos fique também estabelecido um determinado plafond de bolsas de estudo – universitários, doutoramento, pós-doutoramento, de investigação na agricultura, de investigação nas pescas, na medicina, em várias áreas - olhe, por exemplo, a especialização de médicos, fazerem a especialidade nos Estados Unidos. Não pode ser, só para pilotos da Força Área irem fazer um curso de F16 à Base da Virgínia.

Tem que ser também para os médicos portugueses irem fazer investigação no cancro, para os biólogos, nas mais diversas áreas.

Como a Fundação Luso-Americana não nos garante isso eu acho que num futuro acordo também mais do que dinheiro, conhecimento hoje em dia vale

muito e é preciso que também consigamos colocar isso na revisão mais global do acordo da Base das Lajes.

Portanto, eu terminaria, Sr. Deputado, dizendo que esta sua revisão do acordo laboral sabe a pouquinho e não podemos naturalmente aprovar a sua pretensão.

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado César Toste.

(\*) **Deputado César Toste (PSD):** Sr. Vice-Presidente da Assembleia, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Membros do Governo: Vinte e cinco anos já passaram do Acordo de Cooperação e Defesa entre Portugal e os Estados Unidos. A história da Base das Lajes, outrora o elo mais forte da ligação entre Portugal e os Estados Unidos da América e determinante para a adesão de Portugal à NATO, vive um dos momentos mais negros da sua história.

Com a desvalorização do seu valor geoestratégico e após a última redução do contingente norte-americano da Base das Lajes, a Base das Lajes perdeu a importância na relação entre Portugal e os Estados Unidos.

O anterior sonho americano da Base das Lajes tornou-se em muitos casos num pesadelo. Ficaram 416 trabalhadores que têm lutado pelos seus direitos laborais, mas que são confrontados perante um acordo laboral, um regulamento de trabalho e ainda no final do ano passado a aprovação de um regulamento interno não revisto e um estado da nação que não consegue defender os seus.

Esta situação arrasta-se com o tempo e o estado português mostra-se ineficaz na resolução dos seus problemas contentando-se muitas vezes com pequenas alterações de cosmética.

O que se passa com a contratação a título permanente de trabalhadores?

O que se passa com a saúde e a medicina no trabalho?

O que se passa com a aplicação da parentalidade?

O que se passa com o estatuto de trabalhador estudante?

Porque não se avança com a revisão das tabelas salariais?

Este projeto de resolução pretende recomendar ao Governo da República que dê início às negociações do acordo laboral para a defesa dos postos de trabalho e dos direitos dos trabalhadores da Base das Lajes.

O acordo laboral e técnico estão contidos no Acordo de Cooperação e Defesa e este, segundo o Governo dos Açores, deve ser o foco e este é defendido por muitos e também defendido por nós.

No entanto, até chegarmos lá, a esta revisão do Acordo de Cooperação e Defesa, os trabalhadores das Lajes ficam desprotegidos em muitos dos seus direitos laborais. Questionam e com razão (e foram eles próprios, através da comissão de trabalhadores, que nos disseram): “Não descontamos nós para a Segurança Social tal como todos os portugueses?”

O Governo português não pode aceitar a precaridade ainda mais quando esta é praticada por uma entidade estrangeira. O Estado português deve defender cada cidadão português acima de tudo. Seja este projeto de resolução um molde de pressão para que os trabalhadores da Base das Lajes não esperem mais para terem os seus direitos laborais defendidos.

Obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Paulo Mendes.

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Secretários Regionais:

Entendeu a Representação Parlamentar do PCP apresentar uma iniciativa que, de forma geral, recomenda ao Governo da República que dê início às negociações do acordo laboral para a defesa dos postos de trabalho e dos direitos dos trabalhadores da Base dos Lajes.

Devo já assegurar à Representação Parlamentar do PCP que o nosso grupo parlamentar votará favoravelmente este projeto de resolução, mas queríamos muito mais descansados, e tal como referiu o Sr. Deputado Francisco Coelho, que pelo menos se estabelecessem aqui condições às quais se deveria submeter as negociações deste acordo laboral para a defesa dos postos de trabalho e dos direitos dos trabalhadores da Base das Lajes.

Além disso, há problemas laborais que subsistem por entre os trabalhadores da Base das Lajes que não dependem também de uma renegociação do acordo laboral.

Eu devo recordar, aliás, tem sido bastante veiculado pela comunicação social, quer pelos vários sindicatos, quer até mesmo pela comissão representativa dos trabalhadores da Base das Lajes, que estamos ultimamente com um problema e que diz respeito ao despedimento de 14 trabalhadores alegadamente temporários da Base das Lajes.

Digo “alegadamente temporários”, porque afinal de contas estes trabalhadores até acabam por cumprir aquela que é uma norma laboral que está acordada com os Estados Unidos, neste caso são os próprios Estados Unidos, a própria FEUSAÇORES, que não estão a cumprir aquilo que está estabelecido em normas regulamentares.

Para o caso de trabalhadores que tenham exercido funções por um período máximo de três anos ou terem renovado pelo menos duas vezes o seu contrato, essas são duas condições que implicam obrigatoriamente a sua integração com contrato de trabalho por tempo indeterminado ou algo similar.

Portanto, estamos aqui perante 14 casos de trabalhadores que acabam por ser dispensados, apesar de cumprirem estes critérios e de terem de ser integrados.

Aliás, lembro-me e a comissão representativa dos trabalhadores tem salientado isso muito bem que há exemplos bastante ilustrativos desta pseudo temporalidade, trabalhadores que são temporários desde 2001, que já deveriam



ter sido integrados há muito mais tempo, que ainda não o foram e que não seria nada de especial, porque aliás não seria mais do que o cumprimento das normas laborais estabelecidas.

É claro que há problemas laborais que vão para além do cumprimento das atuais normas laborais. Refiro-me, por exemplo, à atual inibição do acesso à medicina do trabalho. Mais uma vez esta é uma situação quase inédita por entre as bases norte-americanas. Aliás, foi a própria comissão representativa dos trabalhadores da Base das Lajes que transmitiu isso mesmo em sede comissão em que chegam a salientar que em outros países com bases norte-americanas essa irregularidade não ocorre.

Esta não é uma questão assim de somenos importância, até porque tal como afirmou a própria comissão representativa dos trabalhadores da Base das Lajes, não havendo um programa de saúde e segurança no trabalho, também não é possível traçar um historial da contração de patologias durante o percurso laboral destes trabalhadores, o que deixa os trabalhadores desprotegidos perante a Segurança Social.

Eu acrescentaria mais: exclui, digamos assim, a possibilidade de avaliar aquele que é o impacto na saúde dos trabalhadores da Base das Lajes, tendo em conta os vários focos de poluição que têm sido detetados e que envolvem a atividade militar da Base das Lajes.

Além do mais há outras questões também que só serão resolvidas renegociando o acordo laboral, que é o caso da licença de parentalidade, que neste não observa na íntegra aquilo que está consagrado no Código do Trabalho e caso ainda mais gritante tem a ver com a própria revisão das tabelas salariais que já não são revistas há algum tempo, de tal forma que até as próprias tabelas salariais, naquele que é o seu nível mais baixo, acaba por nem corresponder àquele que é salário mínimo neste momento praticado na Região.

Aliás, para uma própria comissão representativa dos trabalhadores da Base das Lajes a avaliação que é feita da evolução salarial ao longo dos últimos anos em que o salário mínimo nacional obteve um crescimento de 25% nos últimos 10 anos, enquanto que a evolução salarial dos trabalhadores da Base das Lajes não passou de um incremento de 7% no nível mais baixo.

Aliás, os aumentos que têm sido praticados perante os trabalhadores da Base das Lajes nem sequer têm em conta o valor da inflação.

Depois, há outras normas que não são claramente cumpridas e que passariam por uma revisão do acordo, como o estatuto do trabalhador estudante que não é respeitado, até os próprios direitos políticos de trabalhadores da Base das Lajes também não são cumpridos e existem também restrições quanto ao direito ao exercício das greves.

Portanto, há aqui uma série de irregularidades à luz daquele que é o nosso Código de Trabalho e que convém recordar que não é neste momento um Código de Trabalho muito favorável até aos trabalhadores portugueses e que não são sequer cumpridos pelos norte-americanos na Base das Lajes quanto aos trabalhadores portugueses.

Portanto, essas são matérias que deviam ser abordadas e, aliás, vou voltar àquele que é um dos problemas mais recentes e que tem a ver com estes 14 trabalhadores temporários que serão dispensados, se é que já não foram (pelo menos um acabou por ser dispensado, penso que os outros 13 também estão a caminho disso) e que deveriam ter sido integrados em vez de dispensados.

O nosso grupo parlamentar submeteu várias perguntas por escrito ao Governo da República a tentar perceber como é que o Governo da República estava a lidar com este problema e a resposta que nós recebemos é que a situação referida pelo Bloco de Esquerda, pelo nosso grupo parlamentar, ou seja, da situação destes 14 trabalhadores temporários, não foi ainda submetida à Comissão Laboral.

Eu aproveito esta ocasião para questionar o Sr. Presidente do Governo Regional se irá diligenciar junto do Governo da República, já que tem não tem assento na Comissão Laboral, a introdução deste problema na próxima reunião da Comissão Bilateral.

Obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Dou agora a palavra ao Sr. Deputado Francisco Coelho.

(\*) **Deputado Francisco Coelho (PS):** Sr. Presidente da Assembleia, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Mais um contributo, aliás, também na sequência também da intervenção do Sr. Deputado Paulo Mendes que, independentemente da posição global que tiver sobre este diploma, levantou uma ou outra questão que me parecem interessantes e que vêm aliás de encontro também a algumas das razões que justificam o voto do Partido Socialista.

Efetivamente não há dúvida nenhuma que este diploma tinha absoluta necessidade de identificar algumas das áreas, ou pelo menos um critério que fosse lógico no sentido de se perceber quais são as alterações que eventualmente se proporiam. Seria absolutamente necessário ainda que não suficiente no enquadramento que nós damos a esta questão.

Também penso que levantou uma questão importante. Em alguns casos (não serão todos, com certeza) é preciso não confundir que o problema com que nos deparamos não é um problema de falta de previsão no acordo laboral, designadamente quando, que é o caso, se fala nesta matéria e neste local em precariedade, designadamente nos casos em que comprovadamente, e de acordo com a lei portuguesa e de acordo com a letra do acordo, um trabalhador contratado a termo, ou pelas áreas que ocupa que são de necessidade permanente e que se comprove, ou pelo número de renovações, eventualmente

com interrupções que já têm, não há dúvida que não estamos perante um problema de previsão do acordo. Aliás, podemos dizer que ao abrigo do acordo algumas dessas situações, pela informação que tenho, não serão tantas como as 14, serão menos, mas que existirão, trata-se de um problema de execução do próprio acordo. Também sabemos todos que a execução de um acordo internacional levanta especificidades e é por isso que qualquer manual de direito internacional lembra e escreve que o direito internacional não tem em regra nem polícia, nem juiz, portanto, tem de ser pelas formas nele previstas que se tem de tentar dirimir e encontrar uma solução entre, como é o caso, dois estados soberanos, mas com isto também não se quer dizer ... Aliás, havemos de convir que em algumas matérias será perfeitamente natural ao fim, como se lembrou aqui, já perto de 25 anos, que tendo essa maior rigidez e inclusive sendo um documento mais sintético que toda a legislação laboral portuguesa, houve em algumas áreas um conjunto de evoluções que não estão por isso mesmo previstas ou suficientemente previstas, ou com o desenvolvimento ou o âmbito que atualmente tem na legislação laboral portuguesa no acordo.

Também é verdade, como de algum modo e implicitamente disse o Sr. Deputado Paulo Mendes, que também houve em algumas matérias e designadamente, relativamente à legislação laboral portuguesa de 95, aquilo que alguns considerarão algumas involuções, designadamente numa matéria que aqui é importante, embora a sua aplicação em Portugal tenha um travão temporal, ao nível do cálculo da indemnização por despedimento e o seu cálculo. Portanto, também é bom termos essa consciência.

Também a respeito da precariedade é bom também lembrar que ela existirá apenas nos casos e de acordo com os termos previstos no acordo laboral e na legislação portuguesa em que havendo um contrato a termo que se chega claramente à conclusão (ou que pelo seu número de revogações, ou pelo tipo de necessidade esse contrato não faria sentido, ou no fundo nós estamos perante

uma situação que corresponde àquele contrato) a este respeito que o número de trabalhadores a termo certo no universo global é verdadeiramente curto e será eventualmente abaixo da média do que se passa se calhar não só na ilha, como até no país em termos percentuais se formos a ver a relação entre contratos a termo e contratos de trabalho sem termo.

Pelas razões que também o Deputado Paulo Mendes reconhece alguma ponderação e que devem ser consideradas na discussão deste projeto de resolução em concreto, pela abrangência também referida pelo Sr. Deputado Artur Lima, achamos que este assunto necessariamente tem de ter e tem de ser tratado ao nível global, também por algumas incongruências e incompletudes deste projeto que face à sua importância e ao tema são graves e não são supráveis ao nível informal, nós votaremos contra.

Muito obrigado.

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra a Sra. Deputada Graça Silveira.

(\*) **Deputada Graça Silveira** (*Independente*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo e Membros do Governo:

Eu penso que este assunto há muito tempo discutido que é a necessidade de rever o acordo bilateral, que é um acordo que tem 25 anos, que tem sido eternamente adiado e penso que um pouco porque deixámos que se acreditasse que os Açores perderam a sua importância geopolítica para os americanos e que qualquer negociação que pudéssemos fazer agora, essa negociação seria sempre feita em baixa.

Penso que nós aceitarmos isto é nos enfraquecermos, porque mesmo que haja uma diminuição da importância geopolítica haverá sempre uma importância geoestratégica, estamos colocados no coração do Atlântico Norte e isso deveria ser um trunfo nas negociações.

Portanto, a revisão deste acordo eternamente adiada teve como consequência a perda sucessiva das contrapartidas para os Açores pela ocupação do nosso território pelas forças militares americanas.

Sr. Deputado João Paulo Corvelo, percebo a sua iniciativa. Penso que pedir ao Governo da República que inicie esta revisão é quase como que pedir uma prendinha ao Pai Natal, porque a verdade é que a diplomacia portuguesa tem se revelado muito pouco eficaz e com muito pouco poder negocial em relação às contrapartidas para Portugal e para os Açores pela nossa ocupação pelas forças militares americanas.

Muito obrigada.

**Presidente:** Obrigado, Sra. Deputada.

Tem a palavra agora o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

A apreciação que a Representação Parlamentar do PPM faz deste projeto de resolução é uma apreciação em que temos de referenciar que estamos em desacordo, em desacordo parcial.

Estamos em desacordo, porque nós consideramos que qualquer revisão que aqui venha a ser feita nesta matéria, no âmbito do acordo da Base das Lajes, entre os Estados Unidos e a República Portuguesa, tal como aqui já bem referenciou também o CDS-PP e é também a minha posição, é que este acordo tem de ser feito a todos níveis de uma forma global.

A nossa perceção é que neste momento se trata de um acordo que ao longo do tempo tem vindo a perder muitas das vantagens que tinha para a República Portuguesa e para a Região Autónoma dos Açores e acentuando-se muito progressivamente para a Região Autónoma dos Açores.

A perspetiva que nós temos é que nós temos de ter um papel mais importante na negociação, temos de ter um papel mais importante nas contrapartidas que

devem ser obtidas para a Região Autónoma dos Açores e que a República Portuguesa tem negociado estes acordos com os Estados Unidos de uma forma que não nos tem favorecido e que tem prejudicado também os interesses do conjunto do país, em especial os da Região Autónoma dos Açores.

Esta é a nossa perspetiva geral sobre esta temática. Não consideramos de forma nenhuma, e essa é uma imagem que nos querem vender, que a Base das Lajes esteja desvalorizada do ponto de vista geopolítico. Penso até que os recentes acontecimentos no Médio Oriente demonstram que há uma coisa que regressa sempre, o que regressa sempre é a história, a história está sempre de regresso. Não há fim da história, não há uma desvalorização de uma posição que secularmente foi sempre uma posição fundamental no Atlântico ao longo de todos estes séculos, ao longo dos últimos 500 anos.

Foi absolutamente fulcral quer para Portugal, quer para o conjunto das grandes potências que têm tido um papel importante no Atlântico.

Eu considero que o novo desenho geopolítico não desvaloriza de forma nenhuma a Base das Lajes e os Açores no seu conjunto. Muito pelo contrário. Acho é que está a desenhar um cenário geopolítico, que se está a aprofundar um cenário geopolítico, em que quer a posição da Região Autónoma dos Açores e de forma específica da Base das Lajes se está a acentuar e se está a fortalecer.

A pior coisa que nós podemos fazer quer em geopolítica, quer em qualquer contexto negocial, é desvalorizar a nossa posição. A posição que detemos não deve ser desvalorizada, não deve ser desvalorizada no discurso político, não deve ser desvalorizada do ponto de vista da negociação, porque é evidente que os interlocutores que se sentam do outro lado da mesa querem: é pagar e oferecer as contrapartidas, as mais baixas possíveis na defesa do interesse do seu país.

Ora, o nosso interesse é exatamente o contrário: é valorizar a nossa posição e conseguir obter as melhores vantagens possíveis do outro lado.

Por isso, considero que esta questão deve ser analisada num quadro mais geral, num quadro em que a Região Autónoma dos Açores seja largamente valorizada quer do ponto de vista laboral, dos nossos trabalhadores, quer do ponto de vista de dossiers que importa visitar e que importa acentuar as responsabilidades quer da República Portuguesa, quer dos Estados Unidos, como por exemplo na contaminação.

Nessas matérias qualquer negociação que venha a ser feita deve ser uma negociação mais complexa que deve ter em conta todas essas variáveis.

Portanto, a nossa posição é que não nos parece que seja favorável para a defesa dos interesses dos Açores e do conjunto do país que se faça uma negociação parcial. Penso que deve ser feita sempre uma negociação de conjunto, das várias variáveis que devem ser discutidas.

Por isso, nós não vamos votar favoravelmente esta iniciativa do PCP. Não é a melhor forma de defender os interesses do país e da Região Autónoma dos Açores.

**Presidente:** Obrigado, Sr. Deputado.

Sr. Presidente do Governo.

(\*) **Presidente do Governo Regional** (*Vasco Cordeiro*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

Peço a palavra para participar neste debate, porque me parece que a proposta de resolução que aqui está em análise e que foi apresentada pelo PCP toca num ponto sobre o qual é importante que seja no fundo também reafirmado um conjunto de posições que o Governo Regional tem ao longo do tempo e de diversas circunstâncias tornado públicas e que se relacionam e dizem respeito exatamente a esta matéria.

Não posso obviamente e não queria começar esta minha intervenção sem responder diretamente ao Sr. Deputado Paulo Mendes que sabe perfeitamente que a matéria que suscitou não tem a ver com a Comissão Bilateral, tem a ver



com a Comissão Laboral e que certamente tem os seus mecanismos no âmbito dos quais esses assuntos não acredito que não sejam colocados no âmbito da Comissão Laboral reunindo esses requisitos. Portanto, é uma matéria que tem dentro do próprio acordo laboral que existe os procedimentos e as metodologias de serem seguidos e que certamente terá essa abordagem, não no âmbito da Comissão Bilateral, mas isso também não lhe estou a dar novidade nenhuma, porque o senhor obviamente já sabia isso.

A proposta de resolução que é apresentada pelo PCP na apreciação do Governo Regional é uma proposta que no fundo (eu notei as nuances da intervenção do Sr. Deputado João Paulo Corvelo) querendo abranger pela sua intervenção aquilo que é clara e inequivocamente as limitações, fica muito aquém daquilo que deve ser dito neste momento em relação a esta matéria, a optar-se obviamente por suscitar essa matéria.

Esta Assembleia, julgo eu, pronuncia-se em função de propostas concretas, não em função das intervenções e dos discursos e em relação a proposta concreta o que temos é essa do PCP que fala apenas na revisão do acordo laboral e que fala apenas nesses termos. Isso é pouco e não deve ser visto dessa forma.

É nesse sentido que eu acompanho também aquelas que foram as posições já expressas por outras Sras. e Srs. Deputados nesta Assembleia quando me dizem que esta proposta de resolução fica aquém, muito aquém, a optar-se por esse caminho, da forma como este assunto deve ser tratado e deve ser abordado.

O problema não está no acordo laboral. O problema não está (e já agora permitam-me também esta referência) na relação entre os Açores e os Estados Unidos da América.

Eu pessoalmente acho que o problema também não está na relação entre Portugal e os Estados Unidos da América. Nós não ficámos zangados uns com os outros de repente.

Agora, da mesma forma que os Estados Unidos têm uma abordagem pragmática e muito clara quanto à defesa dos seus interesses, o que eu acho é que o nosso país também deve ter essa abordagem, clara e inequívoca em relação à defesa dos seus interesses.

Não é por causa disso que deixamos de ser menos amigos. Não é por causa disso que deixamos de comungar de um conjunto de valores, de um conjunto de princípios que independentemente da transitoriedade dos governos de um lado ou de outro permanecem e ligam duas democracias e dois países ocidentais que partilham um conjunto de valores e um conjunto de princípios, mas não é disso que nós estamos a falar aqui, nem aqui neste Parlamento, nem no que diz respeito à questão da eventual, ou daquilo que nós achamos que deve ser feito que é a renegociação do Acordo de Cooperação e Defesa da Base das Lajes. Mas então se repentinamente não ficámos zangados uns com os outros e não achamos que agora deixámos de ser amigos o que é que se passa para que no fundo se defenda esta revisão do Acordo de Cooperação e Defesa?

As circunstâncias alteraram-se e não é possível hoje termos uma perspetiva quanto à justeza e equilíbrio de um acordo que se baseou em circunstâncias que se alteraram radicalmente desde a altura em que ele foi assinado há cerca de 25 anos atrás.

As circunstâncias mudaram e já o disse em diversas circunstâncias também que, neste momento, no âmbito deste Acordo de Cooperação e Defesa, mas no que tem a ver na relação com a Região Autónoma dos Açores (eu não falo por todo o país, porque também não sei o que se passa em relação a todo o país) e naquilo que essa relação releva para esse Acordo de Cooperação e Defesa esta é uma relação profundamente desequilibrada em prejuízo do nosso país e é por isso que deve ser alterado com a serenidade e com a tranquilidade de quem deve encarar estas coisas não na perspetiva da “faca e do alguidar” se

defendermos isso somos contra os americanos, nem que se não defendermos isso estamos subjugados aos americanos.

**Deputada Mónica Rocha (PS):** Muito bem!

**O Orador:** Não! As circunstâncias alteraram-se. Há interesses dos Estados Unidos da América e há interesses de Portugal e esses interesses, neste momento, o acordo que existe, não é um acordo que dê no fundo um enquadramento equilibrado a essa relação.

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito bem!

**O Orador:** Eu gostava a este propósito, Sras. e Srs. Deputados, de, com a vossa licença, citar o seguinte: “Passados 22 anos da assinatura do acordo o cômputo dos benefícios tangíveis e intangíveis resultantes do mesmo para o país em geral e para os Açores em particular terá que ser feito cuidadosa e judiciosamente, bem como a análise da forma como os mecanismos institucionais funcionaram, na base dos factos, com objetividade e sem emotividade.

Mas acho [e continuo a citar] que uma constatação é certa [estou a citar] é que o contexto se alterou radicalmente desequilibrando os dois pratos da balança: da parte americana continua a haver o uso com exclusividade em relação a qualquer outro país de umas instalações militares de primeiríssima qualidade, numa localização estratégica no meio do Oceano Atlântico; do lado português deixamos de beneficiar de uma presença significativa de militares americanos necessitando de mão de obra portuguesa e implicando gastos de funcionamento e investimentos com considerável impacto na economia na ilha Terceira.

Portanto, [continuo a citar e para concluir] as premissas sobre as quais discutimos o Acordo de Cooperação e Defesa alteraram-se radicalmente, justificando porventura a revisão do acordo.” Fim de citação.

Quem assim fala é o Embaixador Pedro Catarino, Representante da República para a Região Autónoma dos Açores, que o fez em artigo de opinião publicado

no dia 26 de setembro de 2017 e a razão pela qual cito aqui não é pelo facto dele ser o Representante da República para os Açores, mas pelo facto dele ter sido entre 89 e 92 o chefe da Delegação Portuguesa para a Negociação do Acordo das Lajes e de um novo Acordo da Cooperação e Defesa entre Portugal e os Estados Unidos, o Presidente da Comissão Interministerial sobre as Relações Político Militares entre Portugal e os Estados Unidos e entre 2002 e 2006 ter sido o Embaixador de Portugal em Washington.

Portanto, é uma posição especialmente qualificada na sua análise e no fundo da perspectiva e com o conhecimento que tem de todo este processo.

Eu sei que (vamos dizer desta forma) Lisboa se sente particularmente incomodada com esta posição, porque a última coisa que necessitaria era que efetivamente agora, por razões várias, que não têm a ver só com a conjuntura política, mas que estruturalmente têm a ver com o facto como alguns espíritos veem essas coisas e veem a participação da Região Autónoma dos Açores nestes processos, que a última que devia acontecer era efetivamente ter da parte dos Açores alguém que chamasse a atenção e que dissesse “o rei vai nu”. “O rei vai nu!”

Portanto, é uma prerrogativa do Estado. Não há mínima dúvida suscitar a revisão do acordo de cooperação e defesa. É verdade. Mas com as prerrogativas também vêm as responsabilidades e não é só uma prerrogativa do Estado suscitar a revisão do acordo, como é uma responsabilidade do Estado zelar para que os seus interesses, nos quais se incluem os interesses da Região Autónoma dos Açores, sejam efetivamente defendidos e ocorre-me aqui uma expressão que no início de todo este processo em 2013 ou 2014 alguém me disse a propósito de tudo isto é que os estados são como as pessoas, têm face e podem perder a face.

Acho que a pior coisa que poderia acontecer era que efetivamente nós de tanto querermos normalizar uma situação que não é normal, que necessita de ser

olhada com, como diz o Sr. Embaixador Pedro Catarino, “objetividade e sem emotividade” isso conduziu a uma condição em que o nosso país perca a face. Portanto, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo, a forma como o Governo aprecia a proposta de resolução do PCP é a seguinte, para sintetizar: primeiro, o assunto em si é um assunto importante, a questão dos trabalhadores da Base das Lajes é efetivamente uma matéria importante, mas ao querer resolver desta forma, este assunto, o PCP comete um erro, fixa-se na “árvore e esquece a floresta” e é por isso que nós não podemos aceitar esta proposta de resolução naquilo que tem a ver com o Governo. Não é aceitável. Não é aceitável, porque apesar do seu esforço de argumentação daquela tribuna de querer no fundo, através da palavra, tentar compor aquilo que a escrita desmente cruamente, o PCP tem uma visão deste assunto curiosamente que se centra até nesta parte.

Aliás, devo dizer que até fiquei admirado por aquilo que ouvi, o que me pareceu, do próprio PCP lamentar o desinvestimento dos Estados Unidos na sua capacidade militar, mas o mundo já não é o que era. O mundo já não é o que era definitivamente!

Portanto, esta proposta não é uma boa proposta na forma como pretende salvaguardar interesses meritórios.

Em segundo lugar, mais cedo ou mais tarde esta questão global vai-se colocar e quanto mais tarde houver a consciência, não da parte desta Assembleia, porque em relação a esta Assembleia me parece que essa consciência já está perfeitamente clara, cada um com a sua opinião e com as suas diferenças, mas a nível nacional quanto mais tarde houver a consciência de que esta situação não é a todos os níveis uma situação que seja sustentável no plano do equilíbrio e da razoabilidade de uma relação pior será para o nosso país.

É pena que seja assim, mas infelizmente parece que se caminha para aí e parece que estamos efetivamente nessa posição.

Portanto, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo, a forma como o Governo encara esta proposta de resolução em concreto e este assunto no geral é esta, justificando desta forma que na sua apreciação esta proposta de resolução do PCP não deva ser aprovada.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Dou agora a palavra ao Sr. Deputado Paulo Mendes.

(\*) **Deputado Paulo Mendes (BE):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Secretários Regionais:

Dirijo-me a si, Sr. Presidente, e de facto quando fiz o enquadramento da questão que lhe coloquei, citei uma resposta a uma série de perguntas por escrito, dirigidas pelo nosso grupo parlamentar na Assembleia da República ao Governo da República, e de facto o que está aqui referido é que “a situação [e passo a citar] referida pelo Bloco de Esquerda [ou seja, a situação dos 14 trabalhadores alegadamente temporários, apesar de até haver casos de estarem temporários desde 2001 em clara desobediência àquele que é um regulamento que neste momento está em vigor] não foi submetida à Comissão Laboral” e tal como o Sr. Presidente nos transmitiu esse deve ser o trâmite normal, deve ser a Comissão Laboral a instância onde serão dirimidos estes problemas, entre os quais a situação destes 14 trabalhadores temporários.

Mas isto é no domínio do deve, porque também é verdade que nada impede que o Governo Regional possa de alguma forma diligenciar junto do Governo da República para que introduza este tema (e quando digo aqui tema, o tema tem a

ver com questões laborais que estão neste momento até contempladas nos vários normativos laborais que regulamentam as relações laborais na Base das Lajes), por exemplo, esta questão tão premente destes trabalhadores temporários, na ordem de trabalhos da próxima reunião de Comissão Bilateral, porque a Comissão Bilateral serve justamente para dirimir aqueles que são problemas ou aspetos menos claros que dizem respeito ao cumprimento dos acordos e das normas, entre as quais as normas laborais, e não só a relação entre dois estados no que diz respeito ao Acordo de Cooperação e Defesa. Poderão muito bem ser introduzidas na ordem de trabalhos questões relacionadas com o trabalho, tal e qual como já foram introduzidas e bem questões relacionadas com o ambiente.

Aliás, tive ocasião de salientar aqui o exemplo do acesso à medicina no trabalho, que neste momento não é uma garantia dada aos trabalhadores portugueses da Base das Lajes e que tem implicações naquela que será uma avaliação a ser feita no impacto na saúde destes trabalhadores decorrente dos vários focos de poluição resultantes da atividade militar norte-americana na Base das Lajes. Por isso é que consideramos que seria importante que o Governo Regional, é verdade que esta é uma matéria que deve ser dirimida em Comissão Laboral, mas também é verdade que pode muito bem ser introduzida na Comissão Bilateral.

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem agora a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

É só para muito sinteticamente expressar a posição do PPM na sequência da intervenção do Sr. Presidente do Governo e dizer o seguinte: em primeiro lugar, que o PPM se identifica com a posição descrita por V. Exa. em relação a esta

matéria, nos identificamos totalmente do ponto de vista estratégico e da leitura que faz nesta questão.

Em segundo lugar, para dizer a V. Exa. que quando quiser adotar uma posição mais, vamos dizer, musculada junto de Lisboa poderá contar com o PPM para essa matéria, estará obviamente ao lado do Governo dos Açores, ao lado da defesa dos interesses dos Açores.

**Presidente:** Muito obrigado.

Tem a palavra o Sr. Presidente.

(\*) **Presidente do Governo Regional** (*Vasco Cordeiro*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado Paulo Mendes, eu não respondo pelo Governo da República. Portanto, o Governo da República respondeu aquilo que entendeu responder ao Bloco de Esquerda na Assembleia da República.

Devo-lhe dizer que também não posso deixar de achar estranho que o Bloco de Esquerda receba uma resposta do Governo da República, na Assembleia da República, e depois venha para o Parlamento dos Açores perguntar as coisas ao Governo Regional, mas a resposta concreta à sua questão é tão só esta: todos os assuntos que no âmbito da Comissão Laboral, no âmbito daquilo que é o representante da Região Autónoma dos Açores na Comissão Laboral do acordo (e isso tem acontecido sempre) são suscitados e que no fundo reúnem esses requisitos para serem colocados, foram, são e serão sempre colocados. Não há qualquer questão de princípio em relação a isso. Logo que sejam assuntos que reúnam efetivamente os aspetos que devem ser colocados, serão e são colocados nesse âmbito que não é a Comissão Bilateral, é a Comissão Laboral.

Sr. Deputado Paulo Estêvão, eu devo dizer a bem da verdade que aquilo que o Sr. Deputado (e acho que devo dizê-lo para a ata, para o diário das sessões) acabou de transmitir aqui é no fundo reiterar aquilo que noutras circunstâncias e em diversas circunstâncias teve a oportunidade de me transmitir, ou seja,



independentemente de haver diferenças de opinião, mas que a Representação Parlamentar do PPM está no fundo comprometida com uma solução que seja a melhor solução para a defesa dos interesses dos Açores. Até este momento as posições que têm sido expressas pelo Governo Regional sobre esta matéria têm merecido essa apreciação e acho que a bem da justiça e da verdade devo também reconhecer neste plenário que isto que o Sr. Deputado disse hoje, aqui, não foi a primeira vez. Já me tinha transmitido diversas vezes e tem-no não só transmitido, não só verbalizado, como concretizado.

Por último e em relação à questão da resolução. Eu acho que é muito importante o sinal que este Parlamento (e peço desculpa por tomar o vosso tempo para mais alguma reflexão sobre isso) vai dar em relação a esta proposta de resolução, sobretudo com o enquadramento que este assunto tem, porque se do ponto de vista dos partidos aqui representados há uma unanimidade e uma perceção clara que aquilo que nós temos como representantes, como órgãos de Governo próprio da Região, é não a termos a árvore, mas no fundo reclamarmos aquilo que é uma solução global, que realmente defenda os interesses de cada um dos intervenientes, dos trabalhadores, mas que não esqueça os outros interesses, esta proposta de resolução não pode ser aprovada neste Parlamento e o sinal que os partidos políticos e que alguns já deram aqui é efetivamente de que a nossa visão é mais ampla, ou seja, que é um assunto laboral, é verdade!, mas que esse assunto laboral não esgota a nossa atenção em relação às outras componentes.

A delicadeza, a sensibilidade e a importância deste aspeto leva-me no fundo a colocar esta questão também nesse pé, porque é a formalização da posição deste Parlamento através do voto de cada um dos partidos de que aqui estamos a falar.

Portanto, o PCP entendeu seguir este caminho, mas o que resta também saber e aquilo que resultará desta votação é se efetivamente em relação à Base das

Lajes nós achamos que temos apenas um problema laboral e que temos apenas de resolver um problema por via do acordo laboral ou não. Nós temos um problema laboral, nós temos um problema ambiental, nós temos um problema de contrapartidas, nós temos vários problemas ...

**Deputada Mónica Rocha (PS):** Muito bem!

**O Orador:** ... que sem emotividade e com toda a objetividade merecem uma solução global.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Dou agora a palavra ao Sr. Deputado César Toste.

(\*) **Deputado César Toste (PSD):** Sr. Vice-Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

A situação da globalidade que o senhor falou é extremamente importante e acho que é importante nos unirmos nesta Casa nesta situação da revisão geral.

Entretanto, há um trabalho que tem sido feito pela comissão representativa dos trabalhadores e que eles tiveram o cuidado de nos últimos tempos falarem com todos os partidos e também foram ouvidos no âmbito do projeto de resolução do Bloco de Esquerda que tem o seu mérito, porque põe em questão a situação laboral da parte dos trabalhadores, embora nós concordamos que deve ser revisto no geral. Das situações que eles nos apontaram, Sr. Presidente, há aqui uma situação que estão a tentar pedir esclarecimentos relativamente e gostava também de saber a opinião do Governo dos Açores relativamente a isso. Eles

falam da situação dos 416 trabalhadores por causa da situação dos precários e falam da situação do teto máximo.

Qual é a posição do Governo dos Açores relativamente a esta situação?

Quais são as informações, se o senhor as tem, se já vinha da negociação do downsizing que iria haver um contingente mínimo, que eram os 417, ou se iria haver aquele teto máximo?

É a minha pergunta.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra o Sr. Presidente do Governo.

(\*) **Presidente do Governo Regional** (*Vasco Cordeiro*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Sr. Deputado César Toste, a situação dos 417 trabalhadores surge num contexto de uma intenção de redução para 300. Portanto, face a uma intenção inicial de redução para 300 foi possível garantir esses 417, fruto do contributo e do trabalho de diversas entidades, inclusive das comissões representativas dos trabalhadores.

Não está em lado nenhum assumido nem que é teto mínimo, nem que é teto máximo. Naquele contexto este foi o número a que se chegou. Portanto, desse ponto de vista, Sr. Deputado, o que eu gostaria de lhe transmitir é o seguinte: em termos de força laboral portuguesa na Base das Lajes, da forma como eu vejo essa situação, é que podem eventualmente ser necessários mais e das forças americanas contratarem mais trabalhadores. Naquele contexto que em 2014 e 2015 se colocou uma redução que ia a estes valores de 300 e que depois fruto também do trabalho de várias entidades foi possível situar aí.

Portanto, eu não posso em consciência dizer-lhe que esse número dos 417 foi fixado *ab initio* como um número que se adequava ou não adequava à globalidade das funções e do potencial da Base. Não! Não chegou a esse ponto.

Teve foi uma relação concreta com um objetivo que tinha sido definido, com um trabalho que foi feito e que se chegou a esse número, como se chegou também em relação ao número de 168 de militares norte-americanos que prestam serviço na Base.

Muito obrigado.

**Deputado José San-Bento (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Tem de novo a palavra o Sr. Deputado César Toste.

(\*) **Deputado César Toste (PSD):** Sr. Vice-Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Sr. Presidente, a situação que depois se colocou foi que na reunião que nós tivemos de esclarecimento da parte da comissão de trabalhadores (e não sei se chegou ao Governo) foi de que quando há essa situação dos precários, nomeadamente do funcionário que entretanto já foi para casa no mês de dezembro e do funcionário que agora neste mês de janeiro supostamente vai para casa, quando se pôs esta situação de resolver-se mediante a situação de alargar o número de trabalhadores acima de 417, o que é dito pela entidade americana, segundo a comissão de trabalhadores, é que os 417 são o teto máximo. Por isso mesmo a pergunta se relativamente ao esclarecimento este valor de onde é que aparece, porque realmente está a servir para a entidade americana dizer que não podem contratar aqueles trabalhadores temporários que são importantes e que eles dizem que estão a efetuar trabalho permanente, mas que não podem contratá-los a regime permanente porque aquele é um teto máximo.

Se isto não é correto da parte americana não sei se já tem mais algumas informações em contraproposta, se isto vai ser levado a Comissão Laboral.

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem de novo a palavra o Sr. Presidente do Governo.

(\*) **Presidente do Governo Regional** (*Vasco Cordeiro*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Eu, sem prejuízo da importância que o assunto tem e que efetivamente tem, gostava de neste momento me centrar naquilo que está em discussão e o que está em discussão é uma proposta de resolução do PCP que circunscreve a necessidade de alteração do acordo ao acordo laboral e em termos imprecisos e generalistas como aqueles que constam da proposta.

Podemos ter outras ocasiões para certamente esclarecer este assunto para além daquilo que eu já lhe referi na primeira intervenção, mas em relação a esta proposta do PCP e a importância de que se reveste o voto que esta Assembleia vai tomar em relação a esta proposta, é que me parece efetivamente essencial referir neste momento.

O caráter definidor relativamente a cada um dos partidos aqui representados e também ao Governo, e que o Governo já procurou esclarecer pela sua intervenção, daquilo que entende em relação à Base das Lajes e à presente situação da Base das Lajes.

É este o problema ou queremos ter uma abordagem global em relação a esse assunto e consideramos que a globalidade desse precisa de ser revisto?

Os que acharem que há apenas um problema laboral, pois muito bem, como o PCP votarão a favor da sua proposta; aqueles que acharem que devemos ser mais ambiciosos na forma como se encara este assunto e até na relação que há com a República, pois, não havendo a possibilidade de outra possibilidade têm um sentido de voto claro em relação a esta proposta que, na opinião do Governo e conforme já aqui referi, acho que não deve ser aprovada exatamente pelo sinal político que dá errado de limitar e de circunscrever esta problemática à questão laboral.

Muito obrigado.

**Deputado Francisco César (PS):** Muito bem!

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Presidente.

A Mesa não tem mais inscrições.

Vamos então passar à votação deste projeto de resolução.

As Sras. e os Srs. Deputados que concordam façam o favor de se manter como estão.

As Sras. e os Srs. Deputados que votam contra, façam o favor de se sentar.

As Sras. e os Srs. Deputados que se abstêm façam o favor de sentar.

**Secretária:** A proposta apresentada foi rejeitada com 29 votos contra do Partido Socialista, 2 votos contra do CDS-PP, 1 voto contra do PPM, 2 votos a favor do Bloco de Esquerda, 1 voto a favor do PCP, 19 abstenções do PSD e 1 abstenção da Deputada Independente.

**Presidente:** Sr. Deputado César Toste, para?

Uma declaração de voto, faça favor.

(\*) **Deputado César Toste (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente do Governo, Srs. Membros do Governo:

O PSD absteve-se neste projeto de resolução. Dá valor ao trabalho que o PCP tem em chamar aqui à situação dos trabalhadores que neste momento estão numa situação que estão a defender os seus direitos, mas achamos que o acordo laboral deve ser defendido no contexto global do Acordo de Cooperação e Defesa da Base das Lajes.

É importante que esta situação dos trabalhadores seja resolvida, seja a nível de regulamento interno, seja a nível do regulamento de trabalho, mas é importante que o acordo no geral seja revisto na sua globalidade.

Obrigado.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Tem a palavra agora a Sra. Deputada Graça Silveira.

(\*) **Deputada Graça Silveira** (*Independente*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sr. Presidente, Srs. Membros do Governo:

Exatamente por reconhecer a importância da necessidade de alterar o acordo laboral, não votei contra a iniciativa.

**Deputado João Paulo Ávila** (*PS*): Mas também não votou a favor!

**A Oradora:** Percebendo a importância que há de contextualizar esta alteração como uma alteração do próprio acordo bilateral e que nas palavras do Sr. Presidente do Governo, e bem, lembrou a opinião em 2017 do Representante da República, considerando uma pessoa abalizada para o fazer e a dizer que efetivamente o acordo bilateral neste momento está muito desequilibrado no sentido dos benefícios que a Região tem e dos benefícios que os americanos têm de ocupação do nosso espaço com uma base militar, de 2017 até agora nada aconteceu.

Espero que toda a ponderação que é necessária, e é; e toda a objetividade e racionalidade necessárias que são, não fiquemos eternamente à espera que o Governo português tenha a capacidade de levar a cabo todas as negociações que serão necessárias para que este acordo bilateral seja alterado e que seja alterado de forma a proteger os açorianos.

Muito obrigada.

**Presidente:** Muito obrigado, Sra. Deputada.

Para uma declaração de voto tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

(\*) **Deputado Francisco Coelho** (*PS*): Sr. Presidente da Assembleia, Sr. Presidente do Governo, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Membros do Governo:

Creio que ao longo do debate ficou claro, mas queria reafirmar os fundamentos da posição do Partido Socialista que não andarão longe com certeza, o que é natural, quer da posição do Governo, quer das posições manifestadas quer pelo CDS-PP, quer pelo PPM, no sentido desta recusa da viabilização desta

resolução não é um menos, é um mais, é porque no fundo achamos que se deve ir mais longe em termos de matéria e em termos daquilo que está em causa para os Açores e para Portugal acerca deste acordo de defesa que tem estas vertentes que foram aqui enumeradas e descritas.

Percebemos que os partidos também à nossa esquerda, um porque é o proponente, naturalmente, tenham uma posição mais laborista e mais centrada nesta questão e que a privilegiem neste caso em exclusivo.

Pelos vistos o PSD conseguiu ter uma terceira posição, é uma posição de “nim”.

**Deputado Luís Maurício (PSD):** Sei que segue instruções, mas é uma declaração de voto!

**O Orador:** De qualquer modo em pré-congresso a posição do PSD em matéria tão importante é tão substantiva como a moção global que estará em discussão.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo:** Muito bem! Muito bem!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Para uma declaração de voto tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão.

(\*) **Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Muito obrigado, Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sr. Presidente e Membros do Governo:

A posição do PPM não poderia ser nunca a posição de apoiar o projeto de resolução do PCP nesta matéria, tendo em conta que nós consideramos que nem sequer seria favorável para os trabalhadores se fosse hipoteticamente possível realizar uma negociação desse tipo não partíamos da posição mais forte.

A posição mais forte é realmente colocarmos todas as variáveis e negociar em conjunto os interesses da Região nesta matéria e nesse sentido estou



absolutamente convencido, não tenho nenhuma dúvida, que é nesse contexto de negociação que se favorecem mais os trabalhadores e esta posição de negociar de forma isolada esta questão, ainda por cima com uma forma imprecisa de facto e sem concretização, não favorecia em nada os interesses dos trabalhadores. Era uma posição muito fraca e irresponsável da nossa parte.

Por isso, obviamente votei contra a iniciativa do PCP.

Considero é que agora da nossa parte o que nós temos a fazer é defender o sistema autonómico, defender a Região Autónoma dos Açores, os nossos interesses junto do Estado, procurando encontrar o melhor momento para o fazer, porque nestas questões deste tipo de negociações é muito importante o conjunto de posições que definimos, o rigor com que as definimos, a preparação com que definimos, mas também a escolha do momento em que estas posições podem ser colocadas em cima da mesa e em que se força uma posição a favor dos interesses da Região Autónoma dos Açores, a favor do povo dos Açores e, portanto, defendendo todas as posições, inclusivamente aquela que o PCP pretendia defender nesta iniciativa, mas cuja abordagem não favorecia o conjunto dos interesses dos Açores, nem favorecia os interesses dos trabalhadores açorianos que se encontram nessa posição.

**Presidente:** Muito obrigado, Sr. Deputado.

Sr. Deputado, para?

**Deputado Paulo Estêvão (PPM):** Sr. Presidente, no sentido de solicitar um intervalo regimental de 15 minutos.

**Presidente:** É regimental.

Regressamos às sete e 25 minutos.

*Eram 19 horas e 10 minutos.*

**Presidente:** Sras. e Srs. Deputados, vamos então continuar com a nossa Agenda.

*Eram 19 horas e 27 minutos.*

Entramos no ponto seis da nossa ordem de trabalhos: **Projeto de Resolução n.º 151/XI – “Que o Governo Regional, através das entidades por ele tuteladas, assumia todas as responsabilidades logísticas e financeiras relacionadas com a construção, reparação e manutenção dos reservatórios agrícolas na ilha do Corvo”**, apresentado pela Representação Parlamentar do PPM.

Rege esta matéria o artigo 145.º do nosso Regimento. Os tempos são os que habitualmente utilizamos nesta figura regimental.

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Estêvão para a apresentação do diploma Sr. Deputado?

**Deputado Francisco César (PS):** Era para pedir um intervalo regimental de 30 minutos.

**Presidente:** É regimental. Dada a hora, encerramos os nossos trabalhos. Regressamos amanhã às 10 horas.

*Eram 19 horas e 29 minutos.*

(\*) Texto não revisto pelo Orador.

***Deputados que entraram durante a Sessão:***

***Partido Socialista (PS)***

**André Cláudio Gambão Rodrigues**

**António Gonçalves Toste Parreira**

**Francisco Manuel Coelho Lopes Cabral**

**João Paulo Ávila**

**José Manuel Gregório de Ávila**

**Pedro Miguel Medeiros de Moura**

*Partido Social Democrata (PSD)*

**António Oldemiro das Neves Pedroso**

**Duarte Nuno d'Ávila Martins de Freitas**

**Maria João Soares Carreiro**

*Partido Popular (CDS/PP)*

**Alonso Teixeira Miguel**

*Deputados que faltaram à Sessão:*

*Partido Popular (CDS/PP)*

**Catarina Oliveira Cabeceiras**

*As redatoras, Ana Machado e Sara Azevedo*